Anno XXXII
N. 38
Preço 1$500

Revista da Semana

5 de Setembro
de
1931

Aspecto da elegante assistencia da Tarde de Arte realizada pelo Club Militar, em homenagem ao Dia do Soldado.

— Mas por que não queres beijar a ama? Dize...
— Tenho medo que ella me dê um sopapo, como hontem deu em papae!

Nobreza espanhola

Prohibindo que nos actos officiaes se mencionem os titulos de nobreza e que o ex-rei seja designado doutra maneira senão por Don Alfonso de Bourbon, não fez o actual governo de Espanha mais do que seguir o exemplo da primeira Republica daquelle paiz.

Conta-se, a proposito, que o Duque de Tamanes, primo da Imperatriz, mandou naquella época fazer cartões de visita com os dizeres: José Maria y Gayoso de los Cobos, anteriormente Duque de Tamanes".

Esse grande de Espanha, caçador apaixonado, era um typo bastante original. Quando tinha convidados a almoçar, o serviço era confiado a velhos servos em libré de caça verde e prata, de trompa a tiracollo e terrivelmente barbados. A refeição era servida em pratos de prata cinzelada. Duas badaladas de sineta annunciavam a chegada de cada convidado; só para annunciar o rei se davam tres badaladas.

Num pateo proximo da sala de jantar havia uma capella e ahi se dizia missa com a assistencia de todos os convidados.

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXII | Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1931 | NUMERO 38

Exaltado, cheio de indignação, o sr. Beça contou á autoridade que sua esposa o abandonara sem a menor razão e levando comsigo...

(*Dum jornal*).

— Ora, vamos... Calma, calma...

— O senhor Commissario fala bem! Quem pode deixar de se revoltar com semelhante patifaria?

— Bom, mas a gente reflecte, domina-se...

— Isso diz o senhor. Queria vel-o no meu logar!

— Muito amavel. Agradeço... mas não acceito. E vamos ao que importa. Sua esposa...

— ...fugiu esta manhã de casa, senhor Commissario, levando tudo o que poude, até o cachorrinho que eu tinha criado e ensinado com tanto capricho, tanta affeição... O Peralta! Que animal aquelle, nem o senhor imagina! Uma graça, uma alegria... Sempre com as orelhas muito em pé, o rabo numa dansa... Festeiro! Quando eu chegava de fóra, parecia doido de contente. Corria pela casa toda, derrubava uma porção de coisas e era cada pulo por mim acima! Outras vezes, pedia para eu o pôr nos joelhos. Ahi, então, ficava muito quietinho, muito encolhido, com os olhos muito fechados, quasi sem respirar — como se estivesse no céu! Aqui ha tempo, tive que fazer uma pequena viagem, coisa de tres dias. Pois o bicho, durante a minha ausencia, deixou-se ficar a um canto, triste, triste, a suspirar... e não houve meio de o fazerem comer coisa alguma! Quando cheguei, encontrei-o magro, abatido... E no meio da alegria louca em que me recebeu ficou um momento com os olhos nos meus, muito sério, magoado, como se me dissesse: "Então isto se faz, deixar assim o pobre Peralta?" Meu Peralta querido! Não affirmo que, comparado a outros, fizesse grande figura... Sim, como estampa, coitado, pouco valeria... Uma vez, levei-o á Exposição Canina e os juizes foram passando adiante, quasi sem olhar para elle. Indignei-me, protestei. Responderam-me que só eram admittidos a julgamento animaes de raça definida e pura. Disposto até a brigar, se fosse preciso, respondi-lhes nas bochechas: "Mas isso é um desaforo! Então as qualidades moraes não valem nada?" Felizmente metteram-se varias pessôas que — dando-me toda a razão, está visto — me pediram para ter paciencia, evitar o escandalo. Accommodei-me. Mas, se não interviessem esses terceiros, appellando para o meu cavalheirismo etc. etc, ou o Peralta era premiado ou ia alli tudo raso! E o senhor, com franqueza: Não acha que eu tinha toda a razão?

— Sim, é possivel. Mas o senhor divagou, fugiu ao assumpto...

— Desculpe, senhor Commissario...

— Comprehendo, comprehendo perfeitamente. Na excitação nervosa em que se encontra, não pode dizer as coisas com muita precisão. Precisa de desabafar...

— Se preciso!

— Portanto, é natural que fale sem contar as palavras nem o tempo perdido com incidentes e detalhes que afinal pouca importancia teem perante o caso propriamente dito...

— Perdão...

— Deixe! Eu conheço esses estados de alma. E, longe de sentir qualquer irritação ou impaciencia, creia que lamento deveras...

— O senhor é o modelo das autoridades!

— Faz-se o que se pode.

— Com um commissario assim, até deve dar prazer — além da honra — ser preso!

— Muito obrigado. Mas estavamos no ponto... sim... em que sua senhora desertou o domicilio conjugal. Quando mesmo?

— Esta manhã. Cheguei para almoçar e... Calcule o senhor o apetite com que fiquei ao saber do procedimento daquella miseravel!

— Calculo, pois não...

— Além disso... nem o almoço estava prompto! Encontrei os generos crús em cima da mesa da cozinha. Como estavamos sem criada ha dois dias, era ella que cozinhava. Por signal que, ainda antes de eu sahir para o trabalho, me promettera um camarão com quiabos... O meu prato predilecto, senhor Commissario, o primeiro quitute do mundo! Pois lá estavam os quiabos, lá estava tudo... Mulher sem coração!

— Oh, ellas, nesses momentos, só pensam... no outro!

— O outro...

— Não desconfia quem seja?

— Não, senhor. E, para falar francamente, nem me importa.

— Se, porém, se tratasse duma dupla traição, quer dizer: se o cumplice fosse um amigo seu...

— Não creio.

— Quem sabe? Os amigos... são para as occasiões. Para estas occasiões.

— De qualquer modo, senhor Commissario... O homem, para mim, está fóra de discussão. Não me interessa, acabou-se!

— Maneiras de ver. Falemos então unicamente de sua esposa. Ha quanto tempo eram casados?

— Seis annos e tanto.

— E davam-se bem?

— Assim, assim. Como os outros casaes.

— De maneira que nunca o senhor desconfiou...

— Nem por sombras.

— E' curioso! E... Não leve isto á conta de vulgar curiosidade. Move-me apenas o intuito de conhecer claramente o caso, para ver o que realmente me compete ou posso fazer...

— Muito obrigado. Mas o que eu desejo é unicamente...

— Divorciar-se? Com effeito, dará assim ao caso uma solução mais digna, mais elevada do que recorrendo, como tantos outros, aos meios violentos.

— No emtanto, senhor Commissario...

— Bem sei, as nossas leis são, a tal respeito, deficientes. Não resolvem o problema dum modo definitivo, completo.

— E a questão é que...

— Talvez, porém, se possa conseguir a annullação do casamento. Estando ella de accordo e arranjando-se um bom advogado... Eu proprio lhe indicarei um, de primeira ordem!

— Mas, pelo amor de Deus, senhor Commissario, eu não penso em me divorciar, não penso em nada disso!

— Adopta então a solução que muitos consideram mais nobre ainda: perdoar. Coração magnanimo!

— Emfim, senhor Commissario...

— Coração sublime! Deixe o caso commigo. Embora a natureza da diligencia não esteja propriamente na alçada da Policia, eu mesmo irei buscar a esposa imprudente, irreflectida e...

— Mas, com mil bombas, senhor Commissario, dê-me licença! Eu não me estou incommodando com a esposa. Não quero a esposa para nada! O que eu quero é o meu Peralta! O cão, o cão, o cão!

João Luso

ASSALTO E ROUBO conto de H. J. Magog

— E' comtigo... disse a senhora Charosson, offerecendo o phone a seu marido. — Chamam-te com toda a urgencia ao armazem.

— Não ha de ser coisa assim, de tanta pressa... respondeu o commerciante, sem largar a chicara de café com que se deleitava.

Mal, porém, ouviu as primeiras palavras da communicação, toda a sua serenidade se transformou em surpresa e alvoroço.

— Como! gritou elle, todo vermelho... Assaltaram o escriptorio? A empregada de vigia amarrada e amordaçada? Vou num instante!

A victima, senhorinha Suzanna Noizay, linda morena dos seus vinte annos, grandes olhos sempre risonhos mas agora apavorados e cheios de lagrimas, debatia-se entre os policiaes que a interrogavam sobre o caso.

Numa rapida vista de olhos o sr. Charosson se certificou de que nem as vitrines nem as prateleiras haviam sido saqueadas. O saque limitara-se á gaveta que servia de caixa e que fôra esvaziada e atirada para o meio do armazem. Quanto ao resto da desordem evidentemente fôra causado pelos policiaes e as pessôas atrahidas pelos gritos da senhorinha Noizay.

— Em summa, que aconteceu? perguntou, nervoso, o sr. Charosson.

— Roubaram o dinheiro... balbuciou a empregada, com os olhos fitos na gaveta vazia.

— Até ahi... commentou, em voz sarcastica, um dos inspectores — A quem tenho a honra...

— Sou Jorge Charosson, declarou o negociante.

— E' o patrão, esclareceu timidamente Suzanna.

— Muito bem. O senhor vae fazer o favor de nos informar quanto á importancia do roubo.

— Desejava saber primeiro como as coisas exactamente se passaram. E' certo, Suzanna, que a amarraram, a amordaçaram?

— E com vontade! gracejou um dos inspectores — Gastaram corda a valer os taes sujeitos!

E indicou, amontoados no chão, os pedaços de fio grosso que tinham servido para manietar a victima.

— Felizmente para elles, não tiveram que a comprar... continuou, no mesmo tom de troça, o policial. — Encontraram-na ahi mesmo, debaixo do balcão. Foi a menina que lhes indicou o logar?

— Eu não, senhor! protestou a empregada.

— Então, elles adivinharam. Mesmo porque, conforme a menina acaba de contar, a scena se passou com extraordinaria rapidez...

Era evidente o embaraço da moça. Não foi por ter pena della, mas porque seguia o fio das suas cogitações pessoaes, que o sr. Charosson desviou o interrogatorio:

— Viu bem os homens que a atacaram? Por onde entraram elles no armazem? Quantos eram?

Suzanna lançou-lhe um olhar desesperado:

— O medo transtornou-me completamente. Não me posso lembrar ao certo. Creio, porém, que seriam... cinco ou seis... Estavam mascarados. Com certeza entraram na loja, estando eu de costas... Atiraram-se a mim; num momento me puzeram uma venda nos olhos, me amordaçaram... Depois...

— Aliás, a venda não a impediu de notar que os homens estavam mascarados... observou ironicamente um dos policiaes.

— Quer dizer: eu, certeza, não tenho... Amarraram-me...

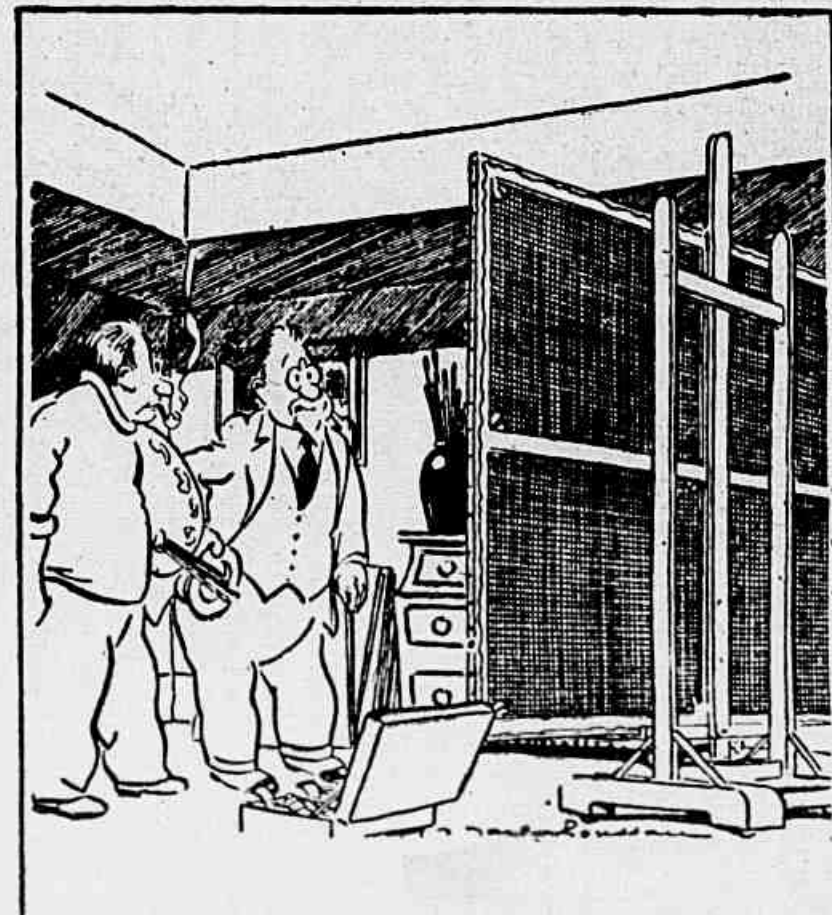
— Muito mal. O nó ficou ao alcance das suas mãos. Perfeitamente a menina se podia ter desamarrado, se se lembrasse disso.

— Tinha os olhos vendados...

— Com a sua propria echarpe. E a boca tapada com o seu proprio lenço. Quer dizer: foi a menina mesma que forneceu todo o material...

— Essas coisas, elles m'as tiraram á força.

— Acredito... Em todo o caso, sinto muito mas sou obrigado a dizer-lhe que a sua historia... está mal contada.

A voz do inspector tornara-se aspera de repente e todo o semblante se lhe revestira de severidade.

O critico — Que bello pôr de sol! E que titulo lhe deu?
O pintor — Aurora.

— Que quer dizer com isso? perguntou, fitando-o, o sr. Charosson.

— Que o ataque foi simulado e esta moça se amarrou a si mesma! retrucou o policial. — E' claro como agua. E o melhor que ella agora tem a fazer é confessar-nos onde escondeu o conteúdo da caixa.

— Ou nomear o cumplice a quem o entregou... interveiu o outro inspector.

O sr. Charosson torcia-se, contrariadissimo:

— E' uma moça de toda a confiança! protestou. — Respondo por ella! E, como Suzanna lhe lançasse um olhar reconhecido, proseguiu em tom paternal: — Vamos, minha filha. Não deixe que taes suspeitas pesem sobre a sua pessôa. Diga-nos toda a verdade.

— Já a disse... gemeu Suzanna, agarrada a uma evidente mentira.

— Está bem... Mas... antes disso que contou? Não se teria afastado por algum tempo do armazem.

— Cinco minutos, se tanto... confessou Suzanna.

— Por que?

— Porque me chamaram ao telefone, a dois passos daqui.

— E quem a chamou?

A moça hesitou um momento e depois, em voz sumida:

— O meu noivo...

— Ahn! exclamaram a um tempo os dois agentes, interessadissimos.

Mas o sr. Charosson fez-lhes signal para que não interviessem.

— E esteve ausente apenas cinco minutos?

— Cinco minutos... dez, no maximo...

— Digamos um quarto de hora. E onde esteve?

— No café ahi da esquina.

— Bom. E pode testemunhar que lá esteve... com esse tal Bernardo Savines?

Suzanna baixou a cabeça:

— Não, senhor. Elle marcou-me o encontro mas não compareceu...

— Perfeitamente! concluiu o inspector, esfregando as mãos. — Agora, podemos dizer como as coisas exactamente se passaram. A menina cansou-se de esperar no café o seu noivo que não apparecia... Depois, chegando aqui, encontrou a gaveta aberta e vazia... E acudiu-lhe a idéa de estar elle, o seu noivo, mettido nesta historia...

— Não senhor, não ha tal! gritou a moça, num protesto vehemente.

— Ora, vamos... Se tal idéa lhe não acudisse, nunca a menina se lembraria de se vendar, amordaçar e amarrar a si mesma, desta maneira perfeitamente desastrada. Só nos resta prender esse tal Savines, apanhar-lhe o dinheiro roubado e..

— Dinheiro que não encontrarão! atalhou rindo, o sr. Charosson. — Caramba, os senhores resolvem facilmente essas coisas... Por isso é que se comettem tantos erros judiciarios. Não procurem o ladrão... Elle está diante dos senhores. Sim, fui eu que, tendo entrado aqui durante a ausencia da senhorinha Suzanna e para lhe dar uma lição, tirei o dinheiro que estava na gaveta. Não pensei que as coisas fossem tão longe...

Diante disso, os policiaes retiraram-se. Nem tinham outra coisa a fazer.

— Não chore, Suzanna... disse paternalmente o sr. Charosson. — O dinheiro que estava na gaveta não era muito e eu o levarei a Lucros e Perdas... se me prometter que não tornará a ver esse sujeito, indigno duma moça honesta. Hoje você o salvou; mas, se continuasse a dar-se com elle, amanhã o patife faria outro tanto ou peor... Vamos, enxugue esses olhos. Ha de arranjar outro noivo, o noivo que realmente merece. Assim você não esqueça esta lição.. e tenha juizo.

"REVISTA" Infantil

FOI-SE A FESTA

O tio Hypolito era um boticario retirado dos negocios e que morava numa aldeia.

Tinha fama de mau genio, e sobretudo não podia aturar a creançada; de todos dizia que eram de má raça. E effectivamente teria razão se todos fossem como elle mesmo tinha sido na sua infancia. Um dia

reprehendeu com dureza a um mocito porque, brincando na rua, fazia barulho.

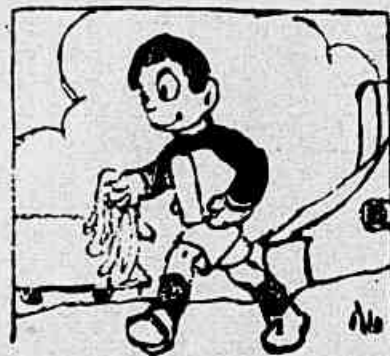
— Se tornares a fazer barulho perto da porta da minha casa, eu te ensinarei quantos são cinco...

Estes "cinco" significavam uns murros dados com os nós dos dedos no alto da cabeça: o tio Hypolito era muito bruto.

— Este homem é um selvagem — resmungou o rapazito, afastando-se prudentemente — E, se eu quizer brincar na rua, com que direito m'o ha de elle prohibir?

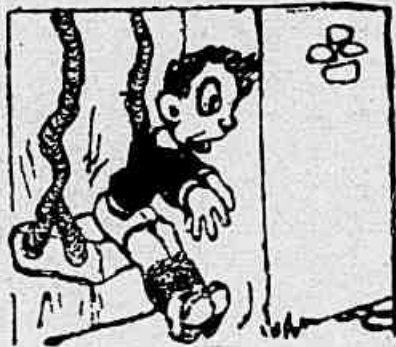
Então teve o nosso mocito uma idéa, nascida da indignação que estava sentindo. A porta da horta do Hypolito estava sem-

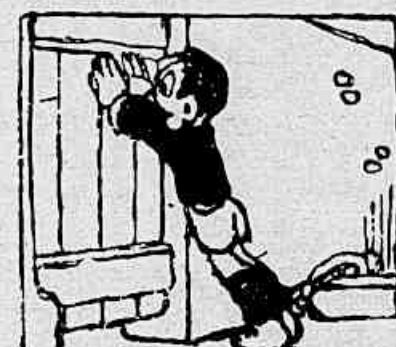
pre aberta. O nosso heróe installou um balanço atando as cordas na trave da porta. Assim se ia baloiçando commoda-

damente e sem bulha. Porém, mesmo sem bulha, o Hypolito não consentiu n'esse divertimento.

— Estás zombando de mim! exclamou elle, apenas avistou o mocito no baloiço.

— Pois verás agora o dôce que te dou!

E, sem que o rapazito do baloiço o visse, o Hypolito foi-se aproximando e de repente

fechou a porta da sua horta, de modo que no vai-vem do balanço o moço viria dar com as costas na porta. E assim succedeu com effeito; porém, como devido á corda presa na trave da porta esta não podia fechar-se bem, abriu-se com o "choque" e

foi dar com toda a força no nariz do Hyppolito. Verdade é que o nosso garotito recebeu um bom açoite, mas melhor foi

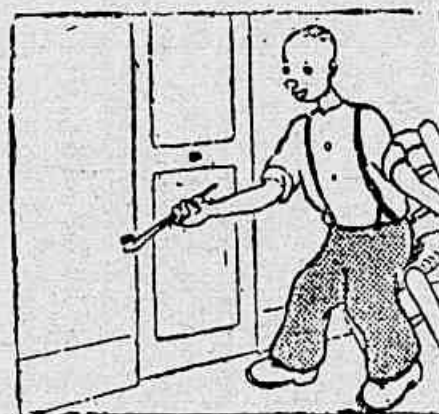
a achatadella no nariz do velhote rabugento. De modo que ambos tiveram o merecido castigo: um d'elles por ser travesso e o outro por ser resmungão e intolerante.

PROCESSO PRATICO

O senhor Barquinha acabava de contrahir matrimonio com a menina Genoveva. Achavam-se muito contentes e o Barquinha em nada queria contrariar a sua esposa. Entretanto, era elle grande amador de fumo emquanto que ella não podia aturar o cheiro do fumo. Imagine-se portanto o horror da recem-casada quando viu o seu marido tirar da algibeira um enorme cachimbo...

— Valha-me Deus! Que vais fazer! exclamou a esposa. — Supponho que não

fumarás na minha presença. Bem sabe que me faz muito mal o fumo.

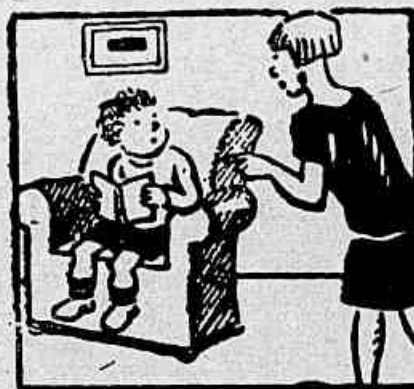
— Não te rales, Genoveva. Vais ver como me arranjo para poder fumar sem que te incommode o fumo.

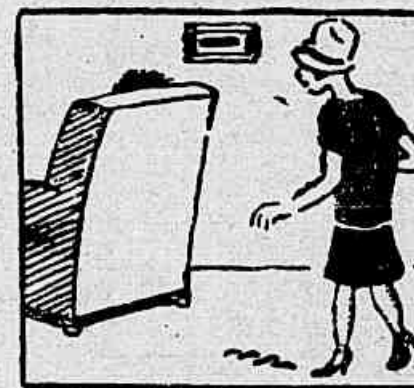
E o engenhoso marido fez um buraquito

na porta da escada: metteu por esse furo o tubo do cachimbo e, fumando dentro do quarto fazia sahir o fumo pelo lado de fóra da porta. Os vizinhos do mesmo pa-

tamar é que não gostaram da invenção, pois se achavam suffocados por tanta fumaceira de tabaco.

O SUBSTITUTO

— Aprende a tua lição, Paulito.

— Já a sei, mamã. Posso ir brincar?

— Não, fica aqui: não quero que vás por emquanto brincar.

E a mãe sahiu deixando Paulo só. Porém, na realidade, o que a mãe tinha querido era ver se o seu filho lhe obedecia. E voltou um instante mais tarde. O Paulito

estava sentado na poltrona, pois que se lhe via parte da cabeça ou, antes, o cabello, ou o que pela fresta da porta parecia cabello.

— Bom, Paulito — exclamou a mãe entrando — foste bom pequeno e em recompensa te vou dar um bôlo... Mas que vejo! Ai grande intrujão! puzeste o espanador no teu lugar... Vem cá, depressa: onde estás tu?

E foi apanhar o Paulito por uma orelha dizendo-lhe:

— Então julgavas enganar-me? Pois

foste tu que te enganaste. E, para que te sirva de lição, vou castigar-te dando-te pão e agua em vez de jantar.

Um engenhoso

— Baptista, chamei-te para que serres algumas lenha e depois vás tirar uns baldes d'agua do poço com a bomba. Quanto antes, e melhor para ti, pois que nada mais terás que fazer depois.

O criado Baptista nunca tem pressa de despachar o trabalho. A' lembrança, porém, de que quando esta tarefa estivesse prompta o patrão o deixaria descansar, occorreu-lhe uma idéa luminosa: prendeu o cabo da serra ao cabo da manivella da bomba, e com o mesmo movimento do braço desempenhava as duas tarefas. De que vale o talento!...

Pae e filha

O sr. Lloyd George teve, numa das sessões do mez passado, na Camara dos Communs, o prazer de se sentir de pleno accordo com sua filha e de poder exprimir em publico esse sentimento paternal.

Miss Megan Lloyd George falava, na Camara, em favor dum projecto de lei relativo á construcção de quarenta mil habitações do genero cottage para serem alugadas a 4 shillings e 6 pence, incluido o imposto; e o pae da oradora, sentado diante della, repetidamente apoiava os argumentos da oradora com os mais sinceros hear! hear!

A certa altura, miss Megan declarou:

— E' com a maior satisfação que vejo o meu eminente collega seguir os seus correligionarios...

— Perfeitamente justo! aparteou ainda o ardoroso chefe de partido.

E toda a Camara, desatando a rir, envolveu pae e filha na mesma efusiva sympathia.

Um condado de mulheres

Os resultados do recenseamento geral a que recentemente se procedeu em Inglaterra assignalam que o excedente numerico das mulheres em relação aos homens, embora tenha descido um pouco nos ultimos annos, vae ainda a perto de dois milhões de habitantes.

Onde tal differença mais se accentúa é no condado do Sussex. E por que? A leste dessa provincia a proporção é de 1.284 mulheres para 1.000 homens e ao Oeste de 1203 mulheres para mil homens. A principal razão disso é que numerosas viuvas ou solteironas, sózinhas na vida e possuidoras de modestas rendas, escolhem o condado referido paro ali passar o resto dos seus dias. Em todos os hoteis da região — e são muitissimos — se encontram dessas damas que passam o tempo a ler, a "tricotar", a jogar o bridge... e a tagarelar.

Além disso, ha no Sussex numerosas escolas e collegios femininos. E ainda se deve levar em conta o pessoal dos hoteis e pensões da beira mar, em que as mulheres se contam por milhares.

A aposentadoria de Edison

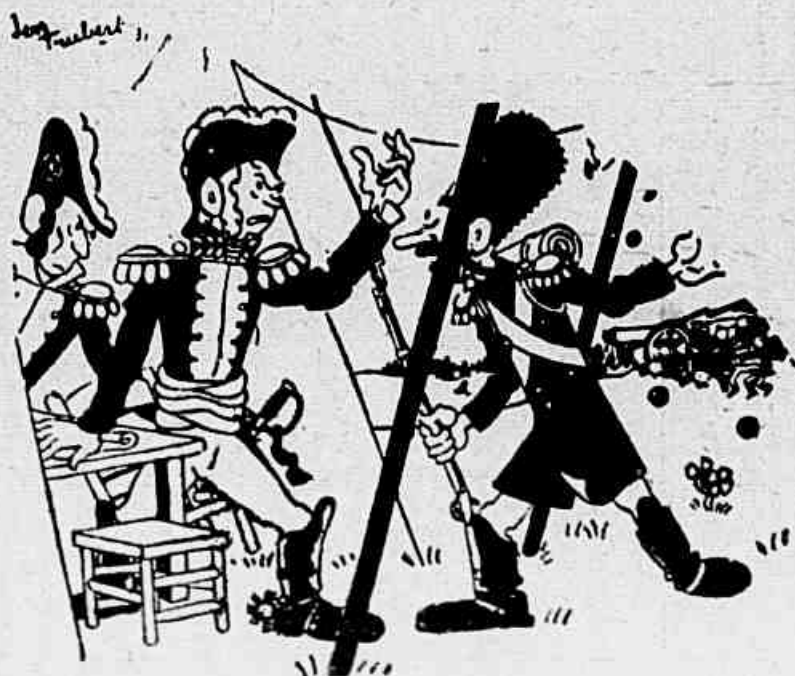
Ao que dizem os jornaes norte-americanos, o grande Edison, que vae fazer oitenta e quatro annos, está prestes a abandonar as suas pesquizas de inventor. Não aparece, ha já tempo, no seu laboratorio de West Orange e passa evidentemente mal de saude.

Calcula-se que Edison não tenha deixado de trabalhar á razão de dez horas por dia durante mais de cincoenta annos e que o numero das suas invenções vá bem além dum milhar. Como porém, observa um dos jornaes referidos, tudo Edison, inventou — menos o elixir da vida...

Pensamento

Se o fito não é confessavel, se é indigno do esforço, não partas.

VIDA CAMPESTRE

— E que fazem á noite?
— Vamos sempre ao theatro ou ao cinema, na cidade vizinha.
— Gostam então muito do campo?
— Loucamente!

— General, a situação é desesperada!
— Forme então o ultimo quadrado.
— Impossivel. Já não somos senão tres...

Solemnidade da collação de gráu dos novos engenheiros da Escola Technica de Nictheroy, realizada no Theatro Municipal da vizinha cidade.

Cronica de Paris

Vestido para a noite, de renda azul, muito ajustado até aos joelhos. *Manteau* curto de setim azul, guarnecido com arminho.

Começaremos por tratar dos pequenos detalhes da moda que, parecendo muitas vezes não ter grande importancia, dão no emtanto o cunho de elegancia que toda mulher aspira a ter; esses pequenos detalhes variam com a maior frequencia, coisa que não é para lastimar mas, antes pelo contrario, para alegrar, porque perderiam todo seu encanto se durassem mais tempo, pois se vulgarizariam rapidamente.

De maneira que começaremos por dizer que á tarde se usam collares pequenos, de contas brancas, alguns formando florinhas, que substituem nos vestidos a nota clara e alegre da golla branca.

Sobre os vestidos da noite usa-se um casaquinho de velludo vermelho vivo, tão curto como um collete e com mangas muito amplas, ou então uma capinha curta, cortada en-forme.

Agora falaremos das meias e sapatos. As primeiras são rendadas mas sem nenhuma baguette; nos sapatos a camurça branca é guarnecida com tiras de couro preto, e teem tambem o salto preto.

Como agora o jogo do "golf" está cada vez se espalhando mais, podendo-se mesmo dizer que raros são os paizes onde não é jogado actualmente, convem dizer qualquer coisa sobre o que é usado para esse sport. Vê-se com frequencia usarem-se para esse jogo os tailleurs de tecido grosso e irregular ou de flanella.

Vestidinho de crêpe de fantasia azul com desenhos amarellos e verdes, pequeno *bolero* e saia cortada en-forme. A bluza e as mangas cobertas com babadinhos de crepe amarello claro.

As bluzas são muito simples e de feitio "chemisier". Tambem são usados os "pull-overs" que chegam até á cintura e são de côr clara e de um só tom. Usam-se tambem casacos de lã leve, tal como a lã "Shetland". Um lenço de lã e não de seda — o que é uma novidade — é usado amarrado ao pescoço.

Agora daremos umas orientações geraes do que prevalece neste momento. Para os vestidos tailleur da manhã são escolhidas as lãs de fantasia, a charmelaine, o jersey; cheviote fina, para os dias frescos, porque aqui, mesmo nos verões mais quentes, sempre os ha.

Porém para os paizes como o Brasil, onde o tempo quente é muito mais longo, deve preferir-se os tailleurs de shantung, de *crépon* ou de tussor espesso.

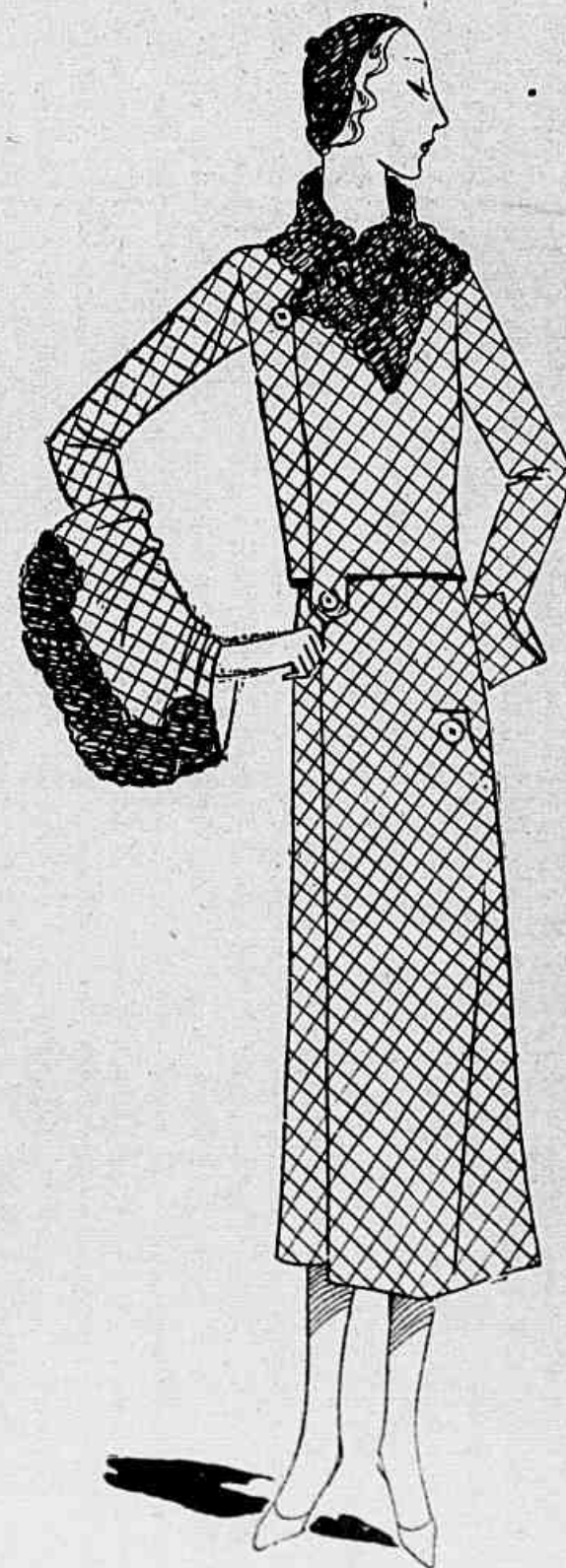
Os tailleurs em geral, mas sobretudo os da presente estação, permittem realizar, com o minimo de peças de roupa, uma infinidade de combinações differentes. Os casacos de agasalho, assim como os outros casacos, podem ser de côres diversas, mas é preciso que tenham certa harmonia entre si esses conjunctos.

E' excessivamente pratico ter-se tunicas e casacos que possam mudar completamente a impressão d'um conjuncto ou d'um vestido.

Mesmo que a silhueta seja pouco mais ou menos a mesma em todas as collecções, em compensação variam até ao infinito as formas e os detalhes. Entre as caracteristicas da actual moda, podemos citar os boleros, as tunicas, os casacos e, quanto ás mangas, são de uma variedade muito interessante.

Usam-se muitos laços, com longas pontas, emfim mil combinações que se prestam a todas as fantasias; numa palavra, poucas vezes como agora se ligou tanta importancia aos detalhes, que se podem variar e até crear, em caso de necessidade, sempre que se tenha um pouco de gosto.

Vestido de crepe preto e renda do mesmo tom; o crepe preto é guarnecido com zig-zag de vidrilho preto.

Bluza de crêpe da China azul turqueza; o decote e a terminação das mangas muito interessantes.

Manteau de lã *beige* com xadrez marron, guarnecido com *astrakan* marron. *Manchon* combinando.

Vestido de crêpe de Chine listado, trabalhado em diversos sentidos. *Manteau* de lã azul marinha.

Vestido para a tarde de renda *grège*; a saia um pouco mais longa dos lados. Casaco de tafetá preto com desenhos *grège*.

As flôres sobre os nossos chapéus estão voltando á moda. Sobre uma fina palha branca pequeno *bouquet* de flôres multicôres; igual *bouquet* na botoeira do tailleur.

2 — Luvas e bolsa de *suède* escocez verde e *beige*.

3 — Para a casa sandalias *laquées*.

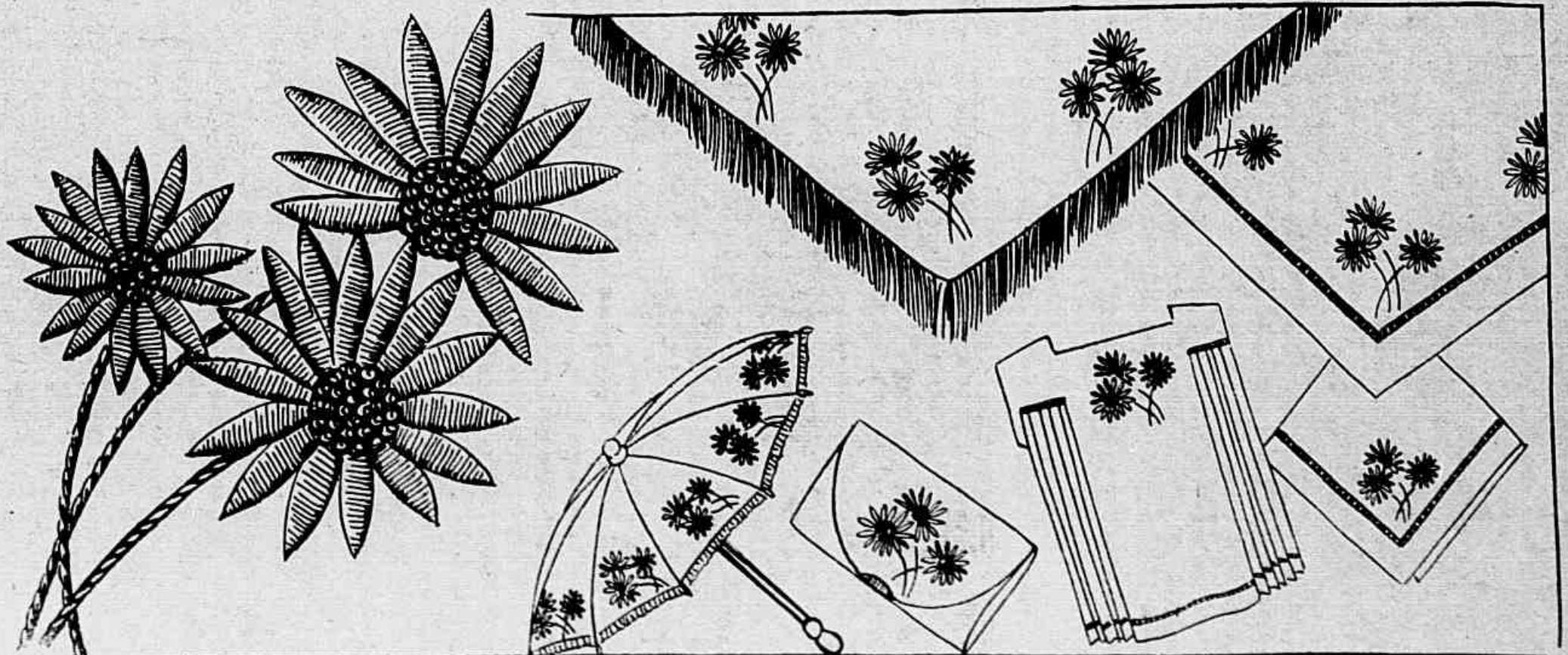
4 — Bolsa e luvas de antilope preta, guarnecidas com pespontos brancos.

5 — Guarda-sol de tafetá de dois tons de rosa com uma barra franzida de velludo. Guarda-sol de *mousseline* de seda palha e renda *ecrú*.

Para terminar diremos qualquer coisa sobre o branco. E' visto com muito maior frequencia combinando com o preto; nos vestidos de côr só os pequenos accessorios da toilette são do tom branco.

Em compensação o branco, considerado como côr, continua a ser o ultimo chic. Por exemplo, um vestido para a tarde completamente branco, de crêpe marocain ou romain com os accessorios pretos; um vestuario de duas peças para sport, de lã branca guarnecido com accessorios no tom pardo, são d'uma combinação muito interessante e muito elegante em qualquer circunstancia.

Apezar de todas as tentativas da moda para introduzir e enthronizar differentes côres mais ou menos vivas, o branco e o preto ou, melhor, o branco com guarnições de tom escuro continúa sendo o mais usado e, segundo parece, continuará a sel-o.

A. D'ENERY

AS MARGARIDAS — Desenho muito interessante para ser bordado ao *plumetis;* as petalas e os centros com ponto de nó; as hastes com ponto *cordonnet*. Decoram um guarda-sol e uma bolsa de tafetá *mauve*. As margaridas são bordadas com seda branca e seda amarella. As margaridas brancas terão o centro amarello e as amarellas preto; as hastes pretas. O chale de seda côr de rosa com margaridas brancas e pretas. O vestidinho de *linon* azul bordado com linha branca, amarella e preta. Serviço para chá de *linon* azul com margaridas bordadas a linha branca, amarella e preta.

A CASA DOS TREZ VELHOS

Por P. Bouchardon

(Continuação da parte já publicada)

Em 1818, a meia legua de Cuers, em França, João e Francisco Dollonne, ambos sexagenarios, viviam em uma casa de campo em companhia de Rosa Verse, esposa de Francisco. São bôas creaturas, abastadas, caritativas, estimadas por toda a gente.

Certa manhã encontram-os assassinados. O roubo foi o movel do crime e as suspeitas cahem sobre Luiz e Antonio Verse, irmãos de Rosa, que são individuos com má fama. Antonio, especialmente, passava a vida pedindo dinheiro a sua irmã. Na noite do crime foram ambos vistos nos arredores da casa.

Ambos passaram essa noite fóra de suas residencias e negam teimosamente esse facto. O conjuncto de provas parece tão evidente que o jury os condemna á morte e elles são mandados ao cadafalso.

Nesse mesmo dia devem ser guilhotinados trez bandidos — Veyan, Perreymond e Ponsy — que tentaram assassinar um vendedor de gado. Os dous primeiros já foram executados. Chegou a vez de Ponsy subir á guilhotina. Nesse momento produz-se um lance theatral, que transforma o incidente rigorosamente historico.

— Esperem! — bradou de subito Ponsy com voz lamentosa. — Eu não posso levar para o tumulo um segredo, que me suffoca ha muitos dias. Antonio e Luiz Verse não são culpados. Fui eu quem matou os velhos Dollonne, em companhia de outros que ainda não são conhecidos e que estou disposto a indicar. Diante da morte não se mente. Deixem-me fallar primeiro.

As altas autoridades encarregadas de assistir á execução fitaram-se scepticas, emquanto o carrasco se detinha interdicto.

Não seria aquillo um ardil do condemnado, afim de retardar por algumas horas, talvez por alguns dias o momento fatal? Quantas vezes já não se tinha visto um criminoso, naquelle instante supremo, procurar salvação allegando que tinha novas declarações a fazer?

Todos esperavam a decisão do procurador real e este hesitava. Suspender a execução seria talvez arriscar-se a ser burlado por um audacioso, diante de cinco mil pessôas. Mas uma lembrança surgiu em seu cerebro, animando-o a ceder: a lembrança de um incidente do inquerito, a que ninguem déra importancia, pela certeza em que todos estavam da culpabilidade dos irmãos Verse; uma pista insignificante que não fôra apurada. Na noite do crime, por volta das sete horas, varios camponezes haviam visto um grupo de desconhecidos, nos arredores da casa dos velhos, deitados em baixo de uma figueira.

Assumindo a responsabilidade do ridiculo em que a Justiça se poderia ver envolvida, caso se tratasse de uma impostura, o procurador fez um gesto. O carrasco reconduziu o condemnado á prisão e a multidão dispersou-se commentando vivamente o acontecimento.

No mesmo dia, o juiz João Baptista Tolon, acompanhado pelo escrivão Marco Antonio Cauvet, veiu recolher as revelações de Ponsy. E as palavras d'este foram assim annotadas zelosamente pelo escrivão:

"No momento de comparecer perante Deus, devo declarar á justiça que os irmãos Antonio e Luiz Verse não são culpados do assassinato pelo qual foram condemnados.

Os autores d'esse crime são José Rondou, um hoteleiro em Berr, por alcunha *Camaille*, e eu. As cousas se passaram do seguinte modo.

Rondou e eu encontrámo-nos na feira que se realizou em Bayols a 29 de Setembro de 1818, com um tal Bernard, residente em Entrecasteaux, homem de 60 annos, locatario de uma propriedade nos arredores de Lorgues.

O citado Bernard nos propoz irmos á *bastide de la Dollonne* roubar e matar os velhos.

Concordámos com a proposta. O attentado devia realizar-se no dia 1.º de Outubro, mas falhou porque os Dollonne tiveram visitas nessa noite. Bernard, que os conhecia, entrou na casa e conversou com elles durante mais de uma hora.

No dia seguinte, encontrando-nos com Bernard no hotel de *Camaille*, dissemos-lhe que o *negocio* nos parecia muito arriscado e, por isso, preferiamos renunciar a elle. Quando Bernard se retirou, nós propuzemos o negocio a *Camaille*, que concordou, e partimos os trez para *La Dollonne*, onde chegámos ao cahir da noite.

A porta não estava ainda aferrolhada. Entrámos pé ante pé. Eu ia em ultimo logar. Vi a mesa posta e os irmãos Dollonne dispondo-se para jantar. *Camaille* e Rondou, que estavam armados com estyletes e facas, saltaram sobre elles e os mataram. Depois seguraram pelos braços a velha, que desfallecia de terror, e ella lhes indicou o logar em que tinha dinheiro escondido. Apoderámo-nos assim de vinte e dous luizes. Então *Camaille* levou-a para o quarto, tentou ainda obrigal-a a dizer se tinha alli mais alguma cousa e, como não o conseguisse, apunhalou-a. Depois revistámos todos os armarios, apagámos a lampada e sahimos, tendo o cuidado de fechar a porta.

Separámo-nos logo ao sahir. Eu fui para Hyeres; Rondou e *Camaille* voltaram para Berr e dividiram o dinheiro em trez partes. Eu recebi a minha no dia seguinte em Lorgues, das mãos de Rondou".

Não contente com essas declarações espontaneas, o juiz ainda interrogou minuciosamente o denunciante, obrigando-o a detalhar varios pontos.

— Diga-me — insistiu elle — Conhece os irmãos Verse?

— Não, senhor Juiz. Nunca os vi.

— Mas, depois de preso, não teve algum entendimento com elles? Não foram elles que o decidiram, com quaesquer promessas, a fazer estas declarações afim de innocental-os?

— Por Deus, juro que não. Estou fallando apenas para descarregar minha consciencia e poupar da morte dous innocentes.

— Disse que, a principio, o crime fôra planejado por Bernard. Nesse caso elle devia tambem tomar parte no roubo e no assassinato.

— Sim, senhor.

— Esclareça as circumstancias que fizeram falhar esse primeiro plano.

— Quando Rondou e eu chegámos vimos Bernard á porta da *bastide* conversando com os irmãos Dollonne, que se mantinham do lado de fóra. Para justificar nossa approximação áquella hora pedimos-lhe o que beber. Um dos velhos nos offereceu agua e vinho. Acceitando e, a um signal de Bernard, comprehendendo que a occasião não era favoravel, afastámo-nos.

— De modo que Bernard não soube que vocês tinham resolvido praticar o crime no dia seguinte...

— Só voltámos a fallar-lhe, como já declarei, dizendo-lhe que o *negocio* não nos servia mais. Depois, quando elle soube do facto, naturalmente comprehendeu logo que aquillo era obra nossa; mas não o tornámos a ver e em todo o caso nada lhe démos do dinheiro dos velhos.

— Sabiam que havia um cão na *bastide?*

— Quando chegámos, ouvimos um cão latir, mas não o vimos apparecer nem elle latiu mais.

*

Essa foi a confissão de Ponsy cujo registro existe ainda nos archivos de Toulon. Desde então, mesmo antes do conhecimento de uns tantos detalhes apurados mais tarde, tornou-se facil á justiça reconstituir todo o drama. Um novo bando se tinha organisado, sob a direcção do homem que atacára o vendedor de cavallos e se esforçava por disfarçar ou diminuir seu papel no crime de La Dollonne.

Os tres miseraveis tinham chegado ao cahir da noite, haviam penetrado na casa antes que os ferrolhos fossem postos e atacado os dous velhos com tal rapidez que tornára impossivel qualquer defeza. Que agonia fôra então a de Rosa Verse durante os poucos minutos em que tinha sobrevivido a seu marido e seu cunhado! Testemunha do duplo assassinato, arrastada, á força, até ao logar onde tinha dinheiro escondido e levada a seu quarto para ser ahi apunhalada, a infeliz cahira de joelhos, com o peito apoiado ao leito, e fôra immobilisada por uma syncope, antes de receber o golpe mortal.

E o destino tragico, continuando a pesar sobre sua familia, quasi levára ao cadafalso seus irmãos, para expiação de um crime de que não eram autores nem cumplices. Uma ideia preconcebida, em concurso com varias coincidencias malevolas, tinha-os designado á vindicta publica. Aterrorisados, imaginando que assim melhor se defendiam, Luiz e Antonio tinham insistido estupidamente em negar tudo quanto

Agarrada brutalmente por elles e semi-desfallecida pelo pavor, a velha indicára o esconderijo.

lhes parecia compromettedor, mesmo nos casos em que a verdade fôra materialmente evidente e comprovada.

Isso ainda mais os tornára suspeitos.

Por que motivo recusára Antonio confessar que, na noite do crime fôra dormir na aldeia de Colle? Por que teimára em sustentar, a despeito das declarações de sua propria esposa, que tinha passado a noite em Cuers? Por que motivo se obstinára Luiz em desmentir todas as testemunhas que o tinham encontrado no dia 3 de Outubro com certo vestuario, quando apenas a questão da distancia tornava pouco provavel sua participação na carnificina do dia 2?

Com effeito pessoas dignas de fé tinham-o visto nas ruas de Toulon, *até ás cinco* horas da tarde. Ora as victimas tinham sido *sangradas* antes de começar sua refeição ao cahir da noite. Sendo a distancia de Toulon a Cuers de quatro horas de marcha a pé, o antigo quartel-mestre da marinha não teria podido vir juntar-se a seu irmão (a menos que dispuzesse de um cavallo ou de um carro, uma e outra cousas que chamariam muito a attenção). E, como não era verosimil que seu irmão tivesse podido, sósinho, assassinar tres pessôas entre as quaes dous homens ainda validos, é claro que, em seu proprio interesse e no de seu irmão, Antonio deveria ter confirmado, com o maior prazer, aquellas testemunhas. Seu raciocinio devia ter sido este: se eu não poderia estar em La Dollonne na hora do crime e se meu irmão não poderia ter feito tudo sósinho, é claro que somos innocentes.

Antonio fizera justamente o contrario e isso ainda mais o compromettera. Por que? Vão lá saber! Pode alguem imaginar de que é capaz um ente inculto e bronco, acabrunhado por uma accusação terrivel, incapaz de conservar o sangue frio e o raciocinio?

E o inquerito errára, desde o inicio, porque tambem commettera o erro de se deixar hypnotisar por um preconceito e seguir uma só pista.

Sem se preoccupar com esses desconhecidos, cuja presença nos arredores da *bastide*, áquella hora, só poderia ser suspeita, a justiça estabelecera como base de suas pesquizas que o crime só poderia ter sido praticado por pessôas familiares das victimas e tendo facilidades para entrar alli a qualquer hora. Hypothese verosimil e logica, é claro, mas sujeita a erro como todas as hypotheses. Allegavam tambem as precauções com que os Dollonne se fechavam todas as noites. Mas qual é o precavido que não se descuida um dia?

***

Mas, se a justiça errára, os irmãos Verse, por sua vez, tinham accumulado erros sobre erros; sua anciedade de mentir para evitar suspeitas só servira para mais os comprometter. Tanto é verdade que, para os innocentes, a melhor defeza, a mais efficaz é dizer a verdade, sempre a verdade, mesmo nos detalhes mais insignificantes.

No dia 24 de Outubro, Ponsy foi de novo interrogado e, como presentiu ainda duvidas no juiz, multiplicou e detalhou suas explicações.

— Ouça, senhor — disse elle — para lhe dar uma prova mais segura de verdade de minha confissão, vou lhe fazer uma descripção de La Dollonne.

E fez uma verdadeiro inventario da casa e de tudo quanto nella se continha. Em seguida, acrescentou:

— Na hora do crime estavamos escondidos por trás de uma arvore, bem perto da *bastide*, esperando que alguem chegasse á porta. Essa circumstancia não tardou a produzir-se. Precipitámo-nos e, empurrando Rosa Verse, que tentava oppôr-se a nossa passagem, ferimos seu marido e seu cunhado antes que pudessem defender-se. Quanto ás duas espingardas que estavam na cozinha, foi *Camaille* quem ficou com ellas.

O verdadeiro nome de *Camaille* era Francisco Alran e elle era dono de um albergue em Berr.

Quanto a Bernard, chamava-se de facto Bartholomeu Pons e era agricultor em Entrecasteaux. Interrogado pela policia confirmou as declarações de Ponsy, negando porém que houvesse aconselhado o crime. Jurou que apenas fallára na possibilidade do crime porque, a seu ver, os Dollonne eram muito imprudentes vivendo assim isolados, com a fama de que tinham dinheiro em casa.

Travou-se então aspero debate entre os dous cumplices; Ponsy perdeu a cabeça a ponto de atirar em rosto a Bernard sua cobardia, attribuindo-lhe o insucesso do *negocio* na primeira noite; o outro teimou em sustentar que fallára na possibilidade do crime mas nunca pensára em executal-o, tendo ido á *bastide*, naquella noite, por acaso, sem saber que os outros o tinham acompanhado com más intenções.

E cynico ou sincero — nunca foi possivel averigual-o — fechára a discussão com as seguintes palavras.

— A prova de que nunca pensei em fazer isso é que não fiz. Que é o que me impedia? Estava alli, diante d'elles, sósinho com elles. Sabia que vocês estavam promptos a me ajudar. Era só fazer um gesto... Por que não o fiz?

— Por que és um cobarde! — bradou Ponsy furioso.

— Ora, ora!... Sou tão homem como qualquer outro. Não o fiz porque não sou um assassino.

E não houve meio de provar o contrario.

***

O juiz de instrucção de Toulon devia, diante d'isso, considerar-se sufficientemente esclarecido; mas uma alta autoridade difficilmente reconhece que errou. Para não reconhecel-o tentou ainda descobrir provas de que, se era Ponsy o assassino, os irmãos Verse tinham sido seus auxiliares. Mas não o conseguiu e teve que se render á evidencia. Não havia a menor relação entre o assassinato e os dous condemnados.

Mas onde estavam os demais culpados?

Bernard e *Camaille* foram presos logo ás primeiras revelações de Ponsy, mas o terceiro desapparecera. Isso já constituia meia confissão. Depois soube-se que Rondou, ao saber que Ponsy fôra condemnado á morte, dissera a um visinho:

— Não terei socego emquanto não souber que a guilhotina já funcciounou com elle.

Camaille tentou negar tudo; mas uma circumstancia veiu acabrunhal-o, obrigando-o a calar-se. As duas espingardas roubadas na Dollonne, armas que toda a gente conhecia e vira nas mãos dos velhos, foram encontradas em sua casa.

O processo voltou a ser julgado pelo jury do Var no dia 2 de Junho de 1820. Como Rondou não fôra encontrado, apenas seus cumplices se sentaram no banco dos réus. O presidente ao tribunal era outro; mas o promotor era o mesmo Sr. Olivier, que tanto contribuira para o erro judiciario anterior, mas tivera coragem sufficiente para deter o cutello da guilhotina e impedir assim a morte de dous innocentes. Agora, com a consciencia em repouso, vinha reconhecer publicamente que se enganára e pedir o castigo dos verdadeiros assassinos.

A assistencia, muito numerosa, comprehendeu a gravidade do momento e manteve uma attitude de impressionador recolhimento. Após emocionantes debates o jury condemnou Ponsy e *Camaille* á morte. A Bernard foi applicada a pena de dez annos de trabalhos forçados.

E os irmãos Verse? A justiça devia-lhes uma reparação, mas a legislação d'esse tempo limitava de modo tão singular os casos de revisão de processo que a confissão de Ponsy não era, do *ponto de vista legal*, motivo sufficiente para isso.

Comtudo, o incidente fôra tão tragico que o proprio rei resolveu intervir no caso. No dia 13 de Dezembro a guilhotina foi de novo armada, porém apenas *Camaille* subiu ao cadafalso. Luiz XVIII assignára na vespera um decreto commutando a pena de morte contra Ponsy, reduzindo-a a prisão perpetua, em vista de seu acto poupando a vida de dous innocentes.

Outro decreto declarou Luiz e Antonio Verse isentos de qualquer culpa e reconheceu seu direito á herança dos bens deixados pelos irmãos Dollonne.

Era o maximo que se podia fazer para compensar as angustias que os infelizes haviam supportado.

P. BOUCHARDON

A pista desdenhada — Na vespera á noite tinham visto alguns desconhecidos sob uma figueira, nos arredores da *bastide*.

"L'ATLANTIQUE"

O maior, o mais veloz e luxuoso dos paquetes para a carreira á America do Sul

"L'Atlantique", o novo paquete de grande luxo da Companhia "*Sud Atlantique*", deverá entrar em serviço no dia 29 de Setembro proximo. Partindo de Bordeaux directamente para o Rio ás 6.30 horas da manhã, deverá chegar a este porto no dia 8 de Outubro ás 9 hs. da noite, sahindo novamente, para Santos, no dia 9 á 1 hora da madrugada e devendo chegar áquelle porto ás 10½ da manhã.

Empregará portanto 9 dias e meio para fazer esse percurso, batendo desta forma todos os "records" de velocidade na linha sul-americana.

"L'Atlantique" está munido de apparelhos de commando os mais modernos e perfeitos — compassos gyroscopicos e repetidores, sondas ultra-sonoras, leme de compensação commandado hydro-electricamente, etc. Uma possante estação de T. S. F. assegura as communicações desde a sua partida da França até á chegada á America do Sul. Alem disso, um posto de radiotelephonia com um alcance de 1.000 a 1.500 milhas.

Os seus immensos salões, unidos por uma escadaria monumental ao salão de jantar, de 35 metros de comprimento, 20 metros de largo e 9,50 metros de altura, formam um conjuncto de arte impeccavel.

A variedade de suas decorações, onde predominam os marmores, as madeiras preciosas e as laccas, encontra-se tambem nos appartamentos de luxo e cabines de 1.ª classe, quasi todos differentes entre si na parte decorativa.

Estes appartamentos e cabines teem sahida, não para os classicos e conhecidos corredores estreitos, separados pelos tambores das chaminés e calefacção, mas sim sobre uma ampla *avenida central* de 140 mts. de comprimento, 5. mts. de largura e 5,80 mts. de altura.

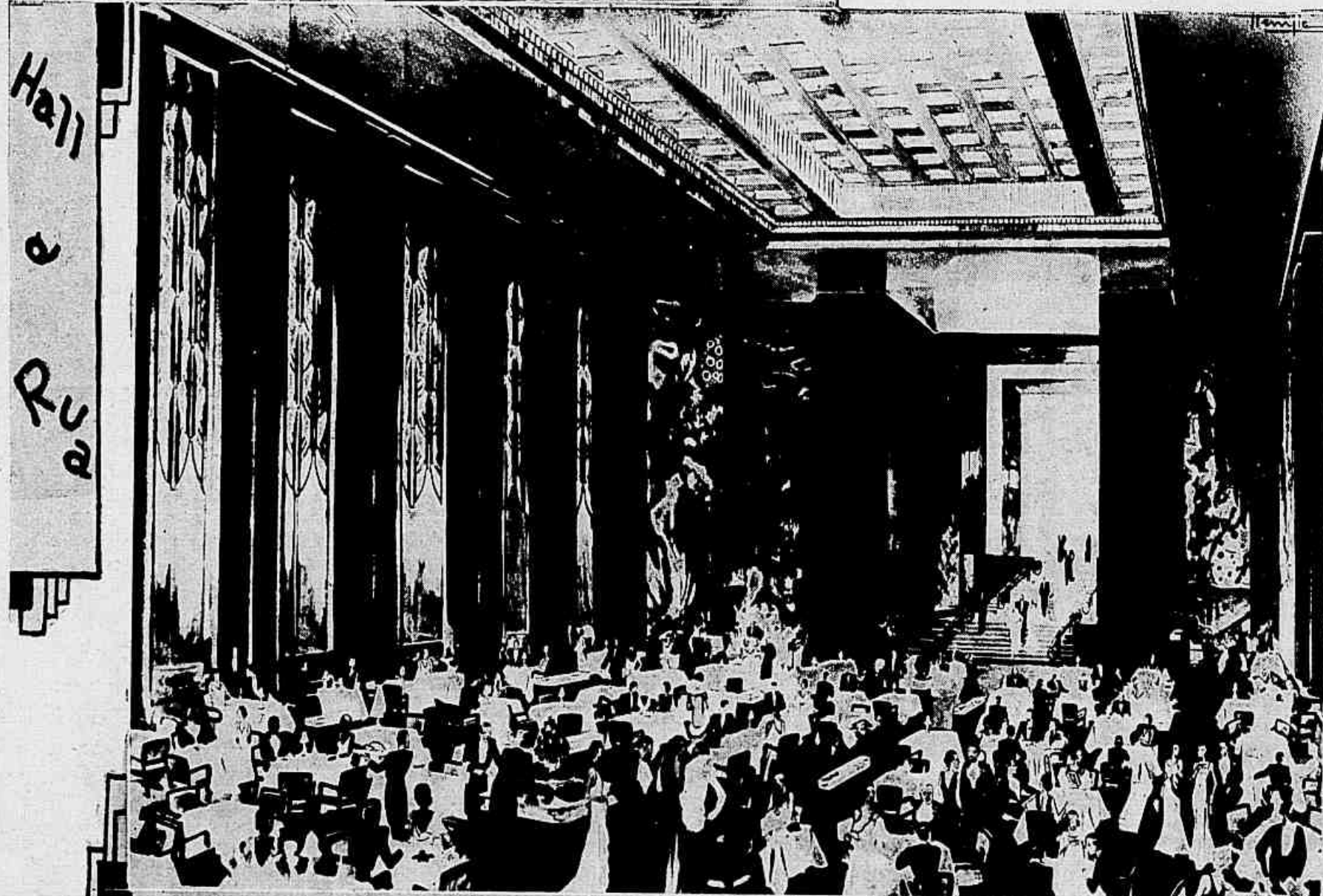
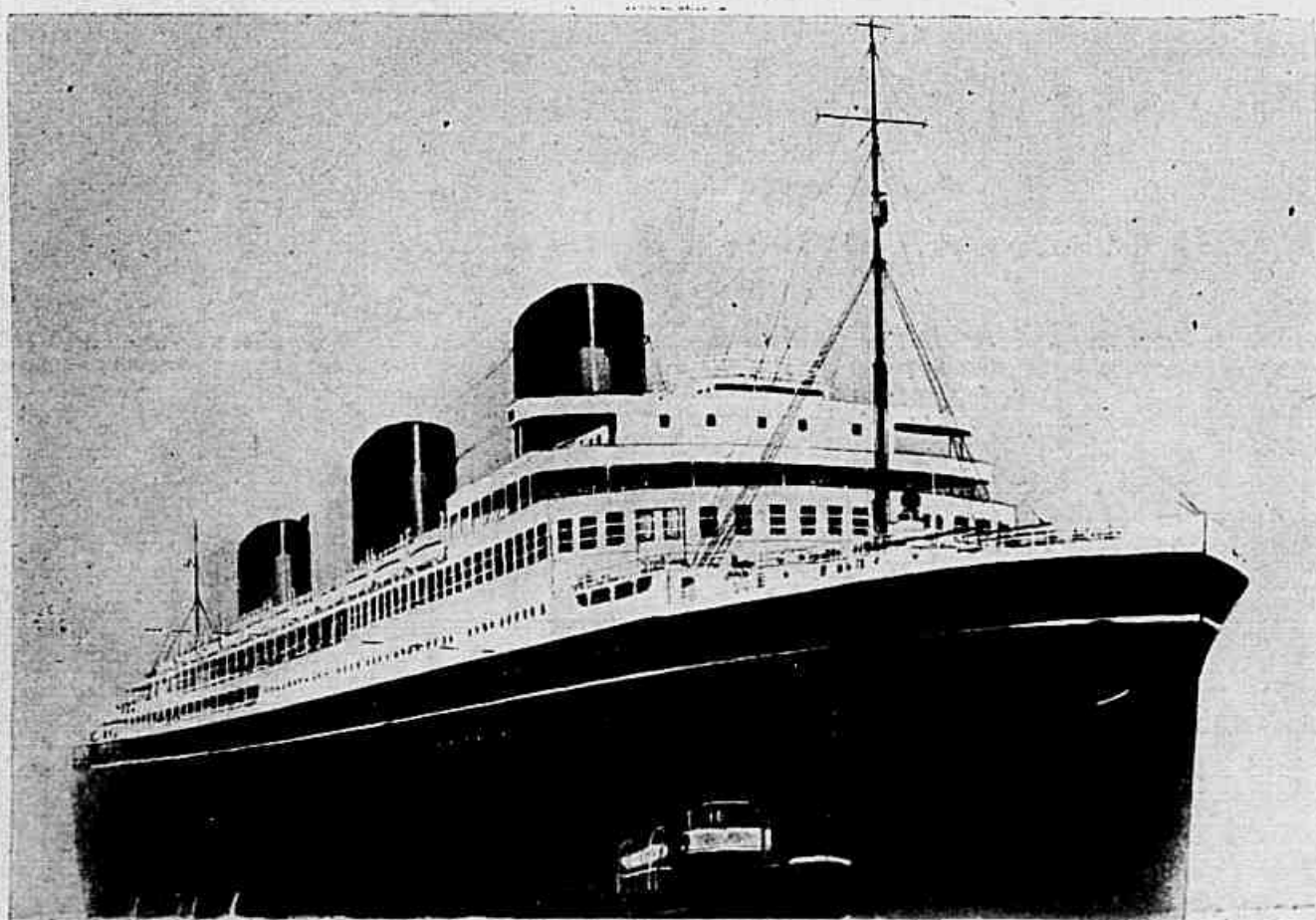
E' a novidade maior do grande palacio fluctuante.

Esta *avenida*, ladeada de numerosas lojas (novidades, modas, florista, livraria, venda de automoveis, *bonbons*, perfumarias etc.) offerecerá, sem duvida, uma attracção sobre os passageiros que poderão assim admirar uma selecção das "dernières nouveautés" do commercio de luxo francez.

Foram envidados todos os esforços para procurar a maxima distracção aos passageiros durante a travessia. Estes encontrarão a bordo: piscina, sala de armas, sala de exercicios physicos, tiro ao alvo, tennis, golf, cinema sonoro e fallado, e tudo o que pode amenizar uma viagem relativamente longa.

A titulo de curiosidade damos a seguir as colossaes dimensões dos salões de "L'Atlantique":

Salão nobre —	Comprimento	22	metros
	Largura	19	»
	Altura	9	»
Salão de musica —	Comprimento	20,50	metros
	Largura	17,50	»
	Altura	9,50	»
Salão de jantar —	Comprimento	35	metros
	Largura	20	»
	Altura	9,50	»

Hall e Rua

Salão de Jantar

Salão de Conversação

L'Atlantique

LIVROS NOVOS

O Pequeno Mundo de Nós Dois — Lucio de Souza. Off. Ind. Graphica. Rio. 1931.

O sr. Lucio de Souza reuniu em sympathico volume uma série interessan-

tissima de chronicas, a que deu o nome de *chronicas lyricas*.

O livro é despretencioso e modesto. Na sua simplicidade, no emtanto, revela uma delicada sensibilidade amorosa com todas os matizes da emoção tocada pelo amor, como harpa eolia cantando ao vento.

O "Pequeno Mundo de Nós Dois" alem da parte emotiva apresenta forma literaria escorreita, com excellentes dialogos e cuidados lavôres de expressão.

Emfim, um pequeno breviario de amor, proprio para as mãos dos namorados.

Ideal de Mulher — Memorias e cartas de Renée de Benoit. Livraria Triunfo. Lisbôa. 1930.

As famosas Memorias e Cartas de Renée de Benoit acabam de ser tra-

duzidas para o portuguez, primorosamente vertidas do francez pelo sr. José Luiz Fernandes Braga Netto.

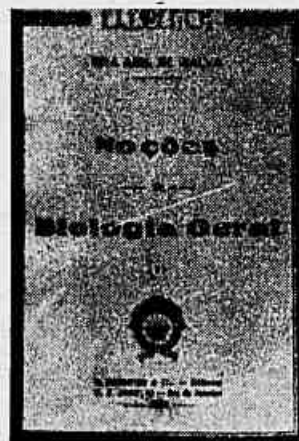
Trata-se de um livro famoso, já traduzido na Suissa, na Inglaterra, na Allemanha, na Italia, na Hespanha e até no Extremo Oriente.

Ideal de Mulher é, sobretudo, uma obra de grande elevação espiritual, confortador em todas as suas paginas, reveladoras de uma alma voltada para Deus e toda impregnada da mais pura piedade christã.

Leitura facil e amena, torna-se não só um deleite para o espirito como um lenitivo para a alma.

Noções de Biologia Geral — Rita Amil de Rialva. F. Briguiet ..& Cia. editores. Rio. 1931.

A sra. Rita Amil de Rialva acaba de lançar á publicidade o seu excel-

lente compendio de *Noções de Biologia Geral*, caprichosamente editado por Briguiet & Cia. e ha muito reclamado pelo nosso mundo didactico.

Livro bem escripto, com grande desenvolvimento das materias tratadas e, sobretudo, apresentado com muito methodo, vem realmente preencher uma lacuna que tanto se fazia sensivel, constituindo-se d'ora avante em obra de indispensavel consulta aos estudiosos da Biologia.

A autora, após meticulosa esplanação do assumpto, para cujo esclarecimento muito contribuem suggestivas gravuras, termina o seu trabalho com erudito estudo a respeito das theorias da evolução de Geoffroy, Saint-Hilaire, Lamarck, Naegeli, Darwin, Reissmann, Bateson, De Vries, Sergi, Rosa e Rignano.

A Ortografia Oficial — Gustavo Barroso. — Civilização Brasileira editora. Rio. 1931.

A Civilização Brasileira Editora, que ultimamente tem sido tão feliz com as suas edições, sempre tão bem lançadas, acaba de editar, attendendo á grande

e palpitante actualidade, a *Ortografia Oficial*, de Gustavo Barroso.

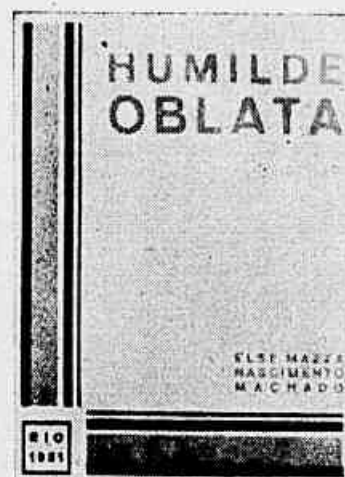
Logo após a assignatura do accordo orthographico, vieram a lume dezenas de folhetos, divulgando as novas regras e preconizando a nova maneira de escrever.

Nenhum trabalho, porém, é mais autorisado no assumpto do que este agora editado, pois não sómente o autor é uma escriptor de nome já consagrado como tambem foi membro da Commissão de Grammatica, da Academia de Letras.

O sr. Gustavo Barroso divide o seu trabalho nas seguintes partes: Considerações sobre o acordo luso-brasileiro. As reformas ortographicas de 1907, 1912, 1924 e 1929. O acordo de 1921. Como se deve escrever. O formulario ortografico official, A oficialização do acordo. Formulario alfabetico para Consultas.

Humilde Oblata — Else Mazza Nascimento Machado. Rio. 1931.

A sra. Else Mazza Nascimento Machado, não satisfeita com o successo do seu ultimo livro "Seiva Moça", reapparece agora com um novo livro de posias—"Humilde Oblata"— que pode ser tudo menos *humilde*.

O titulo é realmente sonóro, cantante, orchestral, mas não é verdadeiro...

Longe de humilde, o novo livro da sra. Else Machado é inquietação, nervo, impaciencia, exaltação. Livro de uma liberdade de rythmos tão grande que nem admitte a escravidão das rimas.

Pode-se aqui e alem notar uma despreoccupação de sentimentalismo, supplantada pelo vigor de sua expressão mental.

Livro nervoso, sincero, vibratil, confirma plenamente as finas qualidades da poetisa tão eloquentemente reveladas em *Seiva Moça*.

Canto do Cysne — Poemas Postumos de Sára Serzedelo. Porto. 1931.

Em magnifica edição de Maranus, acaba de ser lançada á publicidade a 4.ª edição do formoso livro da poetisa portugueza Sára Serzedelo (Zelda).

Se a leitura das emotivas estrophes do *Canto do Cysne* já de per si nos enternece, que dizer em se sabendo que a poetisa morreu joven, quando mal tocava a adolescencia, em pleno rosal da vida?

Todo o livro é doçura, melancolia, desalento, como se a infortunada poetisa estivesse dominada pelo presentimento da morte.

Ha, na verdade, em *Canto do Cysne* versos de

grande e commovente sensibilidade, e á infeliz e inspirada autora bem se pode applicar seus proprios versos:

E' doloroso olhar o Bem que não se alcança
E' bem triste morrer sem nunca ter vivido!...

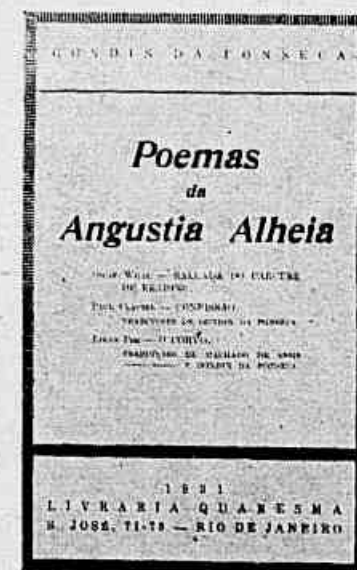
A 4.ª edição vem a lume, segundo um dos seus criticos, "como voz de prata fina que Portugal e o Brasil querem ouvir muitas vezes para honra d'uma bella raça e para gloria pura do sentimento humano".

Poemas da Angustia Alheia — Gondin da Fonseca. Livraria Quaresma. Rio 1931.

Com o titulo acima o sr. Gondin da Fonseca reuniu suas magistraes traducções da *Ballada do Carcere de Reading*, de Oscar Wilde; a *Confissão*, de Paul Claudel, e o *Corvo*, de Edgard Poe.

Sentimos que os estreitos limites desta secção, mais de registro que de apreciação critica, não permittam maior desenvolvimento ao juizo que fazemos do magnifico trabalho do sr. Gondin da Fonseca, cujos meritos de escriptor vibratil e de extraordinaria plasticidade não supplantam o poeta, senhor absoluto do rythmo e autorisado mestre do verso.

A sua traducção da Ballada do Carcere de Reading — fica.

E fica como uma das

obras primas da nossa poesia, digna em tudo da belleza do original, e que é uma dos obras primas do engenho humano.

O sr. Gondin fez de uma traducção uma creação. E para seu maior brilho nem faltou a collaboração do editor, que a apresentou em fórma excepcionalmente caprichada.

Emfim, um grande livro!

Christopher Morley — Edgar Wallace — Frank Swinnertin

A Revista da Semana publica no presente numero varias interessantes photographias de grandes vultos da literatura universal, consagrados pelo bronze. São vultos literanos do maior renome, magistralmente reproduzidos pela esculptura e que assim tambem pela Arte perennemente passarão á posteridade.

H. G. Wells — Arnold Bennet — J. M. Barrie — Aldous Huxley — D. H. Lawrence — Hawlock Ellis

Modos e Modas de 1831

POR ESCRAGNOLLE DORIA

O anno de 1831 foi climacterico na historia patria, pela Abdicação, depois pela Republica, disfarçada na Regencia. D'aquelle anno um seculo certo nos separa e não será talvez curiosidade vã lembrar, embóra perfunctoriamente, os modos e as modas de 1831, um pouco no Brasil, mais no Rio de Janeiro, sempre tanto Brasil. Ahi, do vice-reinado carioca em diante se concentrou a vida do paiz, como ainda se observa.

O anno de 1831, politicamente, foi de summa importancia para nós, acabando de ser d'elles, isto é — dos portuguezes. Dizia-o manifesto dos representantes da Nação ao povo brasileiro, motivando o 7 de Abril. Exclamavam aquelles representantes: "Concidadãos! Já temos Patria e um monarca que educado entre nós receba quasi no berço as primeiras lições da Liberdade Americana e aprenda a amar o Brasil que o viu nascer."

Diziam mais os representantes da Nação aos patricios: "Brazileiros! Já não devemos corar deste nome: a Independencia de nossa Patria e suas Leis vão ser desde este dia huma realidade. O maior obstaculo que a isso se oppunha (D. PedroI) retira-se do meio de nós; sahirá de um paiz onde deixava o flagello da guerra civil em troco de hum throno que lhe démos."

A' vista de tanto fervor por uma patria, não admira, pois, fosse grande scena no Rio de Janeiro, em 1831, a entrada de D. Pedro II, aos cinco annos de idade, na sua bôa cidade capital, velha de seculos.

A 9 de Abril de 1831, D. Pedro I ainda no porto, a bordo de corveta ingleza, realizava-se acção de graças na Capella Imperial, pela exaltação ao throno de D. Pedro II.

Trinta mil pessôas encheram as ruas irregulares do Rio de Janeiro á espera do joven monarcha, nuncio de novo reinado. Muitos d'aquella massa de população adornavam-se de folhas verdes e amarellas, forçando natureza a associar-se a patriotismo.

D. Pedro II veio trazido do palacio de S. Christovão para a Capella Imperial por umas quatro mil pessôas, revezando-se no puxar do coche onde estava o menino imperial, sem duvida com espanto nos olhos azues.

Cinco dias depois partia D. Pedro I para a Europa e do convez da *Volage* ia deitando vista ultima á terra onde chegára verdes annos e onde deixava — para sempre — filho na infancia.

Revolução é qual toldar de aguas, uma e outras turvas levam tempo a clarificar. O anno de 1831 seria de agitação continua, caracterisando-se pela absoluta intranquillidade publica. A's vezes as pequenas cousas melhor põem em luz as grandes, isso se vê a cada momento na Historia.

A edilidade carioca advertia ser prohibido aos ferreiros, espingardeiros, barbeiros ou cutileiros e quaesquer outros amoladores fazerem ou prepararem arma alguma para gente suspeita ou para escravos, sob pena de multa e prisão, dobradas na reincidencia.

As patrulhas tinham ordem para apalpar aos que encontrassem de noite, sem excepção de pessôa, prohibido a marinheiros nacionaes ou estrangeiros andarem em terra, baixada a noite, sob qualquer pretexto.

Apezar de tudo, d'ahi a pouco alguns mantenedores da ordem passavam a fautores da desordem. Revoltava-se o Corpo de Marinha aquartelado na ilha das Cobras.

Surgiu homem para dominar a sedição: o ministro da Justiça, um padre, Diogo Antonio Feijó, servindo-se das Guardas Municipaes.

A época era de tumultos e violencias, tambem de sensibilidade. Quando, logo após a Abdicação, D. Pedro II fôra levado á Capella Imperial para a acção de graças da exaltação ao throno, muita gente desmaiou; desmaio ou desfallencia, como se dizia no tempo, levada á conta de prazer patriotico.

Para mostrar, porém, como a Historia se repete, quanto ella póde ser representada pela roda a girar, lembre-se aqui que após a Abdicação os navios da Armada foram rebaptisados, substituindo-se os nomes de antigas e reverenciadas personagens por outras de relevo na transformação politica de 1831. Mudar é não raro ser o mesmo.

E, para mostrar ainda quanto gira a roda da Historia, uma das providencias regenciaes foi a da moralisação da Justiça, porque a Regencia não desejava "que tão saudavel instituição cahisse em total descredito."

As épocas revolucionarias entendem muito com a indumentaria, auxiliando os belchiores. Depois do 7 de Abril varias lojas propunham a venda de fardas de grande e pequena gala, de calções de casimira, de floretes de côrte, de chapéus armados. Era o espolio dos vencidos.

Nem as damas escapavam a tal liquidação da indumentaria. Assim a marqueza de Loulé, para vir ao Rio de Janeiro, em principios de 1831, sortira-se nas modistas de Paris. Mas a marqueza acompanhára D. Pedro I ao exilio e desfez-se dos vestidos.

Exilio... Em 1831 o soffriam, por paizes estrangeiros, nada menos de doze testas corôadas, entre ellas Carlos X de França.

O brigadeiro Lima e Silva, membro das duas regencias trinas, era o heróe do dia e ás vezes da noite. Assim, apparecendo Lima e Silva num simples theatrinho particular da rua dos Arcos, foi logo alvo de manifestação enthusiastica. Ouvira em sua honra varias poesias de varios poetas, chamados na época "os queridos das Musas"

Até na prosa se manifestava poesia, assim na

A moda feminina em 1831.

A moda masculina em 1831.

(Copia de João Affonso).

carta impressa "Adeos da Imperatriz Amelia ao Menino Imperador Adormecido", carta escripta pela segunda mulher de D. Pedro I ou escripta em nome d'ella, despedindo-se do enteado, D. Pedro II.

Encerrava topicos como este:

"Mãis brasileiras! Vós que sois meigas e afagadoras de vossos filhinhos a par das rolas dos vosses bosques e dos beija-flores das campinas floridas, suppri minhas vezes; adoptai o Orfão Coroado, dai-lhes todas hum logar na vossa familia e no vosso coração".

A par de sensibilidade, violencia, a da imprensa partidaria, a dos periodicos cujos nomes já bem os definiam: aqui o *Clarim da Liberdade*, alli a *Matraca dos Farroupilhas*, acolá *Espelho da Justiça*, gazetas destinadas a prompto olvido.

Natural era que o 7 de Setembro de 1831 fosse de maior regozijo patriotico do que a data da Independencia celebrada em annos anteriores.

A veia poetica de Paula Brito, por sonetos patrioticos, excitava os "filhos queridos das Musas" memorarem a ephemeride do Ypiranga, quando — dizia Paula Brito:

> "...*hoje a Brasileira Mocidade*
> *Clama com mais valor, com gaz mais forte*
> *Patria, Constituição e Liberdade.*"

Defensor d'essas tres aspirações devia ser D. Pedro II, o menino para o qual o "Adeos", tão pouco provavelmente escripto pela imperatriz Amelia, pedia ás mãis brasileiras muita protecção.

Deviam ellas alimental-o "com a ata, o ananás, a canna melliflua", acalental-o com a "toada das maviosas modinhas" e mais "afugentar-lhe do berço as aves de rapina, a subtil vibora, as crueis jararacas, e tambem os vis aduladores, que envenenão o ar que se respira nas côrtes".

A ultima phrase parece mostrar bem que o "Adeos ao Menino Imperador Adormecido" não veiu da penna de D. Amelia, autora improvavel da mistura de aves de rapina, ophidios e aduladores, estes de parentesco com as primeiras e os segundos.

Mas, como o imperador menor não pudesse chamar a si o encargo de defender "Patria, Constituição e Liberdade", para tanto se constituia a Sociedade Defensora da Independencia e Liberdade Nacional.

Até aqui temos fallado dos homens; agora é tempo de deixar fallar as mulheres. Dir-nos-ão como se vestiam em 1831; tempo do encurtar das saias, dos grandes chapéus e dos penteados de não acaba mais. Segundo foi lembrado, as mulheres tinham então menos belleza que as antecessoras, porém encanto superior.

Preferiam vastos chapéus de palha, tecidos leves, tão de maciez e caricia á pelle feminina.

A mulher de 1831, de vestido de seda com desenhos floridos e grandes chapéus de palha enfeitados de flôres, vinha a ser ente vaporoso admirado pelos homens da época, para os quaes bem escolher e amarrar gravata era sciencia ardua.

Só a gravata chamada de baile, para ser fixada, consumia duzia de alfinetes. E quantos nomes para gravatas, desde a mathematica até á Lord Byron, muito apreciada pelos moços, no pescoço dos quaes as pontas da gravata se uniam em nó grosso sob o mento!

E quantas outras cousas exigiam a attenção da elegancia masculina: as casacas de panno, com gollas avelludadas, os colletes de velludo branco com botões de varias côres, a calça justa de casimira preta, os sapatos envernizados, alguns com fivelinhas de ouro!

Tudo para agradar ás damas, que amavam com cautela, cuidando de não ferir conveniencias, incluido o amor no codigo do bom tom.

Alphonse Karr, humorista bem esquecido se digno de lembrança, na "Viagem ao redor do meu jardim", chasqueou da moda feminina dizendo:

"Vejam passar esta mulher: hontem, era meiga e bôa; hoje, eil-a altiva e insolente. Que mudou n'ella? Nada; traz somente á cabeça uma penna arrancada á cauda de uma avestruz.

Como a avestruz deve sentir-se ufana, ella dona de tantas pennas, que lhe pertencem!"

Assim escreveu o humorista, amigo de plantas, e aliás no nosso Imperio condecorado com a ordem da Rosa, n'elle pois bem propria.

Apezar da *boutade* — ha expressões francezas intraduziveis — de Karr, a moda não é desdenhada por gente masculina de vulto. Garrett em Portugal, Zacarias n Brasil tomavam o espelho por conselheiro de elegancia diaria. Paul Bourget entendia, no tempo da defunta cartola, á espera de ressurreição que ella devia ser brilhante e polida como um sabre. Barbey d'Aurevilly informa que Brummel, o modelo dos *dandies* inglezes, confiava o preparo do contorno das unhas a quatro artistas especiaes, tres para os varios dedos e um para os pollegares. E, pondo mais uma conta no rosario das citações, para Chamfort a mudança das modas era o imposto da industria do pobre sobre a vaidade do rico.

Escragnolle Doria

O DIA DA IMPRENSA

O dia da Imprensa que se vai commemorar, daqui por diante, no dia 10 de Setembro, para celebrar o dia em que surgiu a GAZETA DO RIO DE JANEIRO, cujo centenario naquella data se completa, é bem o dia da intelligencia brasileira, a ephemeride que terá o poder symbolico de concretizar todo o surto da nacionalidade. De facto todos os lances da nossa historia se confundem com a marcha da imprensa no paiz. A Independencia foi obra precipua do jornalismo. A abolição, a Republica e a Revolução de Outubro foram tambem obra magna da imprensa, que tem sido sempre a voz da nacionalidade. A REVISTA DA SEMANA, se outros gratos motivos não tivesse para associar-se ao dia que é tambem seu, fal-o-ia por direito de prioridade, sendo, como é, a veterana da imprensa illustrada no Brasil; e, querendo prestar a sua homenagem, de modo que abranja a generalidade, reune aqui todos os titulos dos jornaes e revistas do Rio, symbolos da força espiritual que é a imprensa, a cujo influxo o Brasil tem devido a gloria de seu destino.

Noite de Veneza no seculo XVIII

O maravilhoso "bal masqué" em estylo veneziano, que o embaixador da Italia e senhora Vittorio Cerruti offereceram nos sumptuosos salões do palacio da Embaixada italiana, constituiu um dos mais encantadores acontecimentos mundanos destes ultimos tempos.

A admiravel noite de arte, realizada com o concurso elegante do que a sociedade carioca e o mundo diplomatico têm de mais representativo, foi uma inesquecivel revivescencia da Veneza antiga que tanto fala á nossa imaginação — Veneza de sonhos e amores; Veneza, finura e galanteria, rendas e punhaes...

Harmonisando-se ao espirito fino, todo subtileza e formosura da época, a indumentaria se apresenta com recamos de ouro e espumas de rendados. E' velludo, véus, sedas, vidrilhos, joias...

Graças ao milagre de arte realizado pela Embaixada italiana, surgiu em pleno céu carioca, á luz dourada do Cruzeiro do Sul, uma noite de Veneza no seculo XVIII.

Damos nestas paginas alguns suggestivos aspectos da elegantissima festa, vendo-se: 1 — A senhora Getulio Vargas, tendo á direita o Conde Dejean, embaixador da França, e á esquerda o ministro da Polonia. Vêem-se ainda nas cabeceiras da meza, á esquerda, o embaixador Cerruti e, á direita, a embaixatriz da Italia, que tem á sua direita a senhora Moscatti, consuleza italiana, e o sr. Macedo Soares. Vêem-se ainda de pé, a partir da esquerda: Senhorinha Cecilia Betim Paes Leme, senhora Pedro Mello (Sabugosa), senhora José Carlos Figueiredo senhora Tanco y Argaez. Sentada ao lado do embaixador Cerruti está a senhorinha Isar Betim Paes Leme. 2 — Sentados da esquerda para a direita: sr. Octavio Simonsen, senhorinha Negra Bernardes Muller; sr. João Peixoto, sr. Octavio Guinle, sr. Victor Marini, sr. Lucas, senhora Kelling. 3 — Senhorinha Rosalita Mendes de Almeida. 4 — Senhora almirante Marques Couto, em "Cantora Moricelli", acompanhada das patricias venezianas. 5 — Senhora Alberto Faria Filho, numa admiravel creação de Jeanne Lauvin. 6 — A tenda da *buena-dicha:* senhora José Carlos de Figueiredo, que tem ao seu lado a senhora Octavio de Britto. 7 — *Selim-Pachá* (o embaixador da França) e seu cortejo, vendo-se entre os presentes a condessa de Grancey, senhoras Bochner, Lingler, Homo, Carpentier, Singerig e a senhorinha Thereza de Barros Moreira.

CARTAZ

Leopoldo Fróes

O cinema, que é uma especie de caça ás notabilidades, acaba de fazer mais uma conquista: a de Leopoldo Fróes, o nosso galan comico, que se tornou, annos passados, o idolo da platéa carioca.

Tendo sido o actor brasileiro que fez nome e successo rapidos na comedia, pontificando no *Trianon* para a delicia de um publico sempre fiel, retirou-se da scena e foi espairecer na Europa, de onde nos vem agora, para novo triumpho e enlevo, graças ao cinema-falado.

Em *Minha Noite de Nupcias* o querido Froes resurgiu, dando-nos, no

Leopoldo Fróes.

prestigio da arte nova, o regalo de seu dom amavel, cessando assim o seu divorcio com o publico desta cidade, saudoso da sua presença.

Asuero

O famoso medico espanhol está no seu retiro do Copacabana, fazendo uma estação de repouso, entregue exclusivamente ao encanto de nossa paizagem.

Dizem-no cabotino. Negam-lhe o beneficio infallivel de seu toque magico. Está impedido, por nossas leis severissimas,

O dr. Asuero.

de comprovar aqui as virtudes miraculosas do processo que o celebrizou. Mas, apezar disso, não deixa de ser curiosa a sua pacata presença no Rio, vivendo tranquillamente esquecido, sem que ninguem possa soccorrer-se de sua sciencia mirifica.

A fama é agora uma gloria ephemera.

Tambem a nossa *Santa de Coqueiros* teve uma auréola fugitiva...

A revolução em Portugal

Presidente Carmona.

O presidente Carmona conseguiu dominar mais uma revolução em Portugal.

O movimento revolucionario, ao contrario do que os primeiros telegrammas annunciavam, revestiu-se de grande violencia, sendo grande o numero de mortos e numerosissimo o de feridos.

A revolução agora dominada pelo general Carmona é a 23.ª que estoura em Portugal, depois da Republica.

Tomaram parte no movimento vultos de responsabilidade nas forças armadas, parecendo, aos que melhor conhecem a politica protugueza, ser a revolução de agora, de certa fórma, um a remanescencia do surto revolucionario da ilha da Madeira.

O governo portuguez tomou sérias providencias para manter a ordem e fez seguir para as colonias os officiaes insurrectos.

A viagem do Zeppelin

O *Zeppelin* acaba de cumprir a promessa feita ha dois annos: voltar aos lindos céus brasileiros, em nova viagem á America do Sul.

A formidavel aeronave partiu da Allemanha, para um novo cruzeiro pelo Atlantico, trazendo numerosos passageiros, ansiosos de sentir as emoções de uma viagem transatlantica pelos ares e a bordo do maior navio aéreo do mundo.

O Zeppelin aterrou em Pernambuco na terça-feira ultima.

Henrique Lopes de Mendonça

Falleceu em Lisbôa, com setenta e sete annos de edade, Henrique Lopes de Mendonça que, a numerosos outros titulos litterarios, juntava o de socio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

O seu nome, sem duvida dos mais illustres do theatro portuguez de todos os tempos, appareceu pela primeira vez no cartaz em 1884, assignando uma peça em um acto: *A Noiva*. Dois annos depois, affirmava-se para sempre a gloria do escriptor, com o *Duque de Vizeu*, drama em verso que, por assim dizer, iniciou a renovação do drama historico na lingua em que Garrett escrevera *O Alfageme de Santarem*. Foi certamente o exito esplendoroso do *Duque de Vizeu* que animou os grandes artistas João e Augusto Rosa e Eduardo Brazão, então concessionarios do Theatro D. Maria II — a Comedia Franceza de Lisboa — a pôr em scena outras obras do genero. E houve em Portugal um movimento impetuoso, um magnifico surto não só na producção dramatica como tambem na arte de representar. E' desse tempo o *D. Affonso VI*, de D. João da Camara, obra superior de belleza e de caracter, a que mais tarde se havia de juntar o *Alcacerkibir* do mesmo autor tres vezes fidalgo: pelo nascimento e pelas qualidades de dramaturgo e de poeta. A' mesma época pertence a *Leonor Telles*, que Marcellino Mesquita escrevera para uma recita de doutorandos de Medicina e o Dona Maria consagrou, incluindo-a no seu repertorio. E de Lopes de Mendonça se representaram tambem no theatro official portuguez *A Estatua* e *A Morta*, esta ultima inspirada nos amores e no martyrio de D. Ignez de Castro.

Escreveu tambem Lopes de Mendonça, além das comedias *Nó cego*, *Tição negro*, *Amor louco* e *Azebre*, uma série de volumes de novellas historicas, glozando, num estylo sempre rico e esmerado, lendas e tradições de Portugal. Delle disse um biographo que "tinha o sentimento profundo e nobre, a paixão religiosa do passado; e trazia em si, na memoria e no coração, a historia da sua patria."

Foi Henrique Lopes de Mendonça quem escreveu os versos da marcha patriotica *A Portugueza* que, após o advento da Republica, se tornou o Hymno de Portugal.

O archi-duque Antonio de Habsburgo e a princeza Lleana da Rumania, cujo casamento, ultimamente realizado, constituiu um dos grandes acontecimentos da fidalguia européa.

H. Lopes de Mendonça.

O "Graf Zeppelin" quando de sua primitiva viagem ao Brasil.

Paul Morand

Paul Morand.

O *Duilio* trouxe-nos, dias ha, uma celebridade authentica — Paul Morand, o escriptor que neste momento é um dos espiritos culminantes da França, patria de todos os cerebros.

Psychologo em villegiatura, estheta com a ansia dos novos horizontes, Paul Morand escreve as suas sensações de *globe-trotter* maravilhoso, fazendo de cada viagem um livro. A curiosidade é a musa d'esse amavel peregrino, o encanto d'esse turista de emoções literarias.

Já alguem lhe fez o melhor elogio: é o unico francez que sabe geographia...

E, para o Brasil, victima do mal gaulez da geographobia tradicional, essa virtude singular de Paul Morand assume grande importancia, porque temos a certeza antecipada de que, desta vez, o Rio de Janeiro não será louvado como capital da Argentina...

O dr. Luther, presidente do Reichsbank, da Allemanha, num instantaneo em Paris, por occasião da crise allemã.

Pola Negri

Pola Negri, dizem telegrammas de Los Angeles, está agonizando.

E' mais uma estrella mergulhando desta vez, não no occaso da obscuridade, na decadencia sombria da fama, mas na noite eterna da morte...

Pola Negri, nome cantante de actriz, syllabas sonóras estalando no ouvido como alegre clarinada, encheu o mundo do cinema com a sua arte, a sua sensibilidade, as suas extravagancias, o seu romance...

Pola Negri, agonizando! Uma figura que desapparece do mundo dos sonhos, dentro da grande sombra...

Curiosos *close-ups* de alguns representantes da Grã-Bretanha na Liga das Nações, numa das sessões da Conferencia do Desarmamento. Vêem-se da esquerda para a direita: Mr. Mac Donald, Lloyd George, o *field-marshal* sir William Robertson e Mr. Stanley Baldwin.

NOSSA GENTE

POBRE gente a do sertão! Pobre gente a que se arrasta humildemente fóra dos centros urbanos, esquecida de todos e de tudo.

E' uma população humilde, á margem da vida, sentindo-se engrandecida pela maravilhosa moldura da Natureza, toda opulencia e esplendor e, ao mesmo tempo, por um contraste chocante, tendo a sensação do esquecimento humilhante das cidades...

A natureza cerca-a de luxo. Os homens envolvem-n'a de desprezo.

Pobre gente! O clima tortura-a. As doenças devastam-n'a. Os governos esquecem-na.

Em pleno sertão, com a sua reconhecida falta de recursos e de communicações, ainda se pode comprehender tão lamentavel abandono.

O *hinterland* tem volupias de Saturno: devora os seus proprios filhos...

E' assim verdadeiramente contristador o espectaculo de miseria que apresentam as nossas populações, desamparadas de todos os recursos.

E, se desolador é o aspecto que apresentam os homens, o que dizer das creanças, que mais parecem "as creanças que Deus esqueceu?"

Vivendo em pleno abandono, á lei de Deus, á mingua de amparo official, surge providencialmente, ás vezes, o soccorro da iniciativa particular.

E' o que felizmente agora acontece com o caso em apreço.

Após tantos annos de desprezo e abandono, eis que se dá agora o suave milagre, e a caridade desce, em seu auxilio, de lindas mãos femininas...

O que se vê na interessantissima gravura acima não se passa nos recessos barbaros da nossa terra.

E' em pleno litoral, a algumas horas do Rio, a grande colmeia da nossa civilização.

Passa-se ali na Marambaia, tão longe do sertão!

As creanças vão crescendo ao léo da sorte, á vontade da Natureza. Crescem brutalizadas, sem a menor instrucção, concorrendo para os 80% dos analphabetos do paiz.

Como, porém, o acaso é um grande protector do Brasil — e tambem seu fundador, segundo Pedro Alvares Cabral... — elle ás vezes corre a favor de gente tão desprotegida...

Foi o que aconteceu na Marambaia.

Um bello dia lá surgiu Carmen Santos, a radiosa *estrella* do cinema brasileiro, para filmar "Onde a terra acaba". A miseria da pequena população local impressionou fundamente o seu coração piedoso.

Deu-lhe roupas, recursos. E, não contente de dar ás creanças o amparo material, quiz dar-lhes ainda o pão para o espirito — a instrucção.

Vemos na gravura a refulgente estrella de *Onde a terra acaba* numa das horas de folga do seu trabalho, ensinando as creanças a lerem e, muito mais do que isto, ensinando-lhes o que é o Brasil!

Flôres de Portugal no vergel do Brasil

Leopoldina Bello

Adelia Cunha Leite

Bertha Ferreira de Souza

Amelia Borges Rodrigues

Maria Gonçalves de Castro

Lili Carvalho

Sarah Fornellos

Maria Luisa Costa

Clotilde do Céo e Souza

Isalinda Serramota

A *Revista da Semana* divulga nestas paginas, como se catalogasse uma série de sorrisos, os retratos de algumas candidatas, das mais votadas, ao titulo de Rainha da Colonia Portugueza no Rio de Janeiro, concurso promovido pela revista *Lusitania* e pelo jornal *Patria Portuguesa*, que tem logrado o maior exito e cuja apuração se fará no dia 30 de dezembro deste anno. O mais difficil, nesse certamen adoravel, será a escolha, tantas são as que merecem o triumpho, o que se explica tambem pelo numero das competidoras e pela affluencia dos votos, que sobem já a muitos milhares. Reunindo as photographias de diversas concorrentes, cuja belleza tem estimulado o interesse do pleito, prestamos a nossa grata homenagem a todas as representantes gentis da graça feminina, que floresce ao sol da Guanabara, ostentando no Brasil o sorriso e o encanto de Portugal.

(Photo: De los Rios.)

No Paiz dos Crysanthemos

A Natureza fez do Japão, paiz encantado do Oriente, o jardim da Asia. Tudo concorre para o encanto d'esse adoravel habitat de u[illegible] raça forte, amavel e diligente; e até a violencia de seus vulcões se presta para dar um cunho inconfundivel á sua belleza decorativa... E o monte Fuji é, sob esse aspecto, um symbolo que tem a força de um relevo emblematico. Costumes e tradições, lendas e paizagens, em tudo se equilibra a graça alada das miniaturas, o segredo das maravilhas minusculas, que formam o genio de seu povo e explicam o milagre esthetico do que se convencionou denominar — japonezices.

O Japão, apezar dos terremotos que, de quando em quando, o flagellam, mau grado todas as suas catastrophes cyclicas e lutas gigantescas, é a patria do sorriso perenne. Na mascara nipponica floresce, como um lotus, a perpetua alegria.

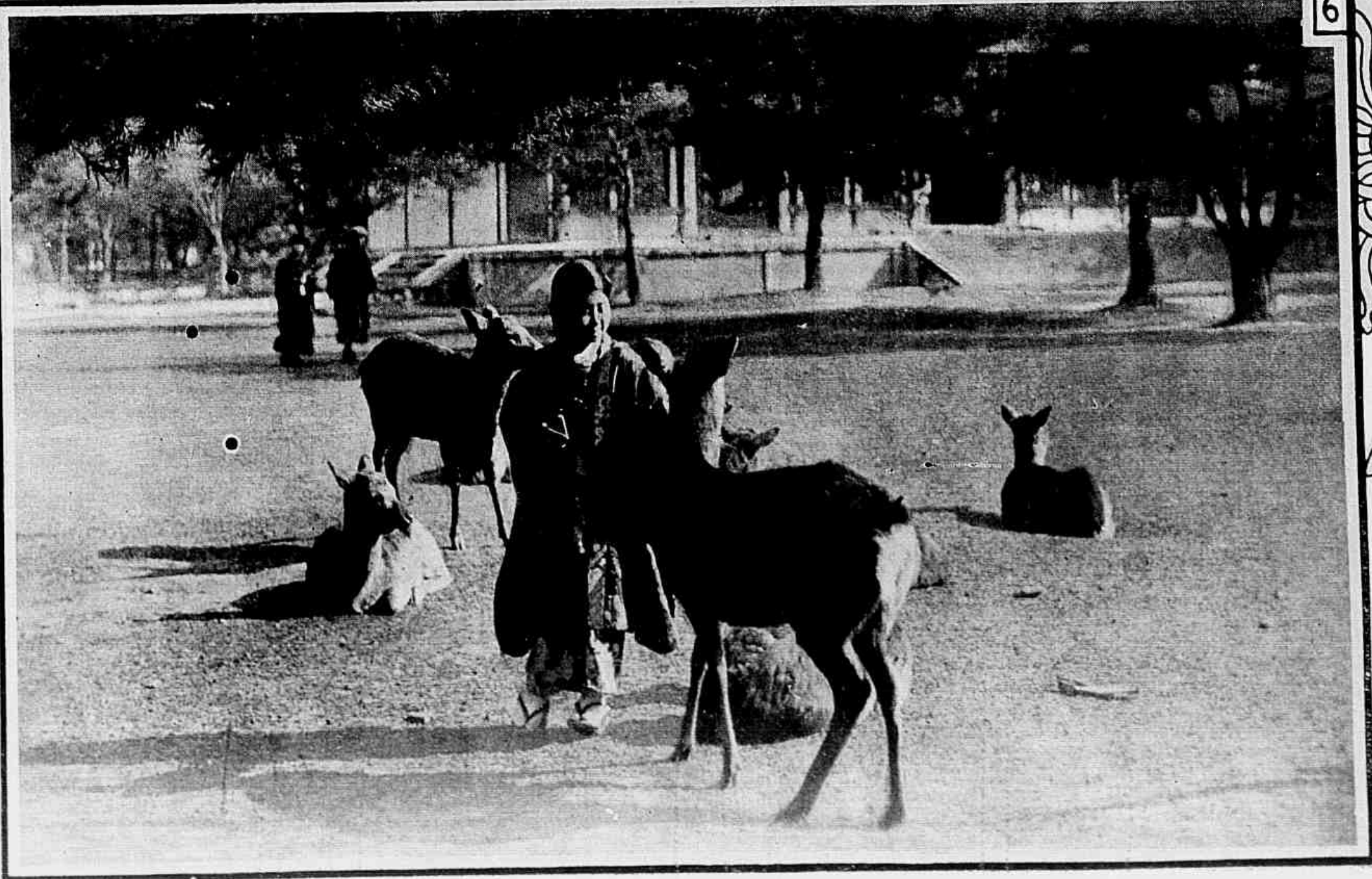
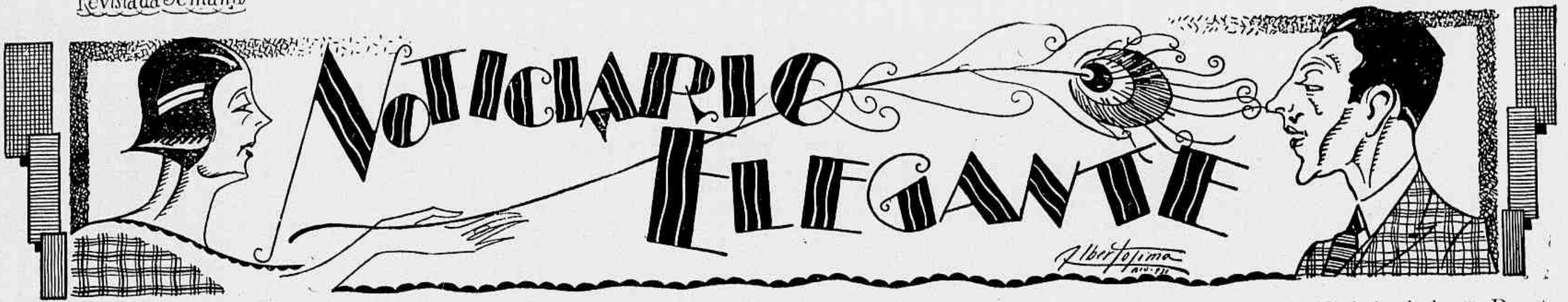
1 — O monte Fuji, num dos seus aspectos mais empolgantes. 2 — Templo budhista Kiyomizu, Kioto. 3 — Uma artista japoneza tocando o *Shamicem*, instrumento de musica peculiar do Japão. 4 — Dançarinas japonezas, em traies caracteristicos. 5 — As flôres da lagôa Shinobazu, Tokio. 6 — Veados do Templo Xintoista Kasaga no grande Parque Nacional em Nara.

(Photos da Associação Nippon-Brasileira de Kobe.)

A Natureza fez do Japão, paiz encantado do Oriente, o jardim da Asia. Tudo concorre para o encanto d'esse adoravel habitat de u[illegible] raça forte, amavel e diligente; e até a violencia de seus vulcões se presta para dar um cunho inconfundivel á sua belleza decorativa... E o monte Fuji é, sob esse aspecto, um symbolo que tem a força de um relevo emblematico. Costumes e tradições, lendas e paizagens, em tudo se equilibra a graça alada das miniaturas, o segredo das maravilhas minusculas, que formam o genio de seu povo e explicam o milagre esthetico do que se convencionou denominar — japonezices.

O Japão, apezar dos terremotos que, de quando em quando, o flagellam, mau grado todas as suas catastrophes cyclicas e lutas gigantescas, é a patria do sorriso perenne. Na mascara nipponica floresce, como um lotus, a perpetua alegria.

1 — O monte Fuji, num dos seus aspectos mais empolgantes. 2 — Templo budhista Kiyomizu Kioto. 3 — Uma artista japoneza tocando o *Shamicem*, instrumento de musica peculiar do Japão. 4 — Dançarinas japonezas, em trajes caracteristicos. 5 — As flôres da lagôa Shinobazu, Tokio. 6 — Veados do Templo Xintoista Kasaga no grande Parque Nacional em Nara.

(Photos da Associação Nippon-Brasileira de Kobe.)

ANNIVERSARIOS

as sras. Alice de Sá Freire, Odette Rodrigues de Souza e Gonçalves Leite; a senhorinha Helena Geraldo Rocha; a interessante Diva de Andrade; o dr. Aleixo de Vasconcellos; o sr. Alfredo Mangia; o dr. Milciades Sá Freire; o sr. Antonio Carlos, ex-presidente do Estado de Minas Geraes; o desembargador Luiz Antonio de Souza Neves.

as senhoras Bueno Brandão, condessa de Affonso Celso, Lauro Sodré e Maria Rita de Lima Bomfim; o dr. Oswaldo de Oliveira; o educador A. Brigole; os drs. Cicero Peregrino e Annibal Pereira; o commandante Carlos Midosi.

SETEMBRO 7 SEGUNDA-FEIRA

as senhoras Servulo de Lima e Maria Coelho Teixeira; as senhorinhas Sylvia Nunes Belfort e Edith Capote Valente, da alta sociedade paulista; o dr. Octavio Tarquinio de Souza, o almirante Machado da Silva; o sr. Arthur Osorio da Cunha Cabrera, ex-presidente da Associação dos Empregados no Commercio.

SETEMBRO 8 TERÇA-FEIRA

as senhoras Diva Carrasco, Dilermando Cruz e Carmen Simonsen; as senhorinhas Maria Elisa da Silva Costa, Maria Isabel Verney Campello, professora do Instituto Nacional de Musica, Cecilia Felippe de Campos, Carmen de Almeida, Diva de Almeida, Carmen Roxo; o professor Sampaio Corrêa; o ex-deputado Domingos Mascarenhas, o marechal Carneiro da Fontoura, ex-chefe de policia.

as sras. Ignez Salvador de Araujo Rocha, Graca Aranha Miranda, Antonio Guimarães e Affonso de Viseu, que festeja o seu natal com sua galante filhinha Marina; a senhorinha Candoca Menezes; o ex-deputado José Gonçalves de Souza; o dr. Jeronymo Nogueira Penido, o nosso companheiro Luiz Gomes Loureiro, festejado artista do lapis; o dr. Angelo Xavier da Veiga.

as senhorinhas Adelina Cantanhede Barradas, Jahyra de Barros Midosi, Ilza Julio Barbosa; o dr. Augusto de Lima, professor de direito e membro da Academia de Letras; os drs. Gomes de Paiva, Nascimento Silva, Elviro Carrilho e Alfredo Maggioli; o diplomata Felix Bocayuva.

as senhorinhas Guiomar Fontoura Freire de Andrade, Maria Rosa Rocha, Lydia de Fausto Werneck; os drs. Crissiuma Filho, Henrique Castrioto de Albuquerque Mello, Abilio Carlos de Carvalho, Lourival Oberlander e Washington Vaz de Mello; o joalheiro Oswaldo Fernandes de Castro.

NOIVADOS

— a senhorinha Iracy Rodrigues de Carvalho e o dr. Alcindo da Cruz Guimarães;

— a senhorinha Maria do Rosario Vaz e o sr. Archanjo Mourão;

— a senhorinha Maria José Petagra e o dr. Luiz Moliterno;

— a senhorinha Adalgisa de Faria Mattos e o dr. Edmundo Carlos de Oliveira;

— a senhorinha Dyses Duarte e o sr. José Carlos Rodrigues;

— a senhorinha Maria Lopes de Oliveira e o sr. Paulo Jenné;

— a senhorinha Gilda Pradel Furtado e o sr. Francisco Hala;

— a senhorinha Naná Waldina Figueiredo, cujo retrato illumina esta pagina, e o sr. Manuel Abrunhosa Filho, do nosso alto commercio.

CASAMENTOS

— a senhorinha Carminha Alves Vieira e o dr. Alfredo Guimarães Chaves;

— a senhorinha Innocencia Rocha e o dr. José Corrêa Seixas.

DIPLOMATAS

Com muita distincção realizou-se, no palacete da Embaixada mexicana, o jantar que o embaixador do Mexico e a gentilissima senhora Alfonso Reyes offereceram, em dia da semana passada, a um grupo de amigos.

Fizeram parte do elegante ágape o embaixador Morgan, embaixador e embaixatriz Novoa Valdés, ministro Rostaing Lisbôa, ministro de Noruega e senhora de Michelet e senhorinhas Armgard y Sisi Michelet, ministro da China e senhora de Tai, sr. e senhora A. Bandeira de Mello, senhorinha Aurora Bruzon, sr. e senhora Fuentes, sr. e senhora De la Lama, consul José Moreno Salido.

O ministro plenipotenciario do Brasil na Bolivia e a distinctissima senhora Samuel de Souza Leão Gracie abriram os ricos salões do palacete de sua residencia em Copacabana e offereceram ás suas fidalgas relações uma notavel recepção. Pelos salões da luxuosa vivenda desfilaram, por uma tarde inteira, as mais bellas e illustres figuras da nossa sociedade. Estiveram tambem presentes chefes de missões estrangeiras, altos funcionarios do Itamaraty e pessôas do alto mundo politico.

Senhorinha Naná Waldina Figueiredo, brilhante ornamento da nossa sociedade.

Afim de assumir suas funcções, partiu para Lima, via Buenos Aires, o dr. Alberto J. de Ipanema Moreira, novo ministro no Perú.

Regressou a esta capital pelo *Lipari*, em companhia de sua familia, o dr. Rubens de Mello, secretario de legação, que vem servir no Ministerio das Relações Exteriores.

Outra reunião brilhante no mundo diplomatico foi o jantar que o embaixador de França, conde Dejean, offereceu, na Embaixada franceza, em homenagem ao dr. Afranio de Mello Franco, ministro das Relações Exteriores.

Estiveram presentes á fina reunião do illustre conde Dejean: o dr. Mello Franco, o escriptor francez Paul Morand, o sr. e senhora Cavalcanti de Lacerda, o ministro Rostaing Lisbôa, o ministro Mauricio Nabuco e senhorinha Carolina Nabuco, o dr. Hildebrando Accioly, o general chefe da Missão Militar franceza e senhora Huntziger; o professor Roger e esposa; professor Baldenspeyer; o sr. e senhora Octavio Brito, o sr. e senhora Delgado de Carvalho, o sr. e senhora Rodolpho de Souza Dantas, o sr. e senhora Carlos Buarque de Macedo, a senhora Homo, o conselheiro da Embaixada e viscondessa du Laffault, o addido naval franceza e senhora Benech, senhorinhas Armgard e Sisi Michelet, secretario da Embaixada barão Dayet, o addido commercial sr. Chaucel e o 1.º secretario da Embaixada de França.

Pelo *Duilio*, seguiu com destino a Buenos Aires o sr. Mora y Araujo, embaixador da Republica Argentina, acreditado junto ao nosso governo.

A demora do bilhante diplomata no Prata será por pouco tempo, o que muito agrada e nosso grande mundo, onde o embaixador Mora y Araujo goza da maior sympathia e estima.

MUSICA

Que semana sensacional de bôa musica no Municipal! Que concertos notaveis! Que grandes artistas escutámos nestes poucos dias!

Ouvimos em programmas esplendidos Kubelik, Tito Schipa e Oscar Borgerth.

Foi realmente uma semana deliciosa de musica e de encantamento.

Outras bellas tardes de musica realizaram-se noutros salões.

A sra. Christina Costa Masritany levou, com o seu recital de canto, ao Studio Nicolas um mundo de gente fina a applaudil-a.

Os alumnos do professor J. Octaviano deram uma attrahentissima audição, tambem no salão Nicolas, com uma grande concorrencia.

E por fim o Gremio Arcangelo Corelli, sempre tão apreciado, fez-se ouvir em sua séde á rua 7 de Setembro, alcançando grande exito.

A QUINZENA DA CASA DO ESTUDANTE

Mais alguns dias e surgirá a festiva "Quinzena da Casa do Estudante".

Será alegre e vigorosa como a mocidade, porque ella vem da mocidade para a mocidade. E' um bello grupo de pessôas moças que está a organizal-a. Ella virá cheia de vida e de belleza!

A ultima reunião realizou-se no salão do Palace Hotel e ficou resolvido, sob suggestão de d Anna Amelia Carneiro de Mendonça, uma encantadora série de festas para celebrar a "Quinzena da Casa do Estudando".

Ficou mais ou menos deliberado que a Quinzena terá: "Bazar da Casa do Estudante", "Salão do Estudante", jornal "A Casa do Estudante", conferencias, *réveillons* e outras diversões que nas proximas reuniões serão combinadas.

DECLAMAÇÃO

Realizou-se com pleno successo o recital das senhorinhas Olympia Wanderley e Maria Lopes de Souza, na noite de quinta-feira passada, no salão do Palace Hotel.

Ouviram-se obras de poetas notaveis, como Victor Hugo, Andréa Falconieri, François Coppée, R. Laparra, Paul Géraldy, Francisco Villaespesa e outros de igual valor, com que as sympathicas recitalistas arrebataram uma assistencia tão numerosa quão brilhante.

PELA "PEQUENA CRUZADA"

Os formosos chás que essa nobre instituição realizou por espaço de um mez em seu favôr, e tão agradaveis e elegantes tardes proporcionaram á nossa sociedade no edificio da *Gazeta de Noticias*, foram encerrados com o maior brilho domingo ultimo. O encerramento dos lindos chás teve como local os magnificos salões da Embaixada americana, que o illustre embaixador Edwin Morgan gentilmente offereceu ás promotoras das finas reuniões.

Os bellos salões da Embaixada americana foram pequenos para acolherem todos os bons corações que ali foram levar seu auxilio para suavizar um pouco os soffrimentos dos pequenos pobres.

M. DE D.

NOSSA TERRA

A FLORESTA — disse-o Graça Aranha — é o esplendor da força na desordem. No Brasil, a selva tem, sem duvida, toda essa dynamica esplendida e desordenada, porque decóra o mais rigoroso, o mais variado, o mais empolgante trecho da Terra. A natureza do Brasil é um espelho de Proteu, onde se reflectem todas as maravilhas.

A paizagem que illustra esta pagina, consagrada á nossa terra prodigiosa, nol-o demonstra á saciedade. Recorta um recanto do litoral do Nordeste, ostentando o luxo verde da vegetação opulenta, no vigor da seiva tropical.

As arvores gigantescas se entrelaçam, numa ansia vegetal de amplexo formidavel. E desse emmaranhado de lianas, folhas, galhos, orchideas e parasitas sobresáe a graça languida das bananeiras e o encanto hirto das palmeiras heraldicas.

A humilde choupana, que tem por fundo o quadro que já focalizámos, é um pormenor que vale pelo conjuncto soberbo, porque deixa de ser um accessorio, para tornar-se, por si só, uma expressão symbolizante de nossa epopéa ethnica, por ser a casa do nosso caboclo, o lar rustico do nosso sertanejo, que é o heróe anonymo da nacionalidade, o factor obscuro de nossa evolução racial, que já mereceu a glorificação do verbo pujante de Euclydes da Cunha e recebe, no verso de Catullo da Paixão Cearense, homéride barbaro, a consagração de seu ingenuo e amoravel lyrismo.

O Nordeste, que já foi definido como sendo a ferida da nacionalidade pelo flagello climatico das seccas periodicas, que obedecem a uma fatalidade mesologica, fundiu um typo racial admiravel, em que reside o segredo da energia da nossa resistencia ethnica e fórma o substractum de nossa *gens*. O meio hostil fez o homem forte, indomavel, ainda que tal não pareça pela apparente fragilidade physica, como si fossem titans caçúlas, justificando o epitheto euclydeano, que glorificou para sempre o sertanejo: "Hercules - Quasimodo".

Mas na desolação nordestina ha oasis, cheios de verdura e bemaventurança, quando a agua do recolhimento lacustre e das caudaes ephemeras refresca o sólo castigado pelos beijos mordazes do sol.

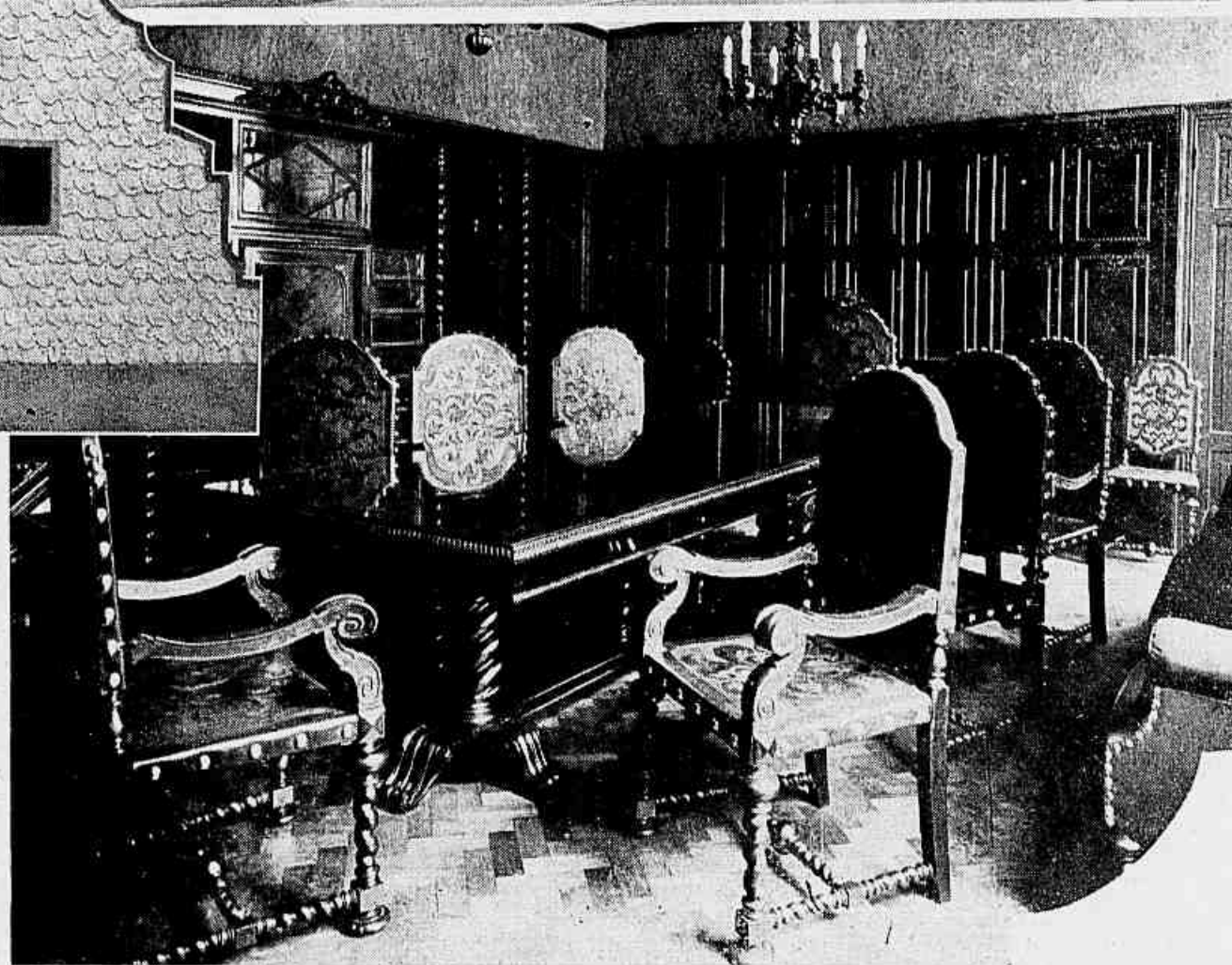
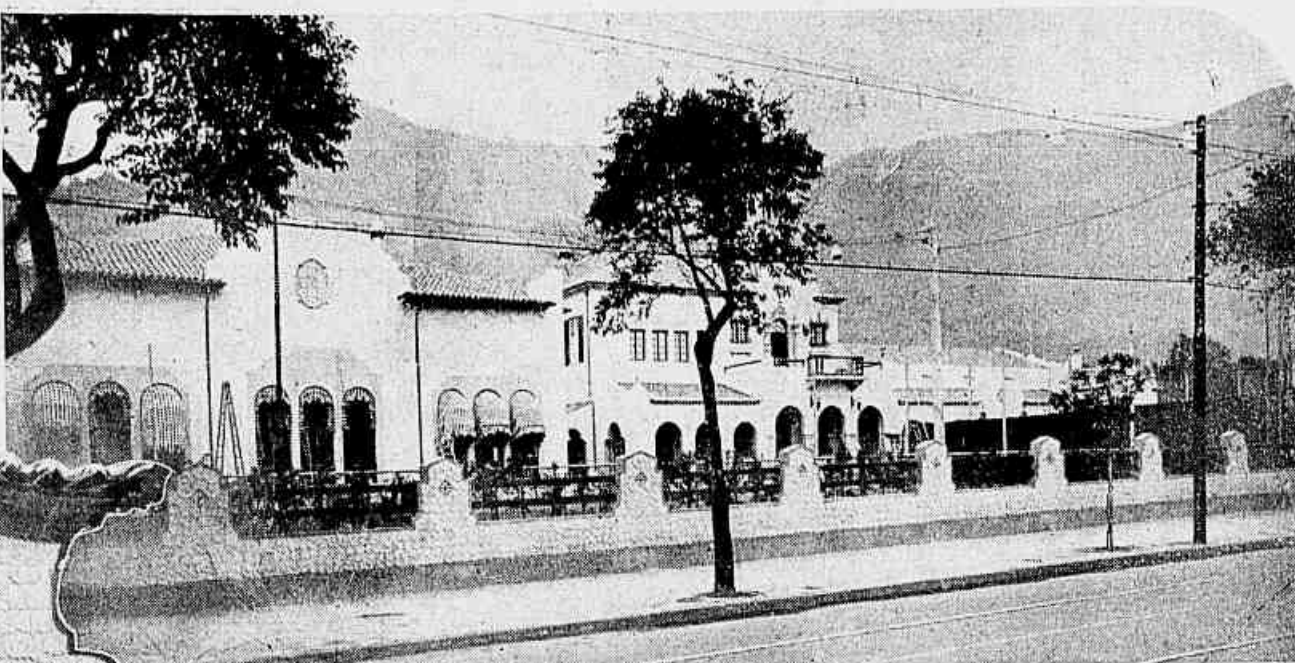
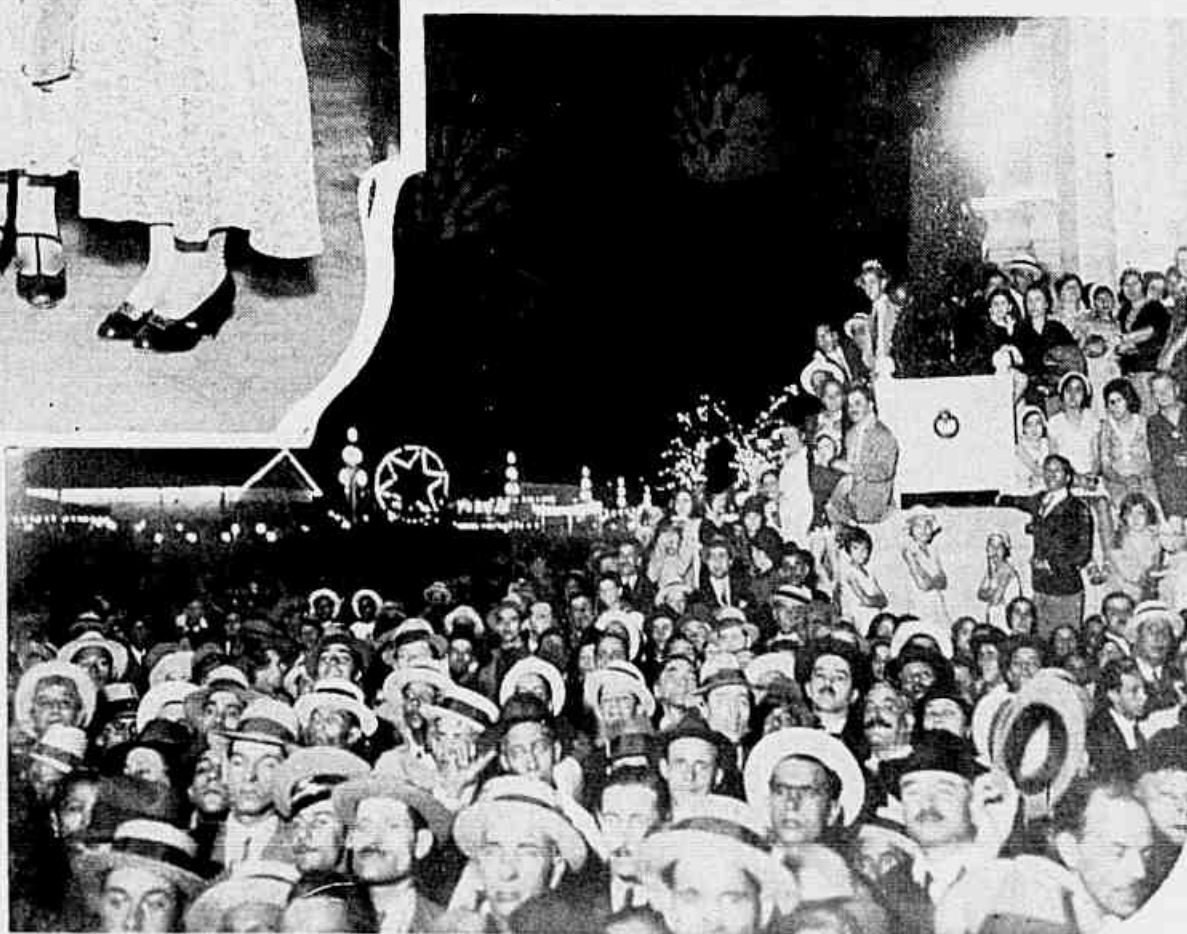
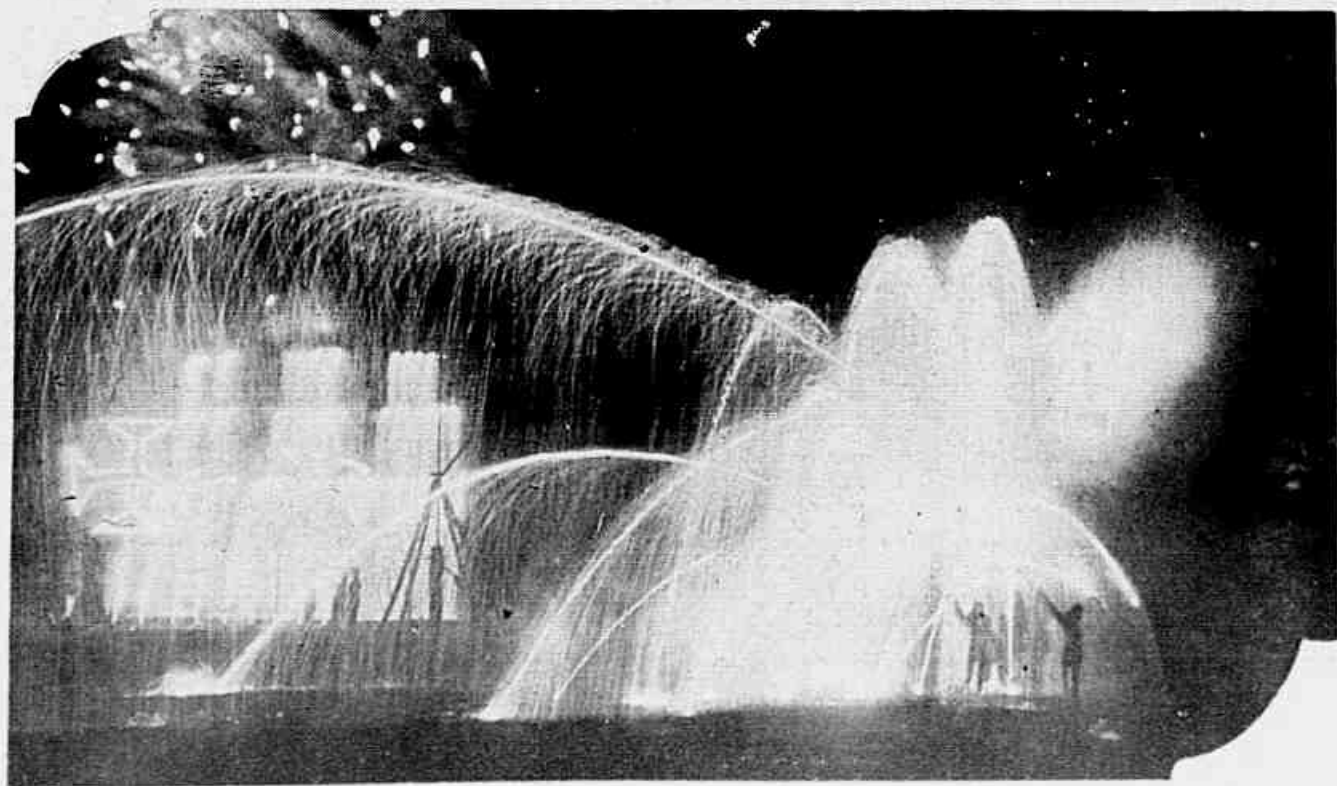
E' a terra de sol, onde os heróes e os bandidos, descriptos por Gustavo Barroso, apresentam, pelo jogo dos contrastes e antitheses, o atavismo da ferocidade e a graça ingenua das epopéas anonymas; terra martyr e sagrada pela dor que vae caldeando na prova christan do soffrimento o surto magnifico de nossa elaboração como raça nova que surge, na rude peleja do instincto que vae cedendo á razão, emquanto passa pelo banho lustral das lagrimas que rolam num chão de brasas.

No refugio umbroso, onde a humidade benefica do solo permitte todo o garbo da floresta densa, vemos essa cabana, que se ergue num ambito de alagôas, nome que suggere desde logo a pluralidade veneziana de lagos successivos, que fazem desse Estado do Norte uma vasta extensão de terras banhadas por numerosos circulos de agua mansa e meditativa, por cujas margens se debruçam os coqueiraes festivos.

E nessa casinha modesta, que tem o cunho typico da habitação primitiva, identificando a influencia atavica da malóca, o nosso caboclo vive em meio da natureza abençoada, que lhe suaviza a vida ignorada dando-lhe, no seu esplendido isolamento, a paz de um Eden selvagem...

S. N.

A NOVA SÉDE DO TIJUCA TENNIS CLUB

A directoria do Tijuca Tennis Club, para festejar a inauguração da sua nova séde, offereceu, no ultimo domingo, um almoço á imprensa carioca. As nossas gravuras apresentam: 1 — Grupo formado pelos socios e convidados com suas familias, vendo-se o dr. Heitor Beltrão, presidente do Club, tendo á esquerda o dr. Herbert Moses, presidente da A. B. de Imprensa, e o sr. Francisco Norris. 2 — Aspecto externo da magnifica séde que será hoje inaugurada. 3 — O artistico portão da entrada principal, que se communica ao edificio por uma linda pergola. 4 — Aspecto do almoço realizado, no salão do Gymnasio. 5 — Salão da directoria. O novo edificio é projecto e construcção de Candiota, Sá & Barbastesano e a piscina de Scott & Urner A área de construcção mede 1,244 metros. O Tijuca Tennis Club pode orgulhar-se de possuir agora uma das sédes mais confortaveis e distinctas no meio social e sportivo do Rio de Janeiro.

PORTUGAL NA FEIRA DE AMOSTRAS

Realizou-se sabbado ultimo no recinto da Feira de Amostras o desfile das candidatas mais votadas ao premio de Rainha da Colonia Portugueza. Damos, ao alto, um grupo das gentis e formosas candidatas que tomaram parte no desfile e que transcorreu no maior enthusiasmo. A' esquerda, flagrante dos interessante fogos de artificio, que tanta animação deram á festividade. A' direita, um aspecto da assistencia, vivamente interessada nas commemorações do *Dia de Portugal*, realizado com tanto brilho.

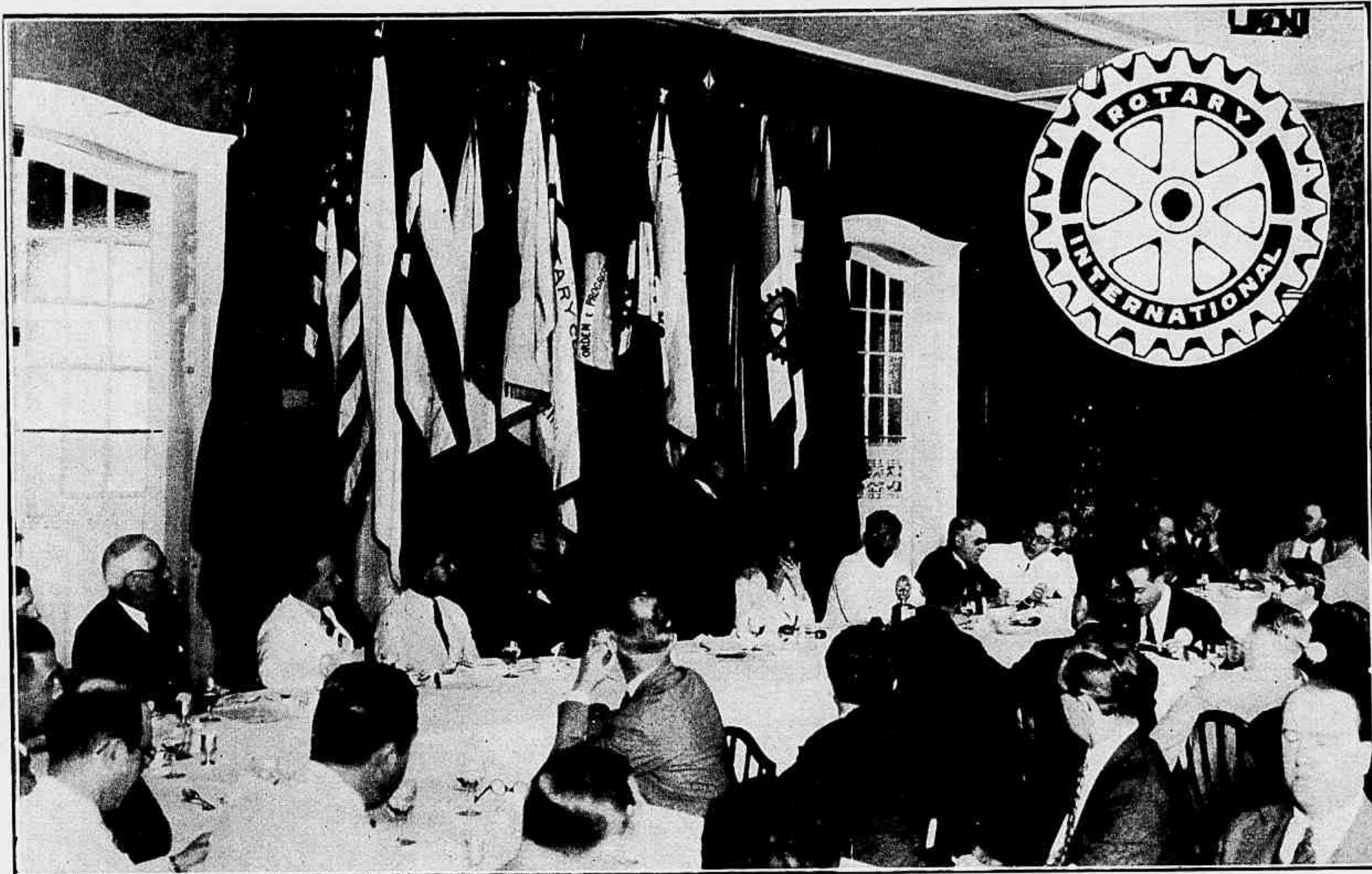
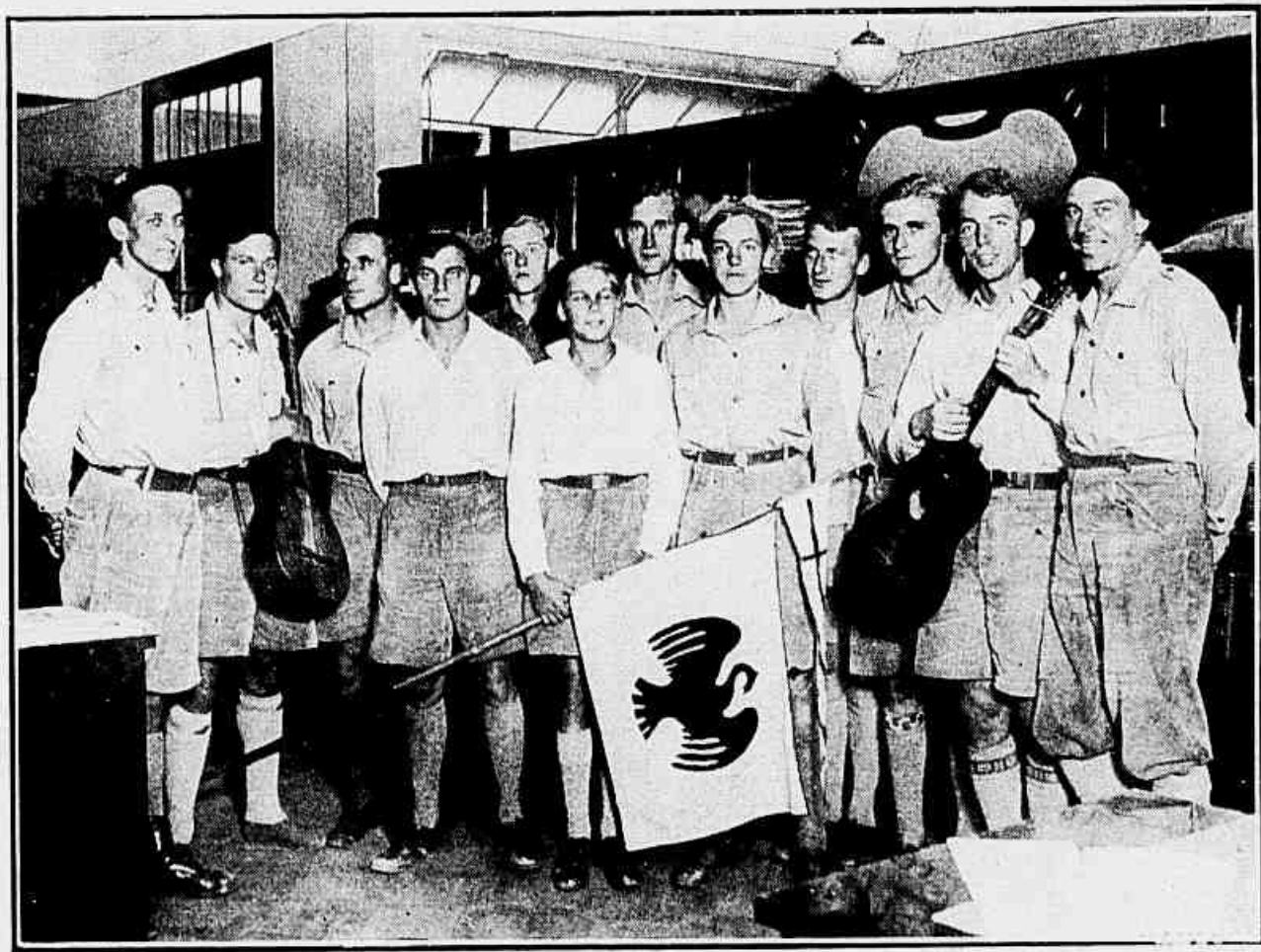
NOTICIAS E COMMENTARIOS

Caravana de estudante allemães

Tivemos uma visita amavel e inesperada: estavamos no trabalho, absorvidos no afan do officio, quando um bando louro de rapazes appareceu, com o sorriso saudavel de sua raça e da edade. Eram 12 estudantes das universidades da Allemanha, grupo que vive num velho castello ás margens lendarias do Rheno de onde parte, periodicamente, para conhecer o mundo, namorando os horizontes, na bohemia expansiva das viagens...

O guia da alegre caravana, o sr. Roberto Oelbermann, ex-estudante e official do Exercito, através de um interprete professor da Escola Allemã desta cidade, deu-nos alguns dados e impressões sobre os doze mensageiros joviaes da Allemanha que se renova.

Estiveram na França, na Hespanha e em Portugal; visitaram as Canarias e a ilha da Madeira, antes de chegar ao Rio, que os acolheu com o affago de sua paizagem unica e o calor de seu carinho. Vieram ao Brasil para conhecer e filmar as suas bellezas e costumes, e entrar em contacto com a nossa ardorosa mocidade. E estão encantados.

Para financiar a excursão esses estudantes teutonicos dão recitaes, cantando em côro. E dois do bando primaveril

Aspecto do almoço do Rotary Club, no qual o dr. Laudelino Freire, da Academia Brasileira de Letras, teve opportunidade de ler o seu annunciado trabalho sobre o accordo orthographico. Vê-se, ao fundo, o illustre philologo, no momento em que falava, tendo á sua direita o prof. Fernando Magalhães, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, presente á reunião na qualidade de presidente da Academia de Letras, e á esquerda o dr. Carlos Rohr, que presidiu o almoço.

Grupo de estudantes allemães, ora em viagem de recreio e photographados em nossa redacção por occasião da sua visita á *Revista da Semana*.

Almoço de despedida offerecido pelo ministro do Exterior ao embaixador Dejean, que se vê á direita do sr. Mello Franco; á esquerda d'este o exmo. nuncio apostolico.

tocam guitarras, de que não se separam. Vestem um traje caracteristico, que estabelece uma uniformidade tanto ao gosto da disciplina germanica e lhes serve, quiçá, para melhor unil-os.

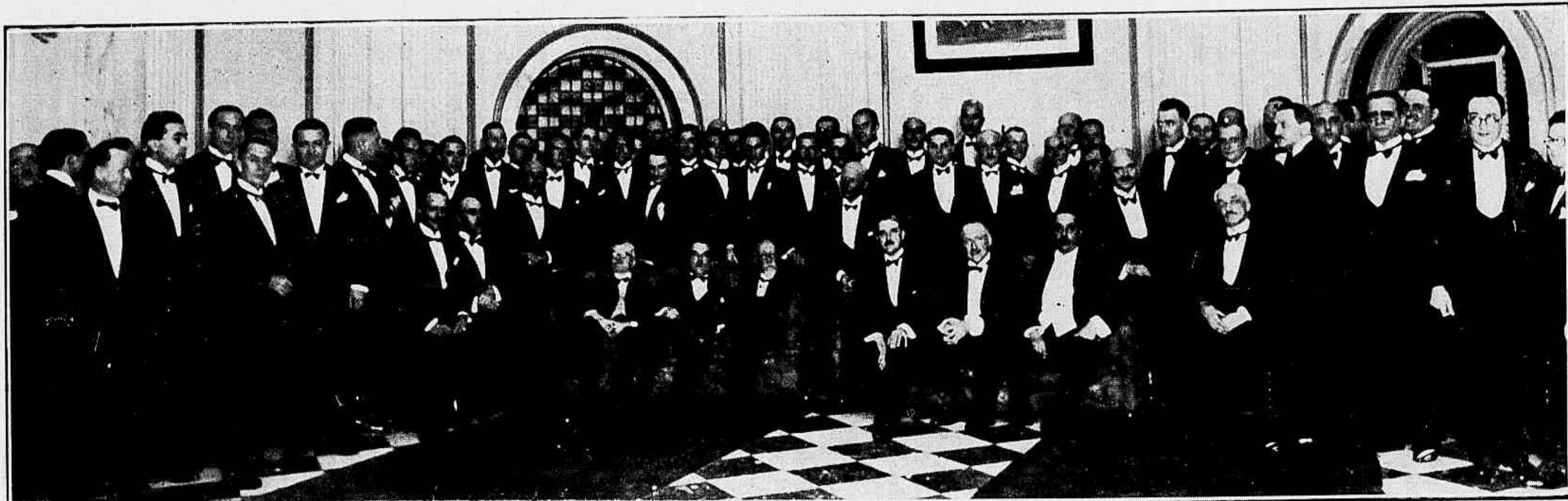
E' uma duzia de peregrinos adolescentes, fazendo o turismo de accordo com o nosso seculo — armados de kodak e de um apparelho para filmar as paizagens e costumes que surprehendem, embora os doire o sol da illusão, tributo da juventude.

— —

A nossa gravura apanhou o grupo, formado em nossa redacção, depois de terem os louros estudantes percorrido as nossas officinas e installações, interessando-se por tudo quanto lhes feriu os olhos azues, onde o sonho ainda tem a sua morada.

Na tarde cinzenta, de chuva e tédio, com que o brando inverno carioca se despede, essa visita de mensageiros da patria de Kant e de Goethe foi um raio de sol que alegrou o nosso trabalho.

A inauguração da XXXVIII Exposição Geral de Bellas-Artes.

Aspecto da posse da nova administração da Santa Casa.

Jantar de despedida offerecido ao sr. conde Dejean, embaixador da França, por motivo do seu proximo embarque para o seu paiz. Vê-se o homenageado, o terceiro sentado a partir da direita, entre amigos, admiradores e altas figuras do nosso mundo social e diplomatico.

O morro de Santo Antonio

Depois dos morros do Senado e do Castello, cogita-se agora de sacrificar o de Santo Antonio, para o desafogo e embellezamento da cidade.

Está incluido no plano Agache — que a Revolução não considerou caduco, ao que parece,—o desmonte da famosa collina, que se eleva no coração desta *urbs* maravilhosa. E' considerada um estorvo á ventilação e ao transito urbano.

Está, assim, condemnada a desapparecer, para que as suas terras entupam o sacco da Gloria, afim de que, do Flamengo á ponta do Calabouço, se faça a muralha em linha recta, desapparecendo a graciosidade curvilinea da enseada tão pitoresca, já tão sacrificada pelo avanço sacrilego dos aterros que se succedem.

Se o morro de Santo Antonio tem de desapparecer, para maior encanto carioca, que desappareça ,mas poupando aquelle trecho recurvo da Avenida Beira-Mar, que tanta belleza accrescenta ao capricho panoramico da cidade.

Houve uma voz que clamou no deserto, defendendo o morro cuja supressão se projecta: a da insigne escriptora d. Julia Lopes de Almeida, que, em chronicas vibrantes, fez uma commovente campanha contra o derrubamento preconizado.

Dos males o menor, resta-nos dizer. E' que está resolvido conservar-se o convento de Santo Antonio e a igreja da Penitencia, que lhe fica annexa, cujo arrazamento privaria o Rio de um de seus raros monumentos tradicionaes, tão desfalcado já se acha de suas reliquias historicas.

Mas desse sacrificio premeditado resultará, por certo, um paradoxo; o morro virá abaixo, para beneficiar os pulmões e o apparelho circulatorio da cidade, vindo succeder-lhe, porém, a arrogancia das montanhas de cimento armado — os "arranha-céos" — que são hoje os gigantes rivaes, e por vezes de maior estatura, dos morros cariocas.

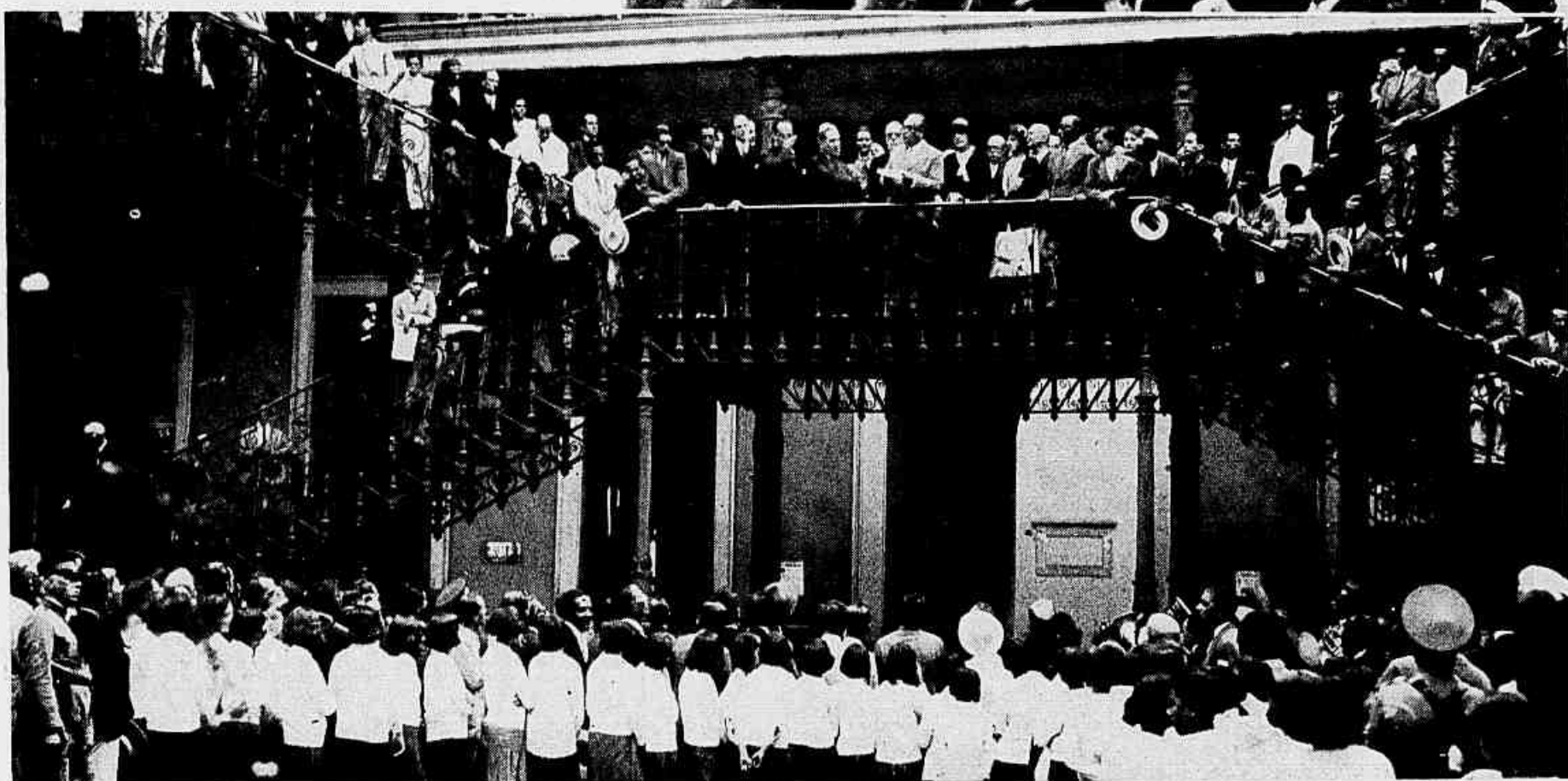
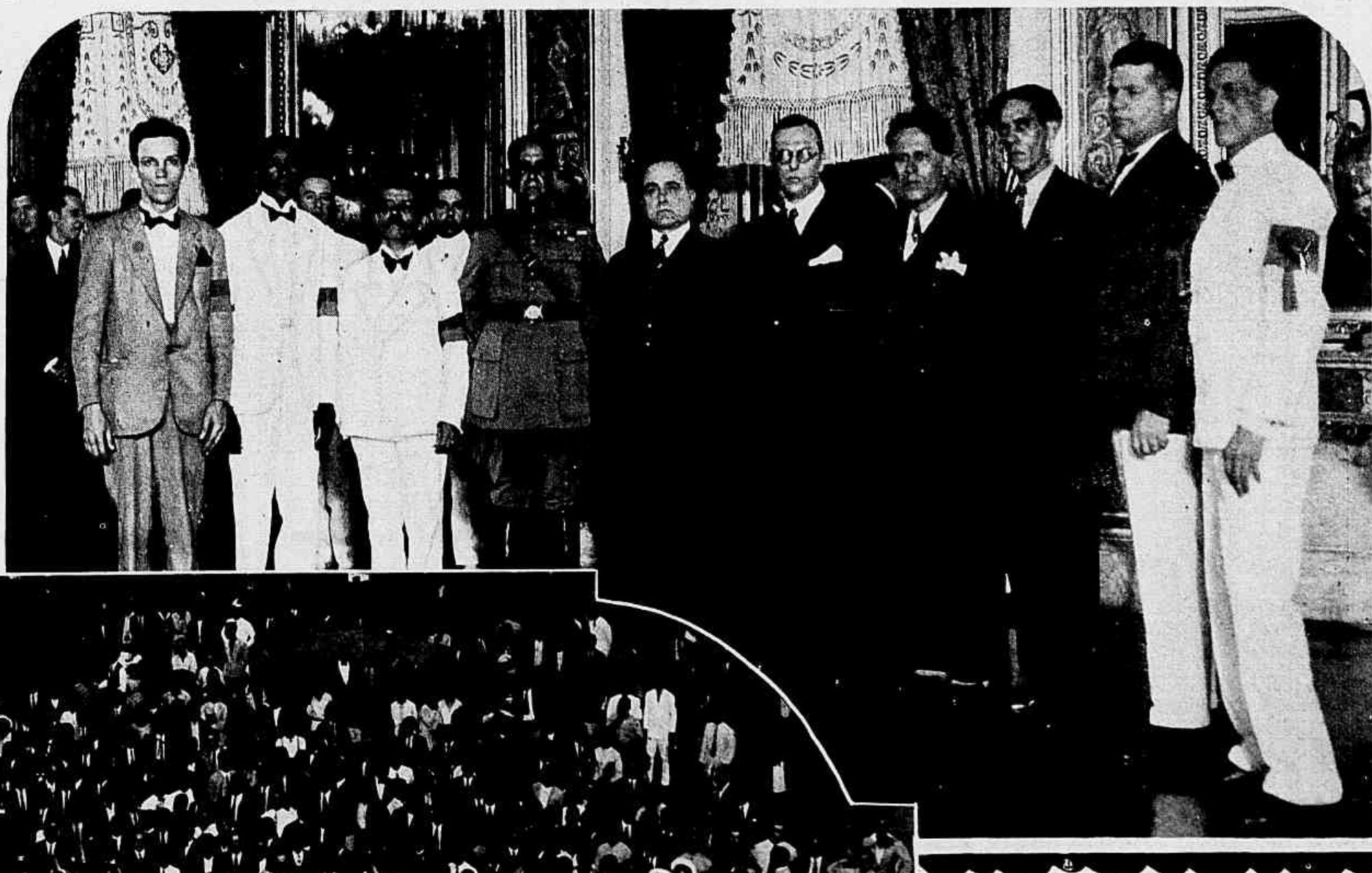
Almoço festivo promovido pela *commissão de camaradagem* do Rotary Club do Rio de Janeiro, realizado nos salões do Club Germania, em homenagem aos anniversariantes dos mezes de junho, julho e agosto, e especialmente ao dr. Arroiado Lisbôa, recentemente eleito presidente do Rotary Internacional.

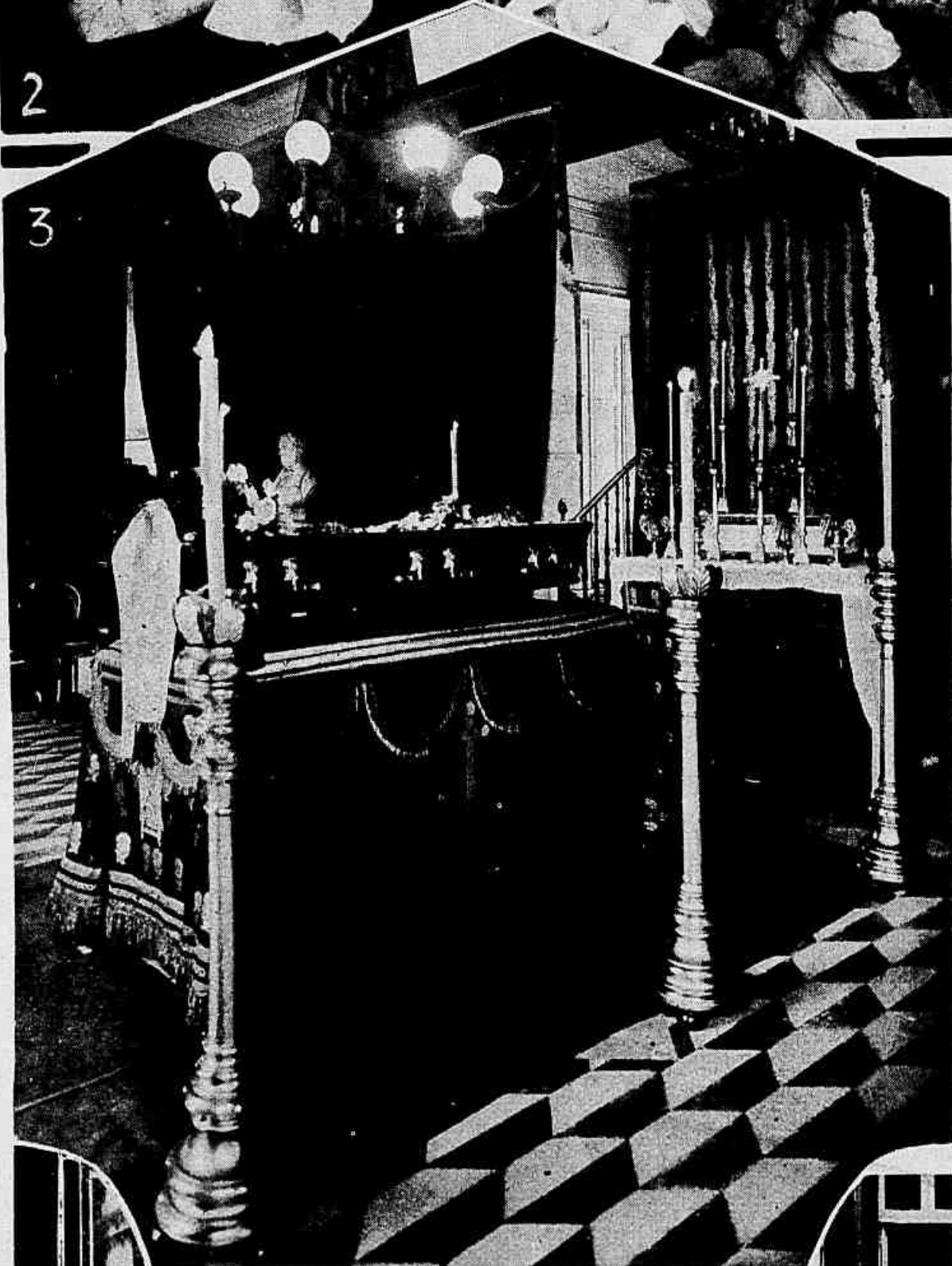
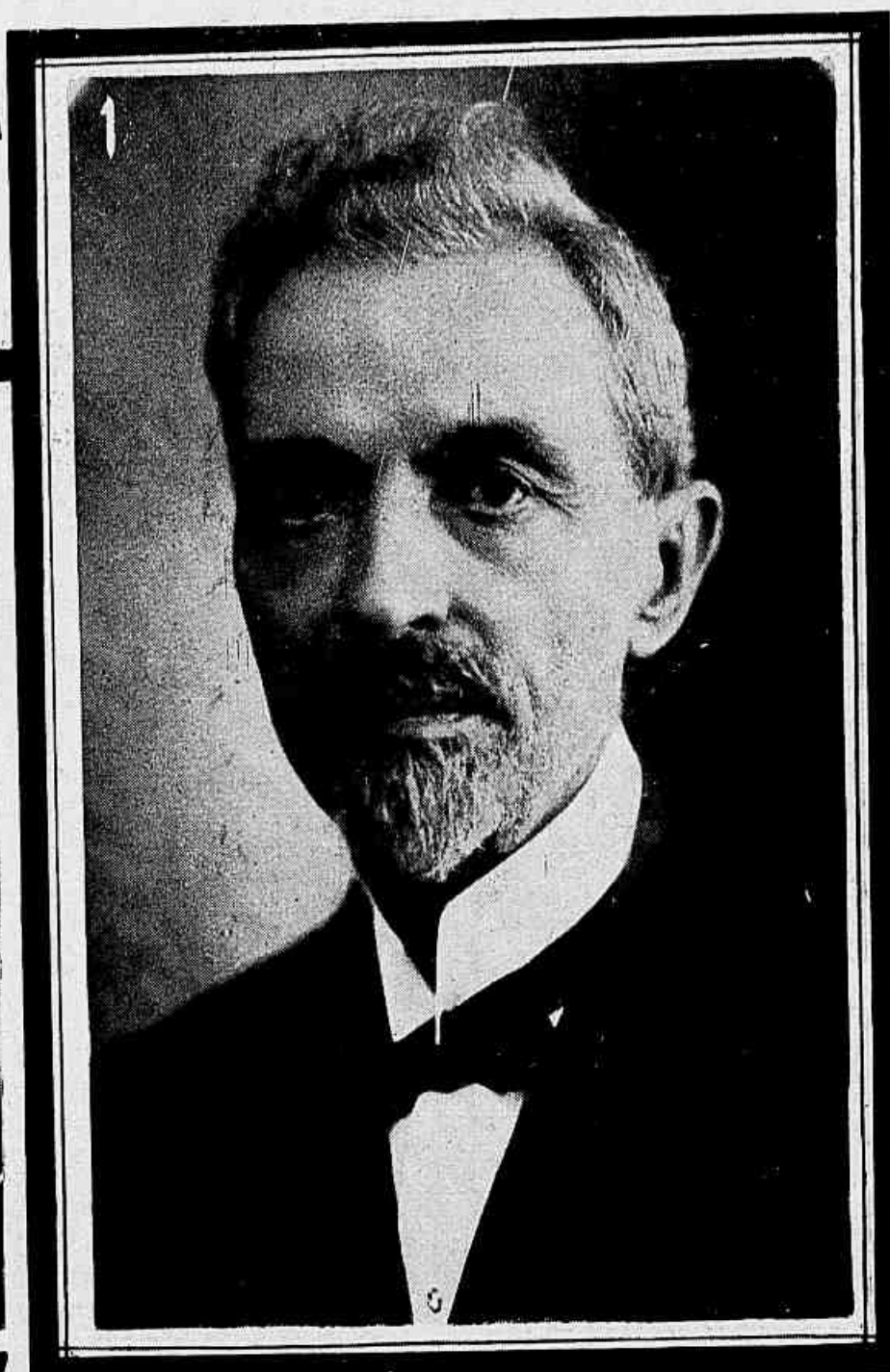
Depois de uma longa estadia em New York, chegou no dia 27 de Agosto, acompanhado de sua exma. familia, o chefe da firma Hynan Rinder & C., estabelecida nesta praça ha mais de dez annos, como representante de importantes fabricas e laboratorios norte-americanos, taes como os da afamada Pasta Colgate, das Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalhau, dos productos de manicura Cutex, do Leite em pó Dryco e do Peitoral de Cereja Dr. Ayer. Damos um aspecto do desembarque do illustre industrial, que foi festivamente recebido por seus amigos e admiradores.

Varios artistas da sociedade carioca, que tomarão parte na grande festa do *Dia da Imprensa*, a realizar-se no dia 10 proximo no Theatro Municipal, destacando-se ao fundo, de branco, o conhecido maestro Burle Marx, que regerá a sua grande orchestra de setenta professores componentes da Philarmonica do Rio de Janeiro.

A Feira de Amostras encheu-se sabbado ultimo de grande multidão, anciosa por assistir á illuminação dos dizeres *Feira de Amostras*, realizada de Recife por Spinelli, o esforçado funccionario brasileiro dos Telegraphos Nacionaes e cujo genio inventivo tanto honra o Brasil. A prova foi coroada de grande exito. Reproduzimos dois aspectos da patriotica experiencia.

O PREITO Á MEMORIA DE PEREIRA PASSOS

Promovida pelo Centro Carioca, realizou-se, no sabbado ultimo, dia em que transcorreu o 95.º anniversario do nascimento do dr. Francisco Pereira Passos, uma commemoração civica no palacio da Prefeitura. As gravuras mostram, ao alto, um aspecto da solemnidade no atrio onde se ergue o busto do grande Prefeito, vendo-se as alumnas da Escola Pereira Passos e parte da assistencia. Em baixo o interventor Adolpho Bergamini, na escadaria que dá para o pateo interno da Prefeitura, ouvindo o discurso do dr. Caetano de Faria, orador official do Centro Carioca, vendo-se, entre as pessoas gradas presentes á ceremonia, junto do orador, o dr. Oliveira Passos, filho do inolvidavel reformador da cidade.

A homenagem da Cruzada Nacionalista ao Governo Provisorio

O operariado, por iniciativa da Cruzada Nacionalista, promoveu, na tarde de quinta-feira transacta, uma grande manifestação civica ao chefe do Governo Provisorio e ao ministro do Trabalho, para significar o seu jubilo pela lei dos dois terços, que nacionalizou o trabalho no Brasil, sendo uma das mais suggestivas realizações de brasilidade levada a effeito pela Revolução victoriosa. Ao alto, vê-se, no palacio do Cattete, o presidente Getulio Vargas, cercado do general Leite de Castro e dr. Lindolfo Collor, ministros da Guerra e do Trabalho, e a commissão dos homenageantes; e, em baixo, uma vista do prestito em frente ao Cattete.

VISCONDE DE MORAES

A morte do Visconde de Moraes consternou o coração de dois povos. Se Portugal era a terra do seu berço, o Brasil foi a patria da sua gloria serena de heróe da vontade, da perseverança e do trabalho, tornando-se agora a terra de seu tumulo, onde afinal repousa, depois de uma longa vida, que foi o exercicio de uma extraordinaria energia humana, pois era infatigavel, sem conhecer descanso, sempre devotado ao seu labor e entregue á pratica do Bem. Foi um Creso que teve a prodigalidade prodigiosa da caridade absoluta, distribuindo annualmente centenas de contos de réis, em donativos ás instituições pias e aos necessitados, que perfazem alguns milhares no decurso da sua existencia magnanima. Os funeraes do varão exemplar, que dignificou as virtudes da sua raça, conforme se verifica das nossas gravuras, foram uma prova excepcional de homenagem a essa grande vida, hoje uma sombra projectando-se na eternidade. 1 — Retrato do Visconde de Moraes. 2 — O corpo no ataúde. 3 — A camara ardente. 4 e 5 — Aspectos da sahida do cortejo funebre da Beneficencia Portugueza, sendo acompanhado o feretro pelos representantes do governo brasileiro e da colonia portugueza, e chegada ao cemiterio de São João Baptista.

O TIGRE DA ABOLIÇÃO

TIGRE... E por que *Tigre?* Sob o rótulo zoomórfico a designação pareceria extravagante e imperfeita. Sobretudo si a intenção visasse procedencias: a da féra, essencialmente asiatica, vagando da Persia ao Turquestão, de Bengala á Indo-China; a do homem, chapeada nas loandas e foragida nos quilombos. Mas o baptismo não abrange origens nem procura distancias; esplende na profunda analogia moral que identifica asas e abysmos, ondas e garras, astros e nuvens. Transparece na ideologia que junta monstros e estrellas, alarga expressões e conceitos.

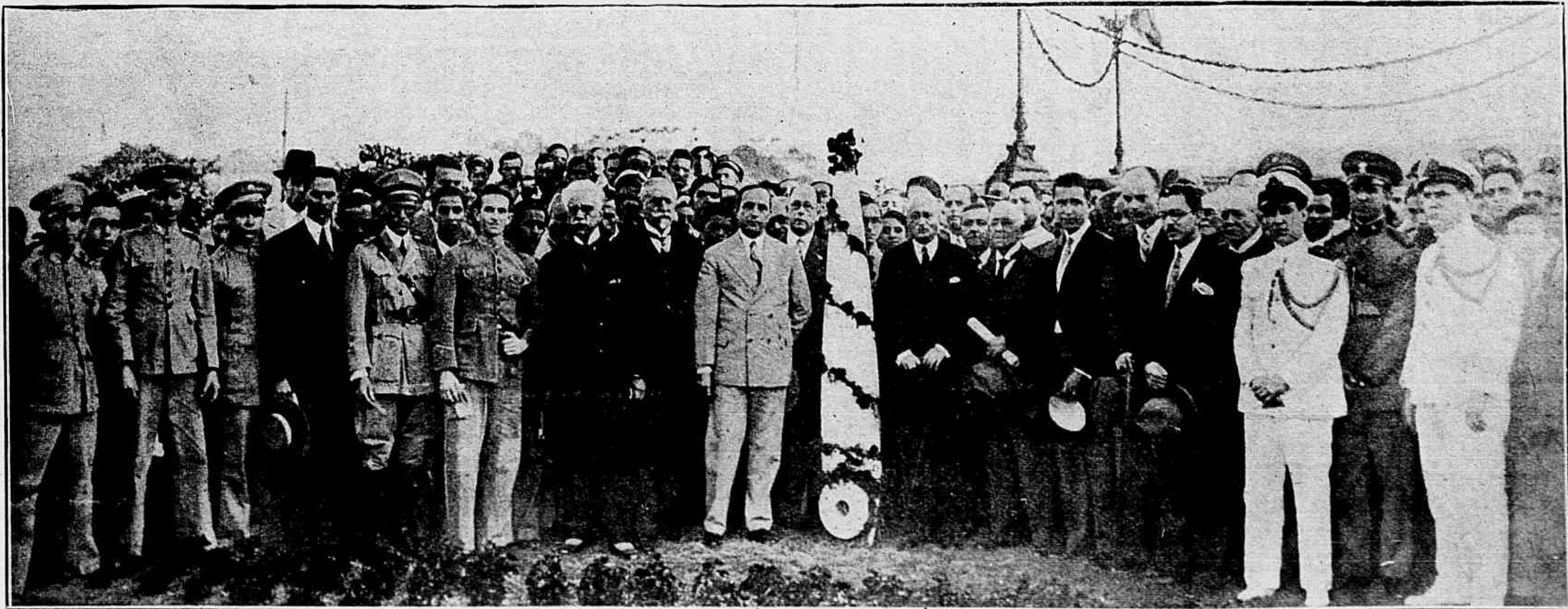
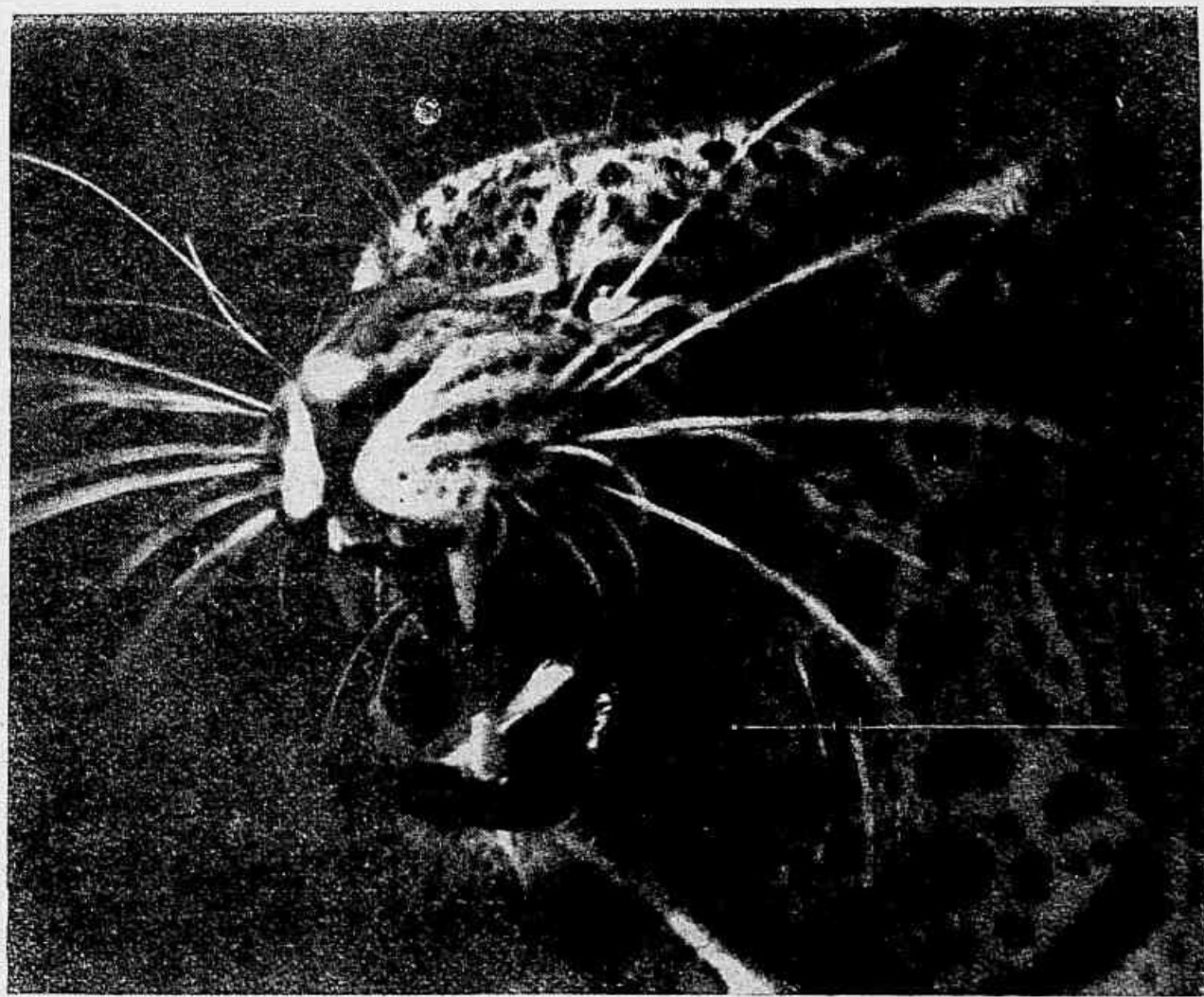
Tigre. Na adaptação social, que transfigura e illumina as imagens, Patrocinio representa bem a especie felina em sua destinação de força e tyrannia: força para querer e tyrannia para dominar. Extraordinario destino o dêsse agitador crioulo, que afrontou num salto difficil a hostilidade da fortuna e desabrochou como a flôr vingadora de sua raça, fazendo-se o idolo da multidão que venceu o captiveiro.

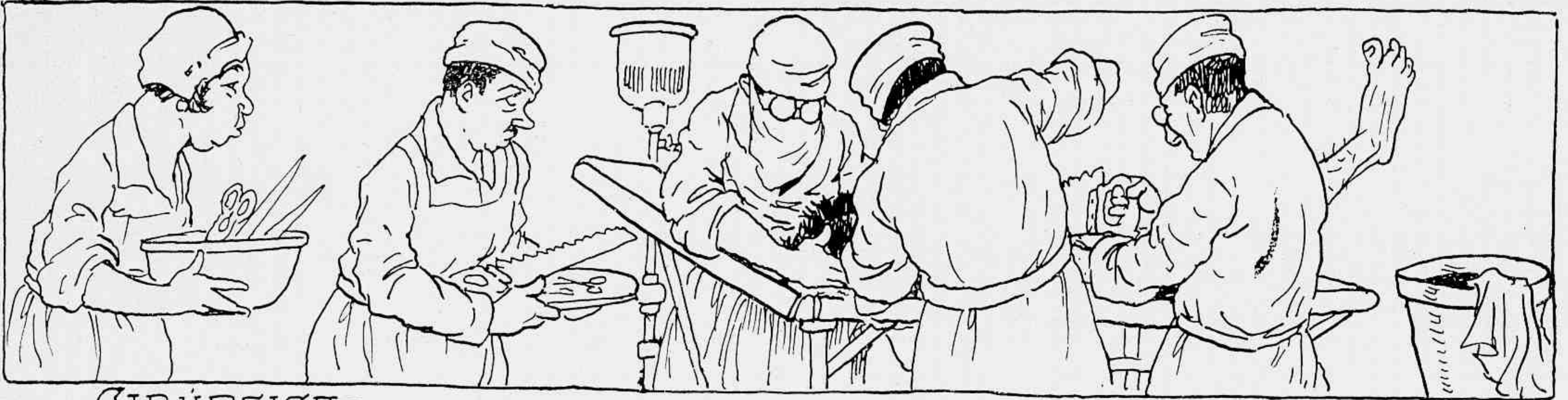
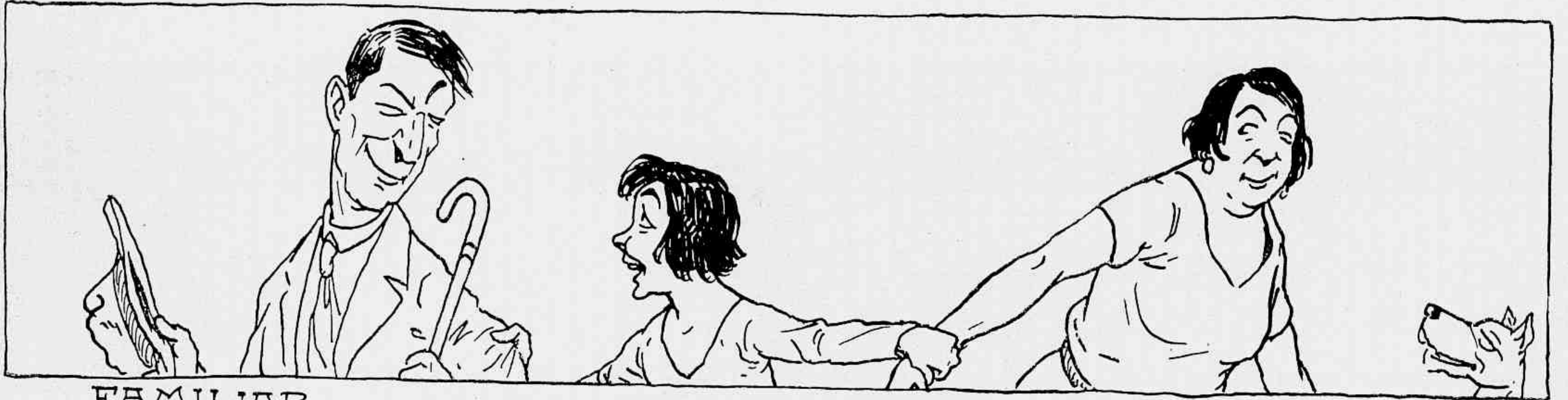
> **Pode-se dizer que Oswaldo Orico tem o segredo dos titulos para as suas obras. Cada uma d'ellas traz na epigraphe a propria revelação. Quando dizemos O DEMONIO DA REGENCIA ninguem precisa mais perguntar si se trata do Padre Feijó, o heroe da época que Oswaldo Orico biographou com as tintas coloridas de um romance. Quando fallamos em TIGRE DA ABOLIÇAO já se sabe que ahi está retratado José do Patrocinio na sua destinação contra o captiveiro. Em duas palavras o biographo define o seu heroe e resume uma época. Proseguindo na louvavel reconstituição das figuras que mais alto se destacam na suggestiva galeria de nossa historia, Oswaldo Orico nos offerece agora, em um magnifico volume de quasi trezentas paginas e ornado de interessantes gravuras, a vida de José do Patrocinio.**
>
> **Da epigraphe que escolheu aqui fica reproduzida a explicação do autor.**

Já era tempo de reunir-lhe as glorias e os desalentos dispersos, erigindo-lhe a acção de rhapsodo e de heroe, modelando-lhe o typo historico oscillante entre a batalha e o sonho, o devaneio e a luta, a masmorra e o prostilo, a palavra e a taça, o combate e a offerenda. Já era tempo de recompôr-lhe a trajectoria esquecida, que vai dum berço maculado á convivencia de principes, da idolatria das multidões ao exilio dum suburbio.

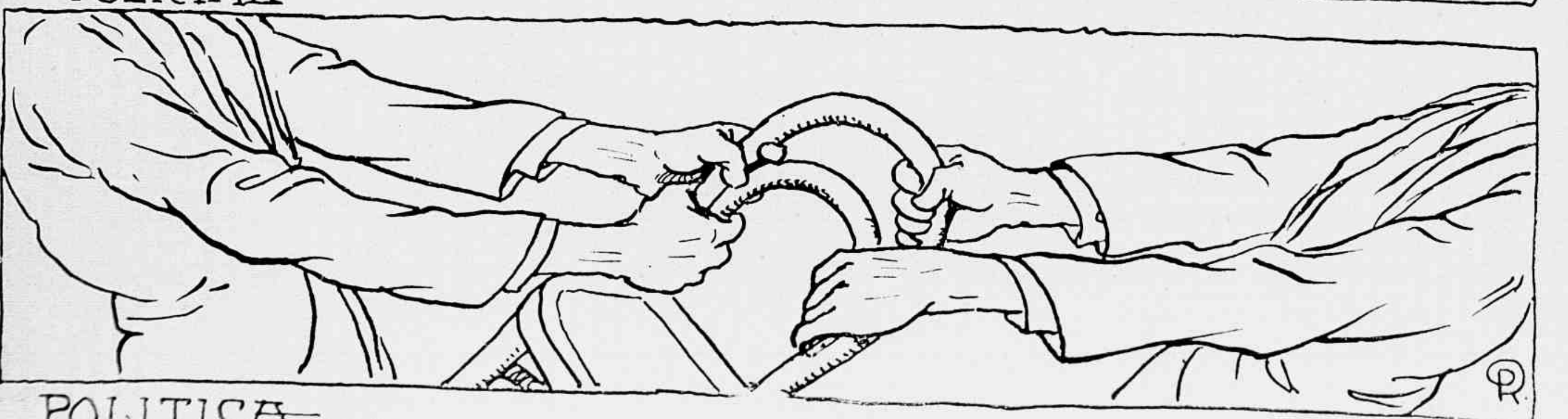
A abolição foi uma revolta humana com raizes no sentimento popular. Patrocinio fez soar a nota revolucionaria, deslocando para a multidão a propaganda emancipadora reprimida no parlamento. A sua vehemencia o separa dos outros defensores da causa e lhe empresta um manto vermelho de commando. Emquanto Nabuco e Rebouças tendiam para a conquista serena e philosophica da idéa, fundando sua eloquencia e dialectica nos effeitos psychologicos que creariam o remorso e a penitencia entre os algozes e os levariam a quebrar espontaneamente as grilhetas, Patrocinio, sacudido pela violencia dos contrastes, afiava as garras de seu engenho para a crueza dos encontros no indemarcado surto dos comicios. Era o *Tigre*, na explosão de contemplar a victoria tingida na purpura de Sardes e arrancada ao fanatismo das redempções.

Que lhe importavam amizades, estimas, conselhos, advertencias, protestos? Na hora surda e espartana da peleja, elle se transfigurava na visão animal do combatente e só retomava a si mesmo, ao que era na convivencia dos amigos, quando trouxesse, rouco e escanzelado, da arena aspera e crúa, a presa da victoria titilando nas mandibulas. Era isto, nada menos do que isto: uma incontida força emotiva singularizando um destino. Cessada a luta, voltava a ser o homem bom e hospitaleiro, simples e cordial, em cujo espirito brincava a doçura de uma creança, a indulgencia duma raça affectiva...

Tigre da Abolição — nesta epigraphe ajusta-se apenas a memoria do vexillario que commoveu a alma dos principes com o protesto de sua palavra e illuminou de resistencias a noite do captiveiro; mas tal distico define por si mesmo a hora culminante de sua vida, cravejada de centelhas, povoada de canticos, e inspira o biographo a fixar numa legenda heroica o prestigio e a odysséa do idolo negro, desfavorecido dos beneficios da posteridade e até agora ingratamente apeado de sua estatua.

Grupo colhido por occasião do lançamento da pedra fundamental do monumento a Bartholomeu de Gusmão, na Praça Paris.

Intervenções

CIRÚRGICA.

FAMILIAR

AMOROSA

POLICIAL

POLITICA...

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Os flexiveis crêpes de Chine, floridos de petalas, com folhagens ou outros desenhos, serviram para compôr os novos modelos de ensembles. O vestido inteiro cujo corpo é um pouco *blousé* mostra uma saia ajustada na parte de cima por effeitos de applicações; abre-se em baixo em godets ou em pregas soltas na altura dos joelhos. Se o vestido tem mangas compridas ou tres-quartos, o casaco que o acompanha não tem mangas. Não tem tambem revers na golla e seu comprimento não passa das cadeiras.

Se o vestido não tem mangas o casaco deve ter. Com essas toilettes são usadas luvas compridas, que terminam elegantemente o vestuario.

Nos novos modelos triumpham os vestidos brancos, que são executados em crêpe de Chine, toile de seda, tussor, shantung e foulard. Não devem tambem ser esquecidos os vestidos de jersey de lã ou de seda branca, que são tão praticos e tão encantadores.

Onde toda a fantasia tem livre curso é nos vestuarios da praia. O pyjama continua a reinar. A calça tem as pernas tão largas que as duas pernas unidas dão o aspecto d'uma saia muito comprida, ajustada nas cadeiras e alargando-se para baixo.

Em geral a calça do pyjama é de tecido branco, o maillot de banho de sol ou de mar serve de jumper ou de pall; esse maillot é de tom vivo. Sobre essas duas peças põe-se o casaco. E' nelle que está toda a fantasia: umas vezes é um trois-quarts recto, sem mangas e sem golla, cuja originalidade está sómente no tecido. Outras vezes a sua originalidade está na fórma, muito frequentemente um bolero e uma faixa bayadera que offerece aos olhares os tons vivos dos escocezes ou dos tecidos listados.

Para a noite, os vestidos de mousselines pintadas, aereos, transparentes, cujas saias são longas e amplas.

Os manteaux teem em geral a forma cloche em baixo, as mangas raglan; são elegantes e commodos. A longa capa-colet, cortada en-forme, ajustada nos hombros e que tem dos dois lados da frente aberturas para passarem os braços, tambem é igualmente commoda.

Os guarda-sóes modernos teem a forma de grandes flôres: uns são lotus, outros girasóes, ou rosas immensas. O guarda-sol chinez de tafetá plissado com as suas listas brilhantes tomou tambem uma ousadia encantadora.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de linho rosa claro, incrustado com linho branco no bolero; a blusa de mousseline branca. 2 — Vestido de linon branco bordado. Golla-plastron e punhos de linon branco. Botões de madreperola no casaco. 3 — Vestido de linon branco bordado com pintas multicôres. A golla e punhos de linon branco são guarnecidos com babados plissados. Cinto de couro vermelho. 4 — Vestido de shantung rosa; a golla e as mangas do mesmo tecido branco. 5 — Vestido de linho verde amendoa guarnecido com tiras de linho branco.

OS ANTIGOS FILTROS DE BELLEZA SÃO SEMPRE OS MELHORES

Os especialistas de belleza de Paris declaram que as mulheres elegantes começaram a rebellar-se em todos os paizes do mundo. Em sua afanosa busca por novos elementos que permittam augmentar a belleza feminina, ellas hão terminado por verificar que, afinal de contas, os velhos amigos são sempre os melhores. Não se deixando levar pela extravagante propaganda de certos modernos productos de belleza, as mulheres de hoje em dia volvem aos simples remedios que, através dos annos, têm demonstrado a sua efficacia e que gozavam de popularidade entre as gerações que precederam immediamente a actual. Por exemplo, durante o transcurso do ultimo anno, ha augmentado notavelmente o consumo da antiga cêra pura "mercolized" ("Pure Mercolized Wax") pois muitos pharmaceuticos e droguistas, com o proposito de attender á crescente procura popular, a vendem agora tambem em caixinhas de tamanho menor e, logicamente, de preço mais reduzido.

Tambem o carminol puro voltou ao seu antigo auge, pois offerece sobre o rouge a vantagem de que o colorido que empresta á cutis é muito mais natural e perfeitamente innocuo.

A legitima cêra pura "mercolized" é vendida sómente em latas douradas de dois tamanhos. Preço de venda no Brasil Rs. 12$000 e 7$000.

Conselhos sociaes

A INSTRUCÇÃO OU A EDUCAÇÃO?

Uma revista franceza fez a seguinte pergunta ás suas leitoras.

"O que prefeririam para seu esposo: instrucção ou educação?

Provavelmente se essa pergunta fosse feita ás nossas leitoras a grande maioria e com toda a razão optaria pela educação.

Isso no entanto não quereria dizer que todas não tivessem grande orgulho em ter um esposo instruido; alem de que um homem instruido, sobretudo na época que estamos, tem muito mais direitos a ser ambicio-

so que aquelle que não o é; póde aspirar ás mais altas posições, que estão vedadas áquelles que não teem preparo. São esses argumentos de peso; mas mesmo assim é de crer que a maioria daria a preferencia a um homem mediocremente instruido mas d'uma educação irreprehensivel. O homem educado poderá apresentar-se em toda parte, emquanto que o mal educado, tenha elle uma somma de conhecimentos muito acima do commum, fará sempre má figura, mesmo nos meios onde poderia ser apreciada a sua sciencia.

Então na intimidade do lar e nas relações entre esposos o homem bem educado triumpha. Tem mil delicadezas que fazem o encanto da vida conjugal, de que o outro nem suspeita. E' verdade que a bôa educação não traz todas as outras qualidades e que um homem póde ser bem educado e egoista. Mas, por mais insupportavel que seja este defeito, o homem bem educado reduzirá sempre as más consequencias, destruidoras do amor, graças á sua bôa educação que o incita naturalmente ás delicadezas que exigem as bôas maneiras e lhe inspira essa polidez de expressões com que, mesmo numa discussão, se mostra moderado, repugnando-lhe certas violencias.

O encanto d'um homem de bonitas maneiras é immenso. Torna a vida mais agradavel; e é uma superioridade social incontestavel. Se uma mulher instruida póde ficar despeitada de vêr seu esposo não fazer figura brilhante na sociedade, comparando-o com os que sabem prender a attenção do auditorio, quanto mais dolorosa não é a affronta que um esposo mal educado a faz soffrer provando publicamente a sua falta de educação! O homem bem educado será sempre querido, e a esposa aproveitará tambem dessa sympathia.

Dirão talvez que é bem paradoxal que uma pessôa intelligente e instruida possa ser ao mesmo tempo pouco educada. No emtanto é isso bastante commum, infelizlizmente. Em alguns, a real superioridade que obtiveram graças a uma grande instrucção inspira-lhes um orgulho que os torna insolentes; por essa razão, n'um individuo mal educado, o saber fará ainda se accentuar mais a sua falta de bôas maneiras. O ideal seria reunir tudo, educação e instrucção; mas no caso de ter de escolher, caras leitoras, não hesitem: prefiram sempre o homem bem educado, seja para esposo, patrão ou para amigo.

Pensamento

Juramos que ella é um anjo e provamos-lhe que é uma tola.

Academia de córte e costura

Rua da Carioca 59 — 1.º andar (Nome registrado). Curso completo de córte e costura em 3 mezes. Cursos intensivos em 1 e 2 mezes. Concede diploma. Todas as alumnas recebem um livro com todos os moldes basicos para qualquer figurino. As candidatas a diploma neste anno deverão matricular-se até ao dia 15 de Setembro. Mais informações com a directora, Mme. Malvina Kahanc.

Vestido de crepe-setim preto. As tiras que guarnecem o vestido alargam-se em baixo para dar roda. Frente de renda *ecrée*.

1 — Vestido de lã beige e *marron*. Golla *drapée* de crepe branco. - 2 — Vestido de lã, cinzento e verde, guarnecido com tiras pespontadas. Golla e punhos de lingerie.

Casamento de emigrados russos, pertencentes á alta nobreza daquelle paiz

NOIVOS SOB COROAS — 1) Casamento de S. L. Zinowief com a princeza Sophia Dolgoursky. 2) O millionario norte-americano A. J. Wright, cego e com 70 annos de idade, casa-se com a baroneza Titiana Moselowa.

Nossa alimentação

A GULODICE

(por R. Dieudonné)

Não pode entrar na minha cabeça que a gulodice seja um peccado capital: para mim nem peccado é.

Não me refiro naturalmente aos homens que bebem até perder a razão, glutões que se empanturram até ficar doentes e certas jovens modernas que bebem diversos cocktails por dia, com o pretexto de que é chic, o que é um erro. Não; refiro-me ás mulheres que apreciam a bôa mesa — e que gostam bastante della para comprehender que os outros tambem a não desprezem. Não se deve comer por comer, sem escolha, sem delicadeza; a comida deve ser sempre muito cuidada, e feita segundo os gostos e sobretudo segundo os meios que se possue.

Um cozido bem feito póde ser tão apreciado como um prato complicado, se fôr muito cuidado.

O que posso garantir é que muitas mulheres teriam prendido o marido se tivessem cuidado melhor da sua alimentação. Quantos homens fazem kilometros de automovel aos domingos para irem comer um bom almoço, bem acompanhado por um vinho generoso!

Tenho horror das pessôas que dizem:

— Cá por mim, a comida não tem a menor importancia. Do momento que é comivel...

Tenho horror sobretudo de que me convidem para sua casa, assim como tenho horror daquelles que me pedem para ir jantar com elles dizendo:

— Já sabe, sem cerimonia, comerá do que houver (à la fortune du pot).

Tenho vontade de responder:

— Isso não! Não lhe pedi para me convidar; mas, já que insiste, faça então um pequeno esforço para agradar-me.

Ainda um aphorismo desagradavel:

— Não nos reunimos para comer, mas para estar juntos.

O que não impediria a dona de casa de cuidar do menu e da sua confecção.

Noventa e nove vezes em cem, um bom prato não fica mais caro que um detestavel. Ha um systema deploravel, que não se deve repetir: "Do momento que se poz dentro tudo que era necessario, não ha razão para que seja máu!"

TAILLEURS E MANTEAUX

1 — Vestido genero tailleur de lã branca com xadrez preto, guarnecido com botões. Cinto de camurça branca, gravata preta e golla de lã branca. 2 — *Manteau* de velludo de fantasia com guarnição de pelle preta. 3 — *Tailleur* de setim preto, saia en-forme e casaco um pouco ajustado. 4 — *Tailleur* de casemira ingleza azul marinha: blusa de *lingerie*.

Grave erro! Como ha mulheres que são tão pouco faceiras para não gostarem dos seus vestidos—os seus vestidos pagam-lhe na mesma moeda — a cozinha não supporta nem a negligencia nem a indifferença: é esta indifferença que os convivas não perdoam.

Vou muitas vezes em casa de muito bons amigos cuja situação não os obriga a nenhuma economia o que seria desculpavel. Pelo contrario, teem um cozinheiro que ganha quasi tanto como um ministro. Não passem a lingua pelos beiços! é a casa onde se come peior em Paris. A dona de casa sabe-o muito bem; mas pouco se incommoda com isso, está seguindo um regime para emagrecer. O dono da casa, como tambem é um doente e segue um regime á parte, contenta-se em dizer:

— Não me parece lá muito appetitoso o que estão servindo?

— E' mesmo execravel! responde um intimo.

E todos riem, como se houvesse razão para isso.

Se eu fosse jovem e que quizessem casar-me, faria passar Comus antes de Cupido. Não protestem ainda; quero explicar-me.

Examinaria as jovens susceptiveis de virem a ser minhas companheiras e — a não ser que a paixão me cegasse — escolheria aquella que comesse bem e não deixasse cheio o seu copo de vinho.

O appetite é um signal de equilibrio e de bôa saude, e tambem um signal de bom humor; aquelles que apreciam a mesa são os saudaveis. As que torcem a bocca enojadas devem ser bem difficeis de contentar; aprecio mais aquellas las cujos olhos brilham com a ideia d'um bom jantar do que aquella que para provar boa educação deixa sempre alguma coisa no seu prato, tanto lhe repetiram que não deve parecer esfomeada.

MENU DE JANTAR

SOPA SAINT-GERMAIN

OSTRAS COM MOLHO DIABOLICO
SALADA DE ALFACE

RIM FRITO COM TORRADAS
ARROZ

VITELLA DE PANELLA
PIRÃO DE BATATAS

BOLO DE CHOCOLATE

SOPA SAINT-GERMAIN

A verdadeira sopa Saint-Germain deve ser feita com ervilhas frescas e da seguinte maneira.

Põe-se dentro d'um caldeirão um litro de ervilhas, o verde de tres alhos poireaux, meia alface picada, um bouquet de cheiros, 60 grs. de manteiga, 8 grs. de sal e 15 grs. de assucar.

Mistura-se tudo muito bem e molha-se com meio copo d'agua.

Deixa-se ferver, com a panella tampada, durante 30 a 35 minutos.

Assim que as ervilhas estiverem cozidas, retira-se o bouquet de cheiros e passa-se por uma peneira fina. Põe-se essa purée dentro d'uma panella, desmancha-se, sem deixar caroços, com 1 litro de caldo de carne (ou de leite se a sopa fôr magra); põe-se para ferver mexendo com uma colher de páu. Termina-se ligando, fóra do fogo, com 100 grs. de mateiga e um pouco de leite.

Passa-se novamente na peneira fina. Junta-se na hora de pôr na terrina quatro colheres de ervilhas em grão que foram cozidas á parte em agua e sal.

MODA INFANTIL

1 — A saia pregueada e o casaco de lã branca; a blusa de crepe marocain vermelho. Cinto listado de vermelho e branco. 2 — Vestido de shantung branco; o casaco, cujas mangas curtas formam pelerine, é do mesmo tecido azul marinha. 3 — Vestido de tussor vermelho e branco; o casaco, sem mangas, de tussor vermelho. 4 — Manteau de lã branca sem mangas: a pelerine cobre a parte de cima dos braços. Echarpe de tricot de lã azul marinha com listas brancas e vermelhas.

OSTRAS COM MOLHO DIABOLICO

(Para seis pessoas)

Tiram-se 36 ostras das suas conchas. Põe-se com a sua agua dentro d'uma frigideira (a agua coada). Tempera-se com sal e uma pitada de pimenta, e faz-se cozinhar o mais depressa possivel. Escorre-se bem a agua, que se guarda, e temperam-se as ostras com um pouco de azeite, o caldo d'um limão e salsa picada; deixa-se nesse tempero uns 30 minutos.

Faz-se uma massa pondo numa vasilha 250 grs. de farinha de trigo peneirada, faz-se um buraco no centro do monte de farinha e põe-se dentro uma colhér de azeite, um ovo inteiro e 5 grs. de sal. Mistura-se muito bem, não deixando caroços, e em seguida vae se misturando aos poucos um decilitro e meio de cerveja e igual quantidade de agua. Deixa-se descansar a massa n'um lugar agasalhado antes de a empregar. Mexe-se a massa, mergulha-se nella as ostras e joga-se immediatamente dentro do azeite fervendo para fritar. Logo que estiverem bem douradas e torradas são retiradas com uma escumadeira. Arrumam-se as ostras numa travessa e salpica-se por cima salsa bem picada. O môlho é servido na molheira.

MOLHO DIABOLICO

Faz-se derreter devagarinho na manteiga duas colhéres de cebola picada. Salpica-se com uma colhér de farinha de trigo. Deixa-se alourar. Molha-se com 2 colhéres de vinagre. Deixa-se reduzir, juntando-se em seguida um copo de vinho branco e a agua das ostras. Mistura-se muito bem e deixa-se cozinhar uns 15 minutos. Tempera-se com pimenta vermelha. Liga-se fóra do fogo com 75 grs. de manteiga. Passa-se na peneira fina. Junta-se ao môlho um pouco de succo de limão e um pouquinho de salsa picada.

VITELLA DE PANELLA

Põe-se para refogar em 50 grs. de manteiga um pedaço de carne de vitella, lardeada com 75 grs. de toucinho e cebolas cortadas em rodellas (10 grs.) Quando a carne estiver bem tostada por todos os lados, salpica-se com farinha de trigo (25 grs.) que se deixa tomar côr; molha-se com um copo de vinho branco e outro de caldo de carne. Deixa-se cozinhar devagarinho uma hora e meia. Deixa-se reduzir o môlho, tira-se a gordura. Junta-se depois de coado trez gemmas de ovos desfeitas em meio copo de leite e um pouco de manteiga. Não se deixa mais ferver, conserva-se no banho-maria.

BOLO DE CHOCOLATE

Bate-se bem durante alguns minutos seis gemmas de ovos com 75 grs. de assucar; junta-se em seguida 50 grs. de chocolate ralado; depois 75 grs. de amendoas bem socadas; depois 4 ou 5 claras muito bem batidas e por ultimo 75 grs. de farinha de trigo. Unta-se uma fôrma com manteiga, em seguida peneira-se por cima com farinha de trigo. A fôrma não deve ficar cheia.

Vae a assar em forno moderado uns tres quartos de hora pouco mais ou menos.

Qual é a idade do nosso Universo?

Será preciso dizer que não se póde ter, nesse dominio, senão vagas approximações? No emtanto, seis sabios designados ha quatro annos pelo *National Research Council* para estudar o problema das origens do mundo terminaram seus trabalhos e entregaram seu relatorio.

Das investigações scientificas que fizeram tiraram a conclusão que o Universo fez seu apparecimento ha uns dois milhões de annos. Suas conclusões são baseadas sobretudo sobre a radioactividade dos rochedos.

Vestido princeza de crepe fandango preto, golla e punhos de linon branco bordado.

Vestido-manteau de crepe marocain verde-amendoa. Saia com babado en-forme e golla-écharpe.

AS CATASTROPHES MARITIMAS

Seria necessario um livro para descrever todos os naufragios. E este seria o mais tragico dos livros. Sem ir mais longe do que ao fim do seculo passado, quantos sinistros n'um espaço de tempo que não chega a attingir quarenta annos!

Em 1893, foi o couraçado inglez *Victoria*, que fez 360 victimas; em 1895, o *Rainha-Regente*, cruzador espanhol, 401 victimas; no mesmo anno, o *Elba*, vapor allemão, afundado devido a uma collisão no mar do Norte, 352 victimas.

O *Saller*, steamer allemão, perdeu-se em 1896, nas costas da Espanha, 280 victimas; o vapor inglez *Drummond-Castle* fez naufragio perto de Ouessant, perecendo 250 pessôas.

Depois, em 1898, o transatlantico francez *La Bourgogne* naufragou fazendo 565 victimas.

Em 1899, o steamer inglez *Stella* perdeu-se com 105 pessôas.

Durante quatro annos, o mar foi mais clemente; não houve grandes catastrophe maritimas. Mas em 7 de junho de 1903, o steamer marselhez *Liban* esbarrou com o vapor *Insulaire* e afundou com 117 victimas.

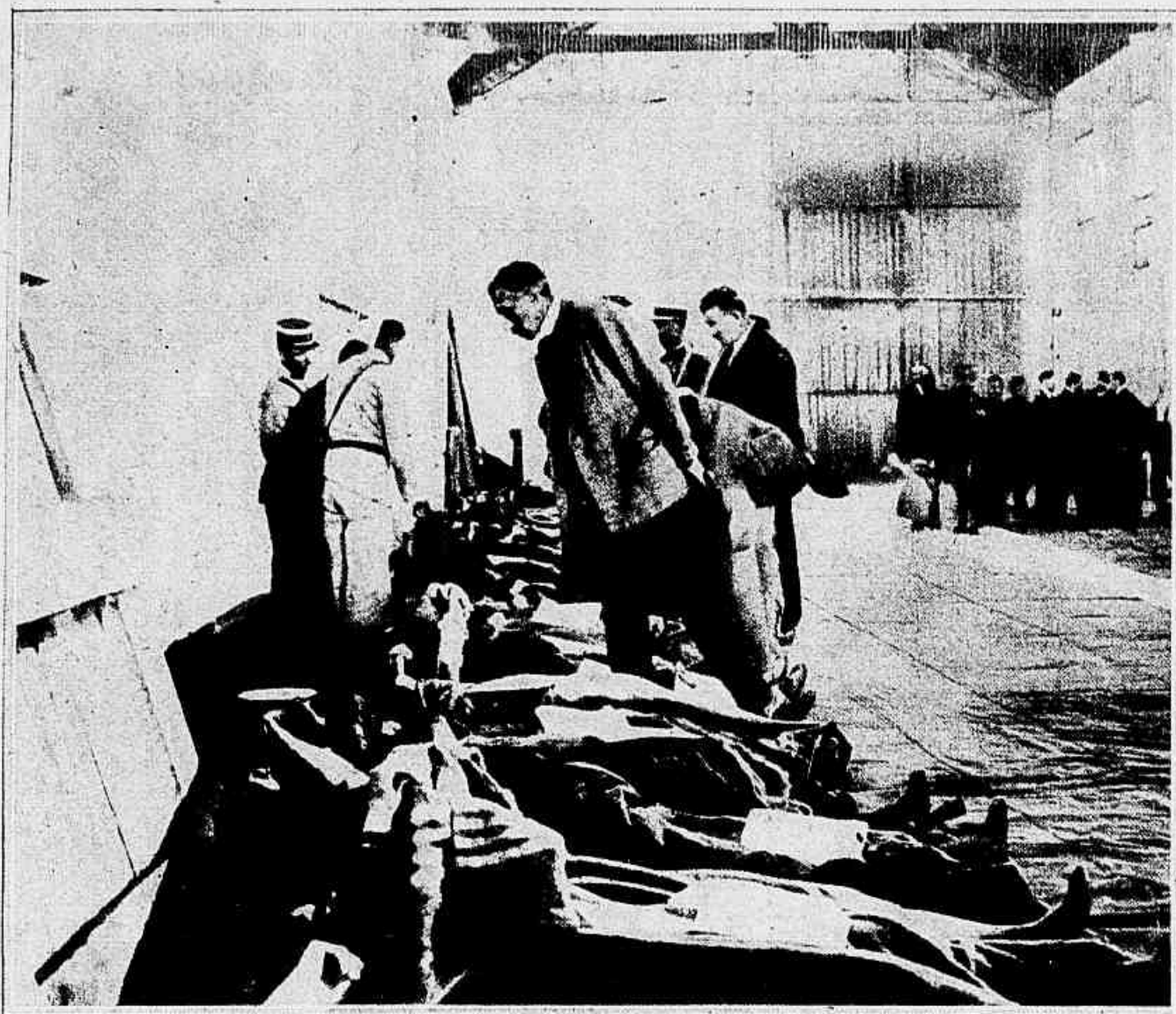
Em junho de 1904, perto de Nova-York, o steamer americano *General Slocum* pega fogo, e faz mais de 1.000 victimas. Todos esses passageiros tinham partido para uma alegre excursão. O incendio poz o panico entre elles. Esmagaram-se diante dos barcos de salvação ou atiraram-se á agua, o panico tendo feito mais mortes que a propria catastrophe.

Depois foi o *Gironde* e o *Ange-Schiafino* que, no dia 4 de novembro de 1904, se encontraram perto de Bône e afundaram com 106 pessôas.

No mesmo anno, o naufragio do transatlantico *Norge* fez 637 victimas.

Uma das catastrophes mais emocionantes foi a do steamer *Hilda*, que naufragou numa terrivel noite de inverno, em Novembro de 1905, á vista de Saint-Malo. Alguns passageiros que tinham tido a energia de se agarrar aos mastros e de esperar o final da tempestade puderam

TOILETTES PARA A NOITE

1 — Vestido de crêpe *georgette* rosa muito claro, guarnecido com tiras applicadas. *Godets* en-forme dão roda á saia. 2 — *Toilette* de crêpe *georgette* verde-claro, toda a frente do vestido é coberta com uma franja de tiras do proprio tecido. 3 — Vestido de crêpe-setim azul-turqueza; o babado en-forme da saia termina-a muito irregularmente. 4 — Vestido de crêpe *romain* coral rosa. Babados en-forme guarnecem a saia.

As victimas do "Saint-Philibert".

Um dos poucos sobreviventes da grande catastrophe do "Saint-Philibert". Nadou elle carregando sua esposa 1.800 metros, mas ella não poude resistir.

ser salvos; os outros, em numero de 128, pereceram.

No dia 5 de agosto de 1906, o *Sirio*, vapor italiano, afundou perto de Carthagena com mais de 200 passageiros.

No dia 22 de fevereiro de 1907, o steamer inglez *Berlin*, atirado por uma tempestade sobre as costas da Hollanda, perto de Rotterdam, afundou com 150 victimas.

O *Poitou*, da Companhia dos Transportes Maritimos, afundou nas costas do Uruguay no dia 4 de maio de 1907, fazendo 58 victimas.

O steamer espanhol *Larache* fez naufragio no dia 25 de junho de 1908, perecendo 85 pessôas. No dia 14 de novembro de 1909, ao largo da peninsula de Malacca, o *Seyne*, vapor francez, desappareceu com 101 passageiros.

No mesmo anno, dois steamers japonezes esbarraram perto de Tcha-Fo, fazendo 700 victimas.

No mez de fevereiro de 1910, o vapor *Général Chanzy* naufragou sobre os recifes da ilha Minorca. Um unico passageiro conseguiu salvar-se; desappareceram 156 pessôas.

No mez de abril de 1912, a mais horrivel das catastrophes, a do *Titanic*. Era a primeira viagem desse transatlantico, o maior e mais luxuoso dos vapores entre os que existiam então. Essa primeira viagem não foi terminada. Apanhado por um immenso iceberg, o *Titanic* afundou em alguns minutos, levando para o fundo do mar 1.415 victimas.

Em 1913, o incendio, no mar alto, do vapor *Volturno* fez 136 victimas.

No mez de maio de 1914, o vapor *Empress-of-Ireland*, esbarrou devido ao nevoeiro na embocadura do Saint-Laurent, com um navio carvoeiro, afundando em dezenove minutos. Era de manhã. Os passageiros, que ainda estavam deitados, não tiveram nem o tempo de sahir das suas cabines. O numero das victimas subiu a mais de 1.000.

Passaremos sobre os sinistros maritimos devidos aos torpedeamentos durante os quatro annos de guerra. Desprezando as leis da humanidade, vapores como o *Lusitania* foram afundados com todos os passageiros. Nisso não foi o mar culpado. Milhares de civis morreram assim victimas dos processos de guerra os mais horriveis e deshumanos.

O "Saint-Philibert".

No mez de janeiro de 1921 o vapor espanhol *Santa-Izabel*, vindo das Canarias, perdeu-se na altura da ilha de Salvora fazendo mais de 150 victimas; no anno seguinte, o vapor *Egypt*, correio das Indias, esbarrou com um cargueiro francez ao largo da ilha de Ouessant e afundou em vinte minutos, fazendo mais de cem victimas.

No dia 18 de agosto de 1926, o vapor de excursão *Mac-Kinal* sossobrou em Narragansett Bay com 47 passageiros; no dia 25 de outubro de 1927, o steamer italiano *Principessa Mafalda* naufragou ao largo das costas do Brasil, fazendo 314 mortes.

Em 1928, no dia 12 de novembro, o vapor inglez *Versis* afundou a 40 milhas do cabo Virginia: 110 vidas humanas foram perdidas.

No dia 30 de agosto de 1929 o *San-Juan* naufragou na bahia de Santa-Cruz, fazendo 70 victimas.

No dia 9 de setembro de 1929, no golfo de Finlandia, o *Coster-Kuru* naufragou fazendo 100 victimas, sendo a maior parte creanças.

Juntando a todos esses algarismos o de 500 victimas do *Saint-Philibert*, a ultima grande catastrophe, vê-se que em menos de quarenta annos milhares de victimas fizeram os naufragos.

E não foram contadas as victimas dos pequenos naufragios, dos pobres pescadores de todos os paizes que affrontam as tempestades nas suas pequenas embarcações. Seriam ainda alguns milhares de mortos que teriamos que juntar aos já citados.

Preceitos de hygiene

O SOL REMEDIO

O sol, grande gerador da energia, será o maior remedio do seculo XX.

Tenho especial predilecção pelos dias claros, pelo sol, pela luz bella e vivificante, diz o dr. Renato Kehl no seu livro a "Biblia da Saude". Os dias limpidos e radiantes são alegres e estimulantes; os dias sombrios, pardacentos ou chuvosos, ao contrario, são tristes e desalentadores.

Quando, pois, penetro em um escriptorio, *atelier* ou officina, vedados á sua vista purificante, illuminados pela luz electrica, gaz ou outro qualquer meio artificial, fico com pena dos que são obrigados a permanecer á sombra, á labuta penumbrosa, sem a benefica influencia desse grande astro cujos olhos se acham voltados para a vida e o coração sempre prompto para reaquecel-a.

O trabalho em local artificialmente illuminado, durante semanas, mezes e annos, como acontece a guarda-livros, costureiras e outros, é prejudicial á saude, é debilitante. Triste

A primeira Academia da Moda

Situada num arrabalde de Berlim está sendo muito frequentada por jovens dos dois sexos.

O director R. Dillenz dando uma aula.

Alli aprende-se tudo: cortar, armar, desenhar os modelos e coser.

Para os sports, gorro e echarpe de lã escoceza. Bolsa de velludo cinzento, toda pespontada com seda preta. Fecho de crystal branco e preto. Bolsa, sapato e luvas de camurça de dois tons de marron. Carteira para cigarros, de crocodillo pardo, com uma cinta de ouro.

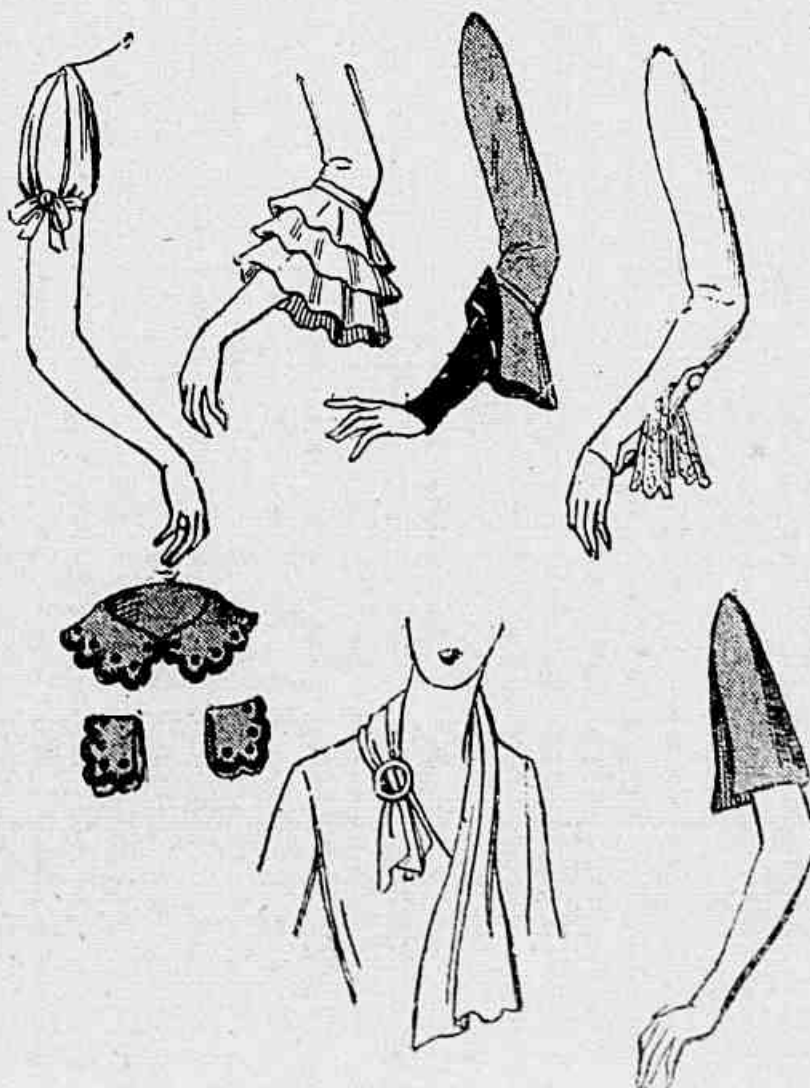
e nociva é a existencia sedentaria, com a lampada electrica pendente sobre a cabeça, emquanto lá fóra brilha com fulgor o sol da vida e da alegria.

Watson, estudando as condições atmosphericas e o rendimento industrial de uma fabrica, teve occasião de observar a influencia da illuminação sobre o rendimento do trabalho. "A illuminação, disse elle, tem uma acção consideravel sobre a producção: com a luz artificial o rendimento é inferior de 11 por 100 ao obtido com a luz natural".

A luz é a vida. Para se ter saude é indispensavel viver ao ar livre, ao sol. Para as creanças, então, é um milagroso factor de robustecimento, indispensavel para o desenvolvimento regular do organismo. Ao amanhecer dos dias bellos de sol, devem as mães dar ás creanças liberdade para receberem os seus effeitos therapeuticos; o sol é remedio, é desinfectante, é excitante da vida cellular; embora gratuito, vale mais que todos os tonicos reconstituintes das pharmacias. O passeio matinal ás praias, ao campo, aos jardins, premune as creanças do rachitismo, da escrofulose, da anemia, da tuberculose, dando-lhes ainda energia para enfrentar as investidas morbidas.

Desde a mais alta antiguidade é conhecida a efficacia prophylactica e curativa do sol, considerado divindade suprema nas eras millenarias. A luz compõe-se de sete côres fundamentaes, indo do vermelho ao violeta, perceptiveis no arco-iris; comprehende, ainda, radiações invisiveis, infra-vermelhas e ultra-violetas.

A estas ultimas dá-se particular importancia biologica. Attribuem-se-lhes tres ordens de radiações, conforme o comprimento da onda, a maxima ou extrema (vizinha da dos raios X), a radiação média e a ordinaria. As primeiras são fortemente abioticas (esterilizantes, desinfectantes): em tempo relativamente curto destróem o bacillo de Koch, o bacillo do carbunculo, as verrugas. As radiações médias são estimulantes, acceleradoras das trocas cellulares e das oxydações.

Felizmente a luz solar é pobre em raios ultra-violetas extremos, quasi inteiramente absorvidos pelas camadas atmosphericas; comprehende cerca de 7%

As mangas, no primeiro modelo para um vestido de baile, são abertas e amarradas em baixo por um laço de fita. No segundo, a manga termina por ter tres babados. No terceiro, a manga tem um punho de setim preto e o babado é forrado com o mesmo setim. No quarto a guarnição de renda do punho é mantida por uma tira abotoada. O quinto, modelo é duma manga curta e aberta. Para um vestido singelo a golla e punhos festonados e bordados com bolas. A golla-echarpe é ao mesmo tempo graciosa e pratica.

de radiações ordinarias e médias, das quaes necessitamos para a conservação da saude.

A belleza e vigor de muita gente adulta, de muitas creanças dependem do regimen solar, cuja materia prima é facil, gratuita e abundantemente offerecida aos que della necessitam. Resta saber aproveital-a convenientemente, para colher os melhores beneficios.

A cura pelo sol é facto incontestavel e constitue a heliotherapia, indicada para as creanças debeis, pretuberculosas.

1 — Vestido de linho de fantasia; cinto, golla e jabot de linon de côr. 2 — Vestido de fustão de fantasia. Frente de linon branco com preguinhas e botões de lingerie.

Santo Ansgar, padroeiro de Hamburgo

Foi festejado com grande pompa o millesimo anniversario de S. Ansgar, em Hamburgo, por ser esse santo o padroeiro d'aquella cidade.

A princeza Clementina, da Belgica

(Princeza Napoleão)

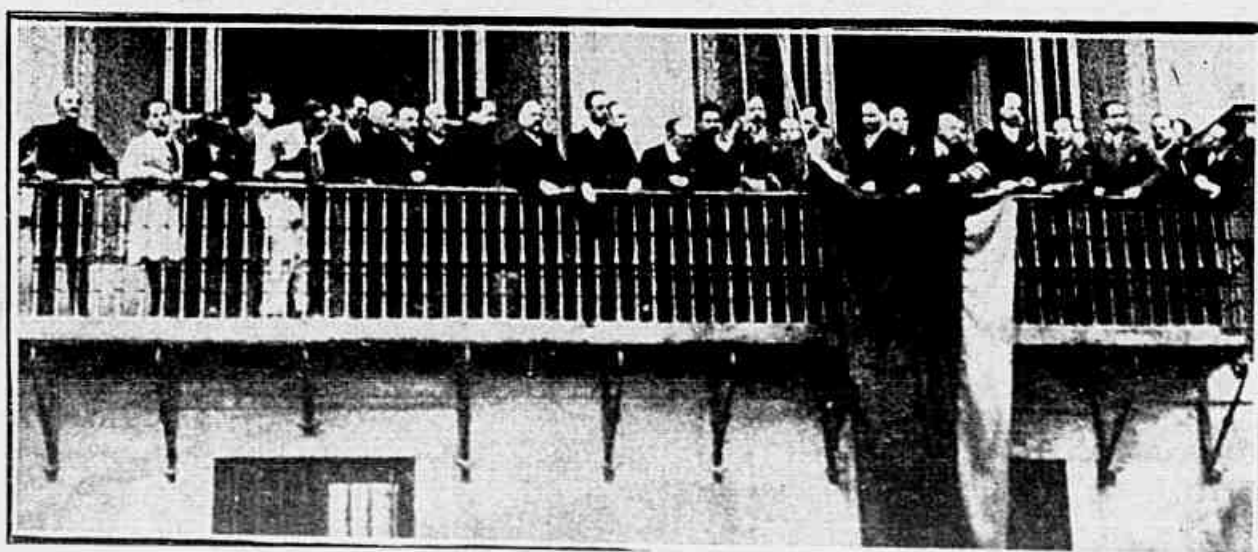
Aquelles que vão a Bruxellas e atravessam a avenida Luiza vêem muitas vezes passar uma senhora eminentemente distincta com ar ao mesmo tempo amavel e tristonho. Aos cumprimentos respeitosos que recebe, responde por uma inclinação da cabeça e por um sorriso.

Sabe-se querida pelo povo belga, que não cessou de ver nella a ultima filha do seu grande rei.

A princeza Clementina nasceu no castello de Laeken, no dia 30 de julho de 1872, oito annos depois da sua irmã a princeza Estephania, a infeliz esposa do archiduque Rodolpho. A mais velha, a princeza Luiza, tinha-se casado com o principe de Saxe. A princeza Clementina cresceu na bella residencia entristecida com a morte do unico filho. Viu partir as duas irmãs para seus differentes destinos. Uma tinha tomado o caminho da Allemanha, a outra o da Austria. Clementina ficou só no lar real, severamente guardada pelo despotismo d'um pae que ficou até á morte soberano senhor na sua casa como no seu reino. Suas irmãs não foram felizes. Elle queria para essa uma união que pudesse ao mesmo tempo satisfazer seu orgulho e seu coração.

No emtanto a jovem desprezando as uniões brilhantes, que lhe eram offerecidas, não poude ver sem emoção os avanços discretas que um principe francez exilado na Belgica fazia junto do rei para obter a mão da sua caçula.

Era na época em que o

A Espanha republicana

Momento Historico — A bandeira vermelha, ouro e violeta da Republica foi içada pela primeira vez ás 4 horas da tarde do dia 14 de Abril na Municipalidade de Madrid.

Princeza Napoleão.

principe Victor-Napoleão, filho mais velho do principe Jeronymo, soffria a lei de banimento que attingia todos os membros da sua familia; vivia na encantadora capital da Belgica, sempre tão hospitaleira para aquelles que lhe iam pedir asylo.

A princeza Clementina soffreu atrozmente com a decisão do pae que lhe prohibia pensar no unico casamento que ella desejava.

Submetteu-se no emtanto como filha docil; mas seu coração continuou a pertencer áquelle que, primeiro, tinha sabido fazel-o bater. Jurou não acceitar outro esposo senão o principe Victor e manteve o seu juramento.

Elle tambem, por seu lado, ficou surdo a todos os avanços que lhe foram feitos em vista d'uma união vantajosa. Os jovens tinham jurado fidelidade até ao dia em que a sorte lhes permittisse realizar o voto que ambos tinham feito.

Annos, longos annos passaram sem que em nada mudassem os seus sentimentos.

Viu-se a princeza em Cannes, em Nice, na Italia e na Belgica presidir a festas, honrar com a sua presença differentes bailes, com aquelle mesmo sorriso calmo e resignado que faz seu maior encanto: entre todos os pretendentes que se apresentavam para obter a sua mão, nenhum foi acceito.

Emfim a admiravel constancia desse casal foi recompensada. Depois da morte do rei, a princeza, tornando-se livre de dispôr da sua pessoa, casou com aquelle que tinha esperado por ella. O casamento que terminou esse lindo romance foi celebrado em Moncallieri, no dia 14 de novembro de 1910.

Essa união foi perfeitamente feliz.

O principe Napcleão morreu no dia 3 de maio de 1926, deixando dois filhos sobre os quaes depoz todas as suas esperanças e todo o seu orgulho a princeza viuva.

O mais velho, o principe Napoleão—Luiz—Jeronymo—Victor—Emanuel—Leopoldo—Maria nasceu em Bruxellas no dia 23 de Janeiro de 1914.

Representa aos olhos dos bonapartistas o chefe da illustre casa. Sua irmã, a princeza Clotilde, tem mais tres annos que seu irmão. A sua belleza, sua graça são muito citadas tanto na Belgica como na França, onde sua mãe a leva muitas vezes.

A vida da princeza Clementina reparte-se entre esses dois entes que adora, aos quaes dedica todo o seu tempo.

Pela sua origem — teve por avó a filha de Luiz Philippe — tanto como pelo seu casamento com o descendente do imperador, a princeza é duplamente franceza, apezar de ter nascido belga e amar profundamente o seu paiz.

Depois do desapparecimento do principe Victor, a princeza Clementina continuou a tradição que quer que todo visitante da França seja bem acolhido na residencia da avenida Luiza. E' alli, não longe do bosque de Lacambre, que é para Bruxellas o que é para Paris o bosque de Bolonha, que são dadas as encantadoras recepções ás quaes a melhor sociedade da cidade acha uma grande honra em ser convidada.

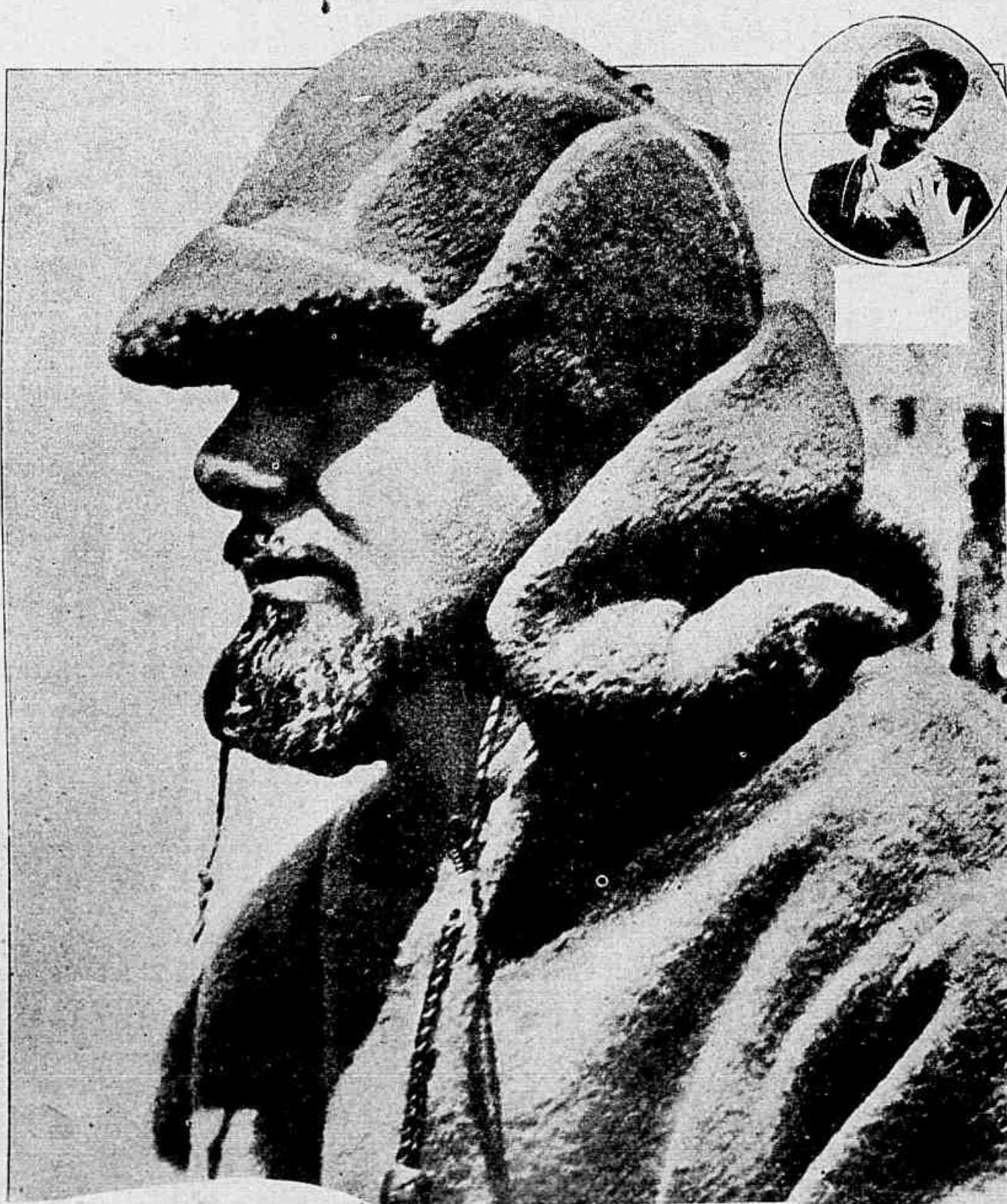
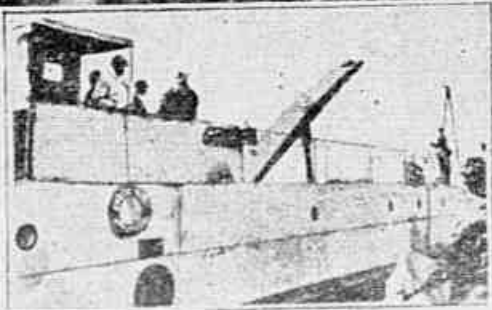
A princeza é ajudada, nos seus deveres de dona de casa, pela encantadora princeza Clotilde e pelo seu filho, que já se sabe fazer querido de todos que delle se approximam.

A princeza Clementina é muito culta. Adora a musica e interessa-se por todas as artes.

No inverno mora em Bruxellas e no verão vae com os filhos para sua propriedade de Ronchinne, onde leva uma vida tranquilla e póde dar os passeios que tanto aprecia e entregar-se á leitura de que ella tanto gosta.

Saia de srepe marocain marron: os panneaux dos lados formam a pala.

O baptismo do "Nautilus"

Lady Wilkins, sua madrinha, atirou, com uma taça de prata, um pouco d'agua gelada sobre elle. Lady Wilkins está á direita; á sua esquerda está o neto de Julio Verne (o de casaco de golla de pelle), que foi especialmente convidado para assistir á cerimonia do baptismo do *Nautilus*.

Sir Hubert Wilkins, que emprehendeu uma nova viagem ao Polo Norte a bordo do seu submarino *Nautilus*. *No medalhão:* Lady Wilkins. *Ao lado* vê-se o braço de ferro, com seis metros de comprimento, que toca na camada de gelo quando a embarcação está submersa.

O Supremo Tribunal norte-americano

O Supremo Tribunal norte-americano é a mais respeitavel corporação do mundo.

Póde se dizer que, na orbita juridica, elle representa o que o Senado romano representava na ordem politica: uma assembléa de notaveis que, em Roma, se comparavam aos reis e que em Washington formam realmente uma congregação de justos, de sabios e de patriotas; a maior força moral organizada.

Por essa razão é que esse paiz marcha sempre para o progresso.

Pensamento

Se fossemos mesmo fortes, não pensariamos no amor.

O fructo da perturbação não aproveita em geral a quem a provocou: bate e suja a agua para outros pescadores.

MONTAIGNE.

Qual é a maior rapidez obtida por uma embarcação?

Esse record pertence a um barco automovel. O americano Garwood, que diversas vezes tinha tentado bater o record de rapidez em barco-automovel, conseguiu melhorar o record do fallecido Henry Seegrave, realisando a extraordinaria média de 162 kilometros 788 á hora.

O precedente record era de 158 kilometros 35.

O duque de Choiseul, sabendo que Voltaire tinha passado para seu successor os versos que o elogiavam antes da sua desgraça e seu exilio, mandou fazer um catavento com a cabeça de Voltaire e mandou collocal-o sobre a mais alta chaminé do seu palacio como esta inscripção: "Viro com todos os ventos".

Pensamentos

Sê sempre verdadeiro, serás grande.

❄

Em amor a mulher está em sua casa, o homem é sempre o convidado.

E' preciso ás vezes curvar a cabeça para melhor erguel-a.

❄

Se quizeres ser forte, sê severo para comtigo mesmo.